

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LUCAS BAPTISTA ALBERTONI

Relacionamento amoroso conjugal duradouro na contemporaneidade:
uma análise fenomenológica de vivências

Belo Horizonte

2016

LUCAS BAPTISTA ALBERTONI

**Relacionamento amoroso conjugal duradouro na contemporaneidade:
uma análise fenomenológica de vivências**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Linha de pesquisa: Cultura, Modernidade e Subjetividade

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sônia Regina Corrêa Lages

Belo Horizonte

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte e respeitados os direitos autorais.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais

150

A334r

2016

Albertoni, Lucas Baptista

Relacionamento amoroso conjugal duradouro na contemporaneidade [manuscrito] : uma análise fenomenológica de vivências / Lucas Baptista Albertoni. - 2016.

152 f.

Orientadora: Sônia Regina Corrêa Lages.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Fenomenologia - Teses. 3. Amor – Teses. 4. Companheiro conjugal – Escolha – Teses. I. Lages, Sônia Regina Corrêa. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



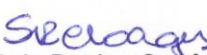
FOLHA DE APROVAÇÃO


Relacionamento Amoroso Conjugal Duradouro na Contemporaneidade: Uma Análise Fenomenológica de Vivências

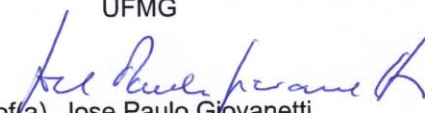
LUCAS BAPTISTA ALBERTONI

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração PSICOLOGIA SOCIAL, linha de pesquisa Cultura, Modernidade e Processos de Subjetivação.

Aprovada em 28 de março de 2016, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Sônia Regina Corrêa Lages - Orientador
UFMG


Prof(a). Adriano Roberto Afonso do Nascimento
UFMG


Prof(a). Jose Paulo Giovanetti
FEAD

Belo Horizonte, 28 de março de 2016.

A todos aqueles
que já se banharam com os prazeres, as alegrias
e as realizações com que o amor brinda...
E a todos aqueles
que já choraram, sofreram
ou se rastejaram por ele.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Adriano do Nascimento, um grande exemplo de pesquisador e profissional, cuja presença, do início ao fim do processo, foi crucial para o amadurecimento deste trabalho.

Ao professor José Paulo Giovanetti, que sempre explícita e implicitamente expediu fagulhas de incentivo, reforçando a minha crença no meu próprio potencial.

À minha orientadora, professora Sônia Lages, por ter sido um anjo que me adotou em meio a um turbilhão de entraves e que nunca deixou de me proporcionar compreensão, tranquilidade e carinho. Ademais, por toda a confiança na minha capacidade e na minha destreza para realizar o trabalho.

Aos professores e amigos Yuri Gaspar e Roberta Vasconcelos, que, mesmo distantes fisicamente, sempre se colocaram à disposição para contribuir com o necessário.

Ao Renato Alcici, que me abriu muitas portas na vida e que certamente também influenciou a seriedade com que aprendi a lidar com meus compromissos.

Ao professor e amigo Antonio Coppe, com quem aprendi meu verdadeiro valor e sua incorruptibilidade.

Ao professor e amigo Tércio Barbosa, por todos os ensinamentos, paciência e generosidade. Sem tudo isso, este trabalho seria seguramente menos preciso ou, talvez, quem sabe, nem chegasse a acontecer.

À Nathalia Campos, pela precisão, agilidade e dedicação na revisão do trabalho. Sobretudo pelo *feedback* tão positivo na leitura, com palavras motivadoras, que foram fonte de empoderamento para mim.

Ao amigo e médico Bruno Campos, pelo acompanhamento personalizado, assim como às fisioterapeutas Ana Paula Oliveira e Mariana Leão, que trabalharam intensamente no alívio das dores que vieram ameaçar a concretização da pesquisa.

À Jane Barcelos, por toda a escuta que me proporcionou nos últimos meses, por ter facilitado a expressão de minhas próprias ideias e a diluição da tensão inerente ao processo.

Ao meu primo-irmão Diogo, que acompanhou a trajetória do meu mestrado com carinho e interesse genuínos; que me segue de perto e cuida de mim desde tenra idade.

Aos meus irmãos, Matheus e Victor, pela grande parceria que temos na vida e pela preocupação expressa durante todo este tempo. Foi um cuidado especialmente reconfortante.

Aos meus pais, Noeme e Magela, que sempre tiveram como prioridades a minha educação e o apoio às minhas escolhas. Por todo o esforço que fizeram e continuam fazendo para me oferecer as melhores condições para que eu possa seguir adiante. Sempre.

À Eliza, que me possibilitou e continua possibilitando aprender mais e mais sobre o amor e sua indumentária. Além disso, por toda a paciência a mim estendida para suportar os infortúnios em nome do meu sonho.

A todos que puderam prestar seu depoimento para a concretização do estudo e a todos que, algum dia ou de alguma forma, compartilharam comigo suas histórias de amor.

De todo o seu poder
nenhum se pode esperar;
nenhuma luz porque está cego
nenhum conselho, porque é menino
nem tréguas porque anda armado;
nem alívio algum porque
é açoite dos seus sequazes
e o verdugo de seus vassalos.

Sobre uma visão do amor

RESUMO

Albertoni, L. B. (2016). *Relacionamento amoroso conjugal duradouro na contemporaneidade: uma análise fenomenológica de vivências*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

O objetivo central deste trabalho foi investigar como se configura a estrutura da experiência de relacionamentos amorosos conjugais duradouros na contemporaneidade. Em relação aos objetivos específicos, tomou-se por metas: 1) compreender o caráter do duradouro nos relacionamentos amorosos conjugais; 2) compreender a dinâmica das relações entre relacionamento amoroso, conjugalidade, duradouro e/ou sentido de permanência; 3) sistematizar a especificidade da experiência apreendida em suas ligações com a contemporaneidade. Para empreender o estudo, foi feita uma pesquisa de campo na região da Grande Belo Horizonte junto a pessoas que vivem essa modalidade de relacionamento, selecionadas a partir de critérios objetivos (amostra intencional). Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e de caráter não diretivo, para preservar o dinamismo característico da experiência. No intuito de alcançar uma melhor compreensão sobre o fenômeno estudado e para compor o trabalho, foi realizada uma revisão detalhada da literatura sobre o amor a partir de uma cronologia histórica, assim como a aproximação a algumas de suas concepções. Em seguida, abordou-se a contemporaneidade em seus diversos nomes segundo uma perspectiva sociológica pós-moderna, para situar o contexto da investigação. Postas as definições do amor e extraído o problema de pesquisa, oriundo das configurações atuais de sociedade e de como o próprio amor é nela vivido, iniciou-se o trabalho de campo. Foram expostos os trechos das entrevistas previamente gravadas e transcritas, que revelavam mais claramente o fenômeno investigado. A análise fenomenológica se fez presente nesse momento e contribuiu para o alcance de unidades de sentido que, em seguida, foram discutidas amplamente, após serem sintetizadas em três eixos: 1) a experiência do amor conjugal duradouro enquanto desprovida do romântico; 2) a experiência do amor conjugal duradouro enquanto estruturante da pessoa e 3) a experiência do amor conjugal duradouro como abertura. Na análise do modo como os sujeitos elaboram sua experiência, compreendeu-se a sua estrutura como integradora de amor desromantizado e abertura, articulados pelos elementos da segurança e da busca da verdade (conhecimento).

Palavras-chave: Fenomenologia. Amor. Conjugalidade. Duradouro. Contemporaneidade.

ABSTRACT

Albertoni, L. B. (2016). *Long-lasting conjugal love relationships in the contemporaneity: a phenomenological analysis of experiences*. Master's Thesis, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

The main objective of this study was to investigate how the structure of the experience of long-lasting conjugal love relationships is configured. With regard to specific objectives, the goals were: 1) to understand the nature of the long-lasting experience in conjugal love relationships; 2) to understand the dynamics of the relations among love relationships, conjugality, long-lasting experience and/or meaning of permanence; 3) to systematize the specificity of the apprehended experience in its connections with contemporaneity. To accomplish this endeavor, field research was conducted in the Greater Belo Horizonte area with people selected through objective criteria (intentional sample), who experience the referred relationship model. For the data collection, non-directive and semi-structured interviews were conducted to preserve the dynamics of the experience. In order to achieve a better understanding of the studied phenomenon and to compose this study, a detailed revision of the literature about love from a historic chronology, as well as an approach to some of its conceptions, were done. Posteriorly, contemporaneity was addressed in its assorted names according to a post-modern sociological perspective to set the context of the investigation. Having placed the love definitions and extracted the problem of the investigation, which arises from the current configurations of society and from how love is lived in it, the fieldwork was initiated. Excerpts from previously recorded and transcribed interviews, which more clearly revealed the phenomenon investigated, were exposed. The phenomenological analysis was used at this moment and contributed to the achievement of meaningful units, which were discussed more broadly after being synthetized in three axes: 1) the experience of long-lasting conjugal love as deprived of romanticism; 2) the experience of long-lasting conjugal love relationship as person structuring and 3) the experience of long-lasting conjugal love as openness. In the analysis of how the subjects elaborate their experience, it was possible to understand the structure as integrating non-romantic love and openness, which were articulated by the elements of safety and search for truth (knowledge).

Keywords: Phenomenology. Love. Conjugality. Long-lasting experience. Contemporaneity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 - O amor até agora	17
1.1 Sobre amor e conjugalidade	17
1.2 História do amor	18
1.2.1 Idade Média.....	19
1.2.2 Idade Moderna e Brasil colonial	23
1.2.3 Idade Contemporânea.....	27
1.3 Algumas concepções	30
1.3.1 Foucault e a sexualidade.....	31
1.3.2 Amor-romântico, posse e aprisionamento.....	33
1.3.3 Transformações, amor confluyente e noções conexas	36
1.3.4 O que sobrou do amor para o agora	39
CAPÍTULO 2 - O amor agora.....	41
2.1 Sobre a terminologia.....	41
2.2 Modernidade X pós-modernidade	42
2.3 Pós-modernidade e objetos de consumo.....	45
2.4 Sociedade de produtores X sociedade de consumidores	48
2.5 Retrato do indivíduo pós-moderno.....	51
2.6 O amor na pós-modernidade	55
CAPÍTULO 3 - Referencial teórico-metodológico para uma fenomenologia dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros	63
3.1 Subjetividade em psicologia.....	63
3.2 Fenomenologia, subjetividade e intersubjetividade	64
3.3 Intersubjetividade e relacionamento amoroso conjugal duradouro.....	67
3.4 Análise fenomenológica e procedimentos metodológicos	68

CAPÍTULO 4 - A face do amor conjugal duradouro: análise das entrevistas.....	72
4.1 Entrevistada: Maria Rita.....	72
4.1.1 Síntese de Maria Rita	79
4.2 Entrevistada: Polyanna	81
4.2.1 Síntese de Polyanna.....	91
4.3 Entrevistado: Castanheira.....	93
4.3.1 Síntese de Castanheira.....	109
CAPÍTULO 5 - Ampliação do encontrado X redução fenomenológica: discussão dos resultados.....	114
5.1 Apresentação geral	114
5.2 A experiência do amor conjugal duradouro enquanto desprovida do romântico.....	116
5.2.1 O desromantizado como acontecimento do duradouro	117
5.2.2 O desromantizado como indeterminação e incerteza	118
5.2.3 O desromantizado como desidealizado e medíocre	121
5.3 A experiência do amor conjugal duradouro enquanto estruturante da pessoa	124
5.3.1 A segurança como elemento estruturante.....	125
5.3.2 A busca pela verdade como elemento estruturante	127
5.4 A experiência de relacionamento amoroso conjugal duradouro enquanto abertura..	131
5.4.1 Abertura como decisão de permanência.....	132
5.4.2 Abertura como acontecimento do duradouro	134
5.5 Síntese da experiência-tipo dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros ..	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS.....	142
ANEXOS.....	150
Anexo 1.....	150
Anexo 2.....	152

INTRODUÇÃO

Por ser tão polêmico quanto complexo e abrangente, o fenômeno amoroso é um tema de difícil compreensão. Por esse motivo, é abordado em inúmeras áreas, como a história, a filosofia, a sociologia e a psicologia, nas quais estudiosos partem de referenciais teórico-críticos igualmente diversos. O amor se faz presente tanto na cronologia da história – desde a Antiguidade, como, por exemplo, nos belíssimos diálogos em *O Banquete*, de Platão (2008)¹ –, quanto em obras contemporâneas do século XXI. Não menos importante, na literatura e nas telenovelas, nas esquinas e nos bares, o amor afirma sua presença no cotidiano e no imaginário popular. Não se desatualiza, não se corrompe, não se destrói, não se esgota, ainda que exaustivamente representado e discutido. No que diz respeito aos esforços por defini-lo, o amor parece torná-los vãos, por carregar em sua essência mesma uma aporia: ser mistério.

Diante da multiplicidade de eixos e áreas envolvidas em seu estudo, há variadas complicações na abordagem do tema, que, em seus excessos, despejam incontáveis inferências capazes de gerar confusão e desorientação. Posto isso, é necessário rigor no trabalho de conhecimento e precisão na definição do objeto. No entanto, é prescrito transitar em conhecimentos sortidos, pois onde há complexidade há recrutamento de fontes plurais para se produzirem saberes sobre o que está em questão. É empobrecedor e desaconselhável, portanto, falar de amor sem contemplar um amontoado de áreas e, ao mesmo tempo, sem ser específico.

Quanto ao empreendimento que se materializa na forma desta dissertação, recortou-se bem o objeto tomado para investigação: o *amor conjugal*, afinal, trata-se de uma modalidade escassa quando o qualificativo “duradouro” é inserido, que afunila um campo e levanta curiosidades estimulantes ao debruce. Na verdade, a inclinação é justamente para este duradouro presente nessas relações, fenômeno entendido como desconhecido em seus aspectos importantes.

Há a visão do amor enquanto um sentimento autônomo em relação às interações sociais, de caráter romântico-idealista, vivido na contemporaneidade como responsável pela felicidade e pelo sofrimento, ou até mesmo visto como justificção da existência (Beauvoir, 1990; Freire Costa, 1998; Oltramari, 2009; Pretto, Maheirie, & Toneli, 2009; Sartre, 1943/2013). Por outro lado, o amor pode ser entendido enquanto um modelo construído como

¹ A indicação é de que os referidos diálogos platônicos datam de 427-347 a.C.

projeto a dois, um fenômeno de caráter relacional que acontece, ou uma possibilidade de encontro constante que usa de liberdade mediante negociação, abertura e comunicação direta em prol da continuidade de uma relação afetiva (Buber, 2015; Frankl, 1977/2015; Guardini, 2002; Rogers, 1976, 2001; Rogers & Kinget, 1977; Von Zuben, 1981). Não poderia deixar de ser abordada uma perspectiva sócio-histórica do amor (Costa, 2005; Neves, 2007). Há uma bibliografia vasta para complementar toda a discussão presente sobre o que é tal amor (conjugal), a qual fundamenta a investigação posterior sobre o duradouro.

A atenção à entrada dos relacionamentos na lógica do consumo é pertinente para o diálogo a respeito da transformação que sofreram em mercadoria e da aquisição de características racionais de uma cultura, que, caracterizada pelo excesso, estimula o efêmero e provoca o descarte das relações tanto quanto o próprio descarte de objetos consumíveis (Baudrillard, 1995; Bauman, 2004, 2007, 2008; Illouz, 2011; Lipovetsky, 1989, 2004, 1987/2009). Esses autores justificam um modo de funcionamento que privilegia os prazeres imediatos, uma aceleração descomunal e uma consolidação do individualismo contemporâneo. Segundo as características expostas da época vigente, focalizada por tais autores, parece ser impossível sustentar uma relação duradoura. Mas isso é ponto de partida para se pensar o oposto, pois, apesar de as relações humanas virem se tornando mais frágeis e de haver um afrouxamento de laços na contemporaneidade (Bauman, 2004), observa-se que existem indivíduos que ainda permanecem em relações duradouras: um movimento contrário à lógica social.

O amor carrega enorme peso em sua história e deixa rastros que influem diretamente no presente a partir de seu passado. A herança de suas raízes e de concepções prévias é nada menos que material para solidificar e potencializar a discussão (Barros, 2011; Cristófano, 2012; Del Priore, 1999, 2001, 2005; Duby, 1989; Giddens, 1993; Rüdiger, 2012; Sacramento, 2006; Santos, 2005). Com base na fenomenologia e tendo como referência a análise fenomenológica (Ales Bello, 2004, 2006; Amatuszi, 1996, 2009; Husserl, 1952/2006a, 1924/2006b; Stein, 2003; van der Leeuw, 1933/1964), a presente investigação se propõe a uma aproximação dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros, especialmente levando em conta a experiência enquanto vivida e compartilhada. O objetivo geral é investigar como se configura a estrutura da experiência de relacionamentos amorosos conjugais duradouros na contemporaneidade. Em relação aos objetivos específicos, tomou-se por metas: 1) compreender o caráter do duradouro nos relacionamentos amorosos conjugais;

2) compreender a dinâmica das relações entre relacionamento amoroso, conjugalidade, duradouro e/ou sentido de permanência; 3) sistematizar a especificidade da experiência apreendida em suas ligações com a contemporaneidade.

No primeiro capítulo, intitulado “O amor até agora”, o leitor será introduzido à modalidade do amor que está sendo abordada pelo estudo e terá a chance de revisitar a história do amor, principalmente no curso das idades Média, Moderna e Contemporânea. Todo o percurso será realizado na prática de um exercício de comparações, de modo a apreender traços comuns entre as épocas, no intuito de identificar espólios ocultos, implícitos ou escancarados na vivência do amor nos dias atuais. Serão sucessivamente apresentadas algumas concepções sobre o amor que tendem a enriquecer a discussão, fazendo a ponte entre o amor discutido sob o prisma de uma história tradicional (cronológica) e de outras formas aderentes a uma pluralidade de sentidos desviantes de modelos causais e lineares.

A passagem ao segundo capítulo, que recebeu o nome de “O amor agora”, acontece suavemente, e o amor é abordado segundo uma perspectiva sociológica pós-moderna, que, passo a passo, visa demonstrar como os relacionamentos amorosos (especialmente os conjugais) são reflexos do contexto em que se inserem. De definições a profundas reflexões, procura demonstrar as estreitas relações entre o consumo de objetos e o consumo de relações. Daí se extrai o problema de pesquisa, afinal, o objeto estudado é um contraponto ao funcionamento explicitado neste capítulo.

O terceiro capítulo, “Referencial teórico-metodológico para uma fenomenologia dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros”, é uma exposição do que embasa e dá orientação ao trabalho de campo a partir da elucidação de conceitos vitais. O conteúdo abrange, dessa forma, um aporte teórico compatível com a metodologia e com os procedimentos metodológicos e traz algumas peculiaridades da análise fenomenológica, que foi a aproximação escolhida para se dirigir aos fenômenos.

Em seguida, temos o exame dos depoimentos colhidos em campo já como resultados no quarto capítulo, nomeado “A face do amor agora: análise das entrevistas”. A partir de trechos selecionados das transcrições de entrevistas realizadas e de seus respectivos ensaios descritivos, foi exequível extrair unidades de sentido reveladoras do fenômeno estudado. Bem trabalhadas em suas reduções, as experiências subjetivas aparecem ofertando sustentáculo para o capítulo final. Estas, apesar de exploradas na perspectiva de resultados, não se apresentam enquanto produto último.

O corolário acontece, pois, no quinto e último capítulo, “Ampliação do encontrado X redução fenomenológica: discussão dos resultados”, em que se discutem alguns eixos apontados pelas unidades de sentido que se formaram mediante as experiências apreendidas. Nesse ritmo em direção às essências, a produção culmina na formulação da experiência-tipo dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros, em resposta às perguntas que guiaram o processo e cumprindo com os objetivos estipulados.

Por fim, as “Considerações finais” são um prosseguimento da discussão sobre os elementos encontrados, que incitam reflexões finais, mas não menos importantes, sobre a experiência do amor e de relacionamentos amorosos, e arremata o trabalho em tom de abertura às apreensões advindas da construção.

CAPÍTULO 1

O amor até agora

1.1 Sobre amor e conjugalidade

Amor-ágape, amor-espiritual, amor-paixão, amor-romântico, amor-casto, amor-moderno e amor-confluyente são exemplos de rótulos presentes na literatura que se dirige ao amor de âmbito conjugal, foco do presente trabalho. Tantas possibilidades provam o tamanho do espectro do amor: mesmo que tomado na expressão da conjugalidade, deixa brilhar uma gama diversificada de termos associados. Torna-se, assim, mais que necessário um debruce sobre essas variadas facetas e perspectivas do amor, para que seja tangível alguma produção de conhecimento sobre ele.

Um caminho possível seria partir da definição de *amor*, para então voltar a atenção à *conjugalidade*, uma vez que a raiz do objeto a ser por ora explorado nesta dissertação está no primeiro termo, e não no segundo. Entretanto, a escolha será lançar primeiramente um olhar à conjugalidade, por esta tratar de nortear todas as definições subsequentes e os caminhos para se trabalhar o amor, já que a análise aqui proposta não se fixará em qualquer variação dele, senão no próprio amor conjugal ou naquelas noções a ele afins.

A conjugalidade é uma dimensão psicológica compartilhada que possui uma dinâmica e um funcionamento específicos (Férez Carneiro & Magalhães, 2003). Trata-se de uma união entre duas pessoas, as quais são representantes de duas individualidades que escolhem formar um casal, assumindo quer queiram ou não uma identidade conjugal, que é una. Logo, a decisão por esse projeto a dois resulta em três produtos: a individualidade número um, a individualidade número dois e a conjugalidade, que constitui número três (Férez Carneiro & Magalhães, 1998). Esta não demanda necessariamente a existência de um contrato formal (Diehl, 2002), ainda que torne possível um relacionamento em que os sujeitos se impliquem e se reconheçam. A não obrigatoriedade de um contrato amplia as possibilidades da conjugalidade, não a limitando ao casamento. Pelo contrário, abre espaço para novos tipos de relação que podem se reconfigurar no tempo e no espaço, estando mais compatíveis com o contexto em que se inserem.

As mudanças no âmbito da conjugalidade são frequentes, o que torna a sua definição trabalhosa, especialmente sem as arestas de um espaço-tempo. Como exemplos, a escolha do

parceiro e a noção de intimidade não foram sempre presentes na discussão sobre o tema, e o erotismo só passou a fazer parte da união conjugal após o século XVIII (Férez Carneiro & Magalhães, 2003). O desenvolvimento do trabalho orientará algumas delimitações a respeito do conceito, que inevitavelmente será mais bem compreendido a partir de sua expressão no amor conjugal. Nessa definição, transparecerá melhor sua forma em conjunto com o amor (ou amores) a ser(em) exposto(s).

Para Saint-Arnaud (1984), a conjugalidade é uma instituição que nasce das demandas sociais e, por outro lado, simultaneamente, é uma formação que germina das necessidades psicológicas de afeto. O autor descreve a construção dessa modalidade relacional como uma necessidade estruturante para os indivíduos em suas buscas incessantes por amarem e serem amados, darem e receberem afeto. Com base nessa perspectiva atual, os indivíduos buscam a configuração da conjugalidade porque esta representa uma possibilidade de atender e potencializar a exigência estrutural relacionada à vivência de afeto, ainda que ela possa assumir muitas configurações díspares, inclusive no que se refere a vários estilos de relações amorosas.

Sabe-se que nos dias de hoje o indivíduo aprende que, pela conjugalidade, terá a chance de vivenciar uma experiência amorosa que se dirige à realização afetiva, independentemente de sua forma de manifestação. Portanto, “conjugal” se refere ao qualitativo de uma união específica entre duas pessoas, que não implica necessariamente contrato e que visa, no presente, realizar a necessidade estruturante de vivência de afeto (ou de amor), estando terminantemente impregnada nas concepções do próprio amor. Justamente por isso há uma dificuldade em se isolar o termo “amor” de “conjugal”.

Após essa breve delimitação da conjugalidade como esfera de estudo do amor neste trabalho, este capítulo enseja um percurso pela história do amor, assim como a apresentação de algumas das ideias mais presentes nas concepções sobre o tema dentro da literatura pertinente.

1.2 História do amor

Nesta seção, serão apresentados três momentos específicos da história do amor: Idade Média, Idade Moderna e Idade Contemporânea. A opção por trazer a história cronológica do amor está relacionada, em primeiro lugar, à necessidade de se conhecer alguns fatos e

tradições que marcaram o passado, para que se possa reunir material para se pensar sobre o fenômeno como parte de um processo. Isso favorece a compreensão de traços e heranças que servem como degraus para o conhecimento do amor e prosseguimento do estudo. Em segundo lugar, a cronologia histórica proporciona uma didática com a divisão temporal, o que oferece a oportunidade de exame comparativo feito quando diante de cortes, onde as partes se mostram independentes e passíveis de uma observação detalhada.

A Idade Média, ainda que marcada por uma concepção do amor como algo inatingível é um período riquíssimo, pois tanto pela exacerbação de uma sensibilidade quanto pela purificação do desejo através do estabelecimento de um modelo eclesiástico que normatizou a moral cristã, contribuiu para manifestações distintas do amor.

O reforço ao modelo eclesiástico que sacramentou o matrimônio elevou o grau de vigilância doutrinal junto às teorias medicalizadoras provenientes da Medicina, as quais favoreceram uma vivência de amor domesticado na Idade Moderna. O olhar lançado às relações entre Brasil e Portugal funcionarão como aporte auxiliar à guisa de acontecimentos que norteiam discussões atuais.

Quanto à contemporaneidade, a grande mudança se relacionou ao direito ao prazer e a incorporação da sexualidade ao casamento, rompendo com certa repressão no universo do amor. Apesar disso, muitas das características dos períodos anteriores continuaram prevalecendo e o tocam em suas manifestações nos dias atuais.

Vale lembrar que existem muitos vieses para se construir uma história sobre o amor e que, neste trabalho, efetuou-se um recorte particular, almejando reunir elementos estabilizadores de uma base teórica convincente para se pensar o tema. A seleção apresentada foi baseada em sérios estudos historiográficos, porém não representa uma totalidade dos fatos e tampouco é concludente ou indiscutível.

1.2.1 Idade Média

O amor cantado em versos através da poesia dos trovadores inspira uma nova sensibilidade, que emerge entre os séculos XI e XIV – o *amor cortês* –, uma derivação do *amor-romântico*, que vem para expressar continência sexual e união mística (Barros, 2011; Del Priore, 2005; Sacramento, 2006). Este amor era distante, ainda que amar fosse desejo e obrigação (Del Priore, 2005), mas trazia especificidades e uma configuração típica.

Romeu e Julieta, assim como *Tristão e Isolda*, são obras representativas dessa espécie de amor, em que obstáculos e dificuldades se demonstram características intrínsecas à paixão e ao amor, sinalizando uma impossibilidade do encontro entre os amantes (Del Priore, 2005). Além disso, uma conexão profunda entre amor e morte parece ser parte da vida do trovador (Barros, 2011). Quando o amante ou a amada não morriam antes da consumação do amor, morria a história no desfecho da união: é justamente nessa consolidação do casamento e do “foram viver felizes para sempre” que o fim do romance é dado. Essa praxe aponta para uma ideia do casamento como monótono justamente por representar o momento em que se dá o fim de qualquer obstáculo para a realização erótica da paixão (Del Priore, 2005), a qual é contida, reprimida e sublimada antes, até que possa ser consumada.

O amor cortês medieval exalta a dama e coloca o cavaleiro em submissão. Este não está desprovido de desejo, mas se empenha na tarefa de purifica-lo, à proporção que reconhece o lado sublime da mulher, seu valor e, portanto, entende que deve recusar a sua dimensão material (corpo), em nome do assentamento de uma relação mais profunda e nobre (Del Priore, 2005). À vista disso, ele se sacrifica a qualquer custo para provar o seu amor, se declarando através da confissão gestual, de uma conversa ou de um simples olhar (Araújo, 2002). Entretanto, não o oferece sem se portar em espera de uma retribuição ou reconhecimento, obviamente nunca associados à entrega do corpo.

Perante a assimilação da ideia do amor cortês, vê-se que ele desempenha um papel específico: o de aperfeiçoamento moral da personalidade do amante (Barros, 2011; Del Priore, 2005), por seu esforço para lidar com a tensão contínua provinda das tentações, malabarismo que troca um dispêndio de energia por uma recompensa legitimada socialmente. Em razão da sublimação e da elevação do espírito, pode-se também considerar a ideia de um *amor-espiritual*. Barros (2011) resume a fórmula das tramas do amor cortês:

o Amador devotado, a Dama idealizada e socialmente inatingível, o marido ciumento (. . .) Da mesma forma, aparecem intrincados neste romance trágico alguns dos tradicionais paradoxos do Amor Cortês: a relação íntima entre Amor e Morte, o imbricamento entre Nobreza e Sofrimento, (. . .), levado até as suas últimas conseqüências [*sic*] trágicas – eis aqui os ingredientes de uma história amorosa que realiza o amor extremo e que o concretiza na metáfora da mulher que sem o saber devora o coração do trovador, ao qual vai depois se juntar no abraço definitivo da própria Morte. (p. 197)

Por fim, Barros ainda assinala um caminho possível para o entendimento da origem do amor cortês. Segundo alguns historiadores, este teria recebido influências da poesia árabe do

Oriente, mediante as trocas do Ocidente com o mundo islâmico. Uma amostra dessa irradiação estaria vinculada à imagem da dama no amor cortês, representação da parte espiritual do homem, “à qual a alma aprisionada no corpo anseia se integrar”. (Barros, 2011, p. 214).

Se já foi trazido o objetivo do amor cortês na Idade Média, há que se entender igualmente o objetivo do matrimônio. Um ponto fundamental é que este acontecia partindo de dois preceitos: o de um modelo leigo, responsável por resolver problemas econômicos através da preservação de patrimônio e de um modo de produção, e o de um modelo eclesiástico que consistia em refrear os desejos e a irrupção da sexualidade (Del Priore, 2005; Duby, 1989). O segundo aspecto representa uma marca que servirá como peça crucial no quebra-cabeça da história do amor.

O modelo eclesiástico, que imprimia ditames sociais, se inicia com a reforma gregoriana do século XI (Del Priore, 2005), que desde já acaba com a poligamia e se estende para bem além da Idade Média. Cabe ressaltar, no entanto, a normatização da moral cristã pela Igreja e o sacramento do matrimônio acontecidos no século XIII (Araújo, 2002) como os eventos de maior interesse deste trabalho, pelo fato de serem precisamente as fontes que permitem o diálogo com o amor no período do Brasil colonial, a ser travado em sequência. O que se sabe, com essa base, é que a vida de solteiros e casados passa a ser regida por uma moral cristã pelo menos até o século XVIII ou até a Revolução Francesa, que a sexualidade no casamento visava apenas à procriação (Araújo, 2002).

Por esse exato motivo, o nascimento do *amor-paixão*, aquele ligado ao corpo e aos instintos, está definitivamente relacionado à Idade Média (Del Priore, 2005). Giddens (1993) o define como uma manifestação de conexão direta com o sexual, caracterizado por uma urgência que o faz conflitar com as rotinas da vida, tamanho o envolvimento emocional que arma o encantamento. Acrescenta o autor que esse fenômeno, de caráter mais ou menos universal, pode ser perigoso do ponto de vista dos deveres sociais e, por vezes, perturbador.

Muito desse amor era considerado ruim por ser nefasto e equivalente à paixão dos amantes fora do casamento. “Um homem sábio deveria amar sua mulher com discernimento e não com paixão.” (Del Priore, 2005, p. 75). Um homem deveria expressar o *amor-ágape*, aquele amor que é caridoso, generoso, que se exprime em doação para o outro e que, por consequência, é reconhecido como decente e digno de confiança. Some-se também a ele a concepção difundida de *amor-casto*, o qual, imposto pela Igreja, tratava de estabelecer o

débito conjugal em prol da procriação e da valorização de Deus, reiterando a tendência do amor a inclinar-se para a moral da cristandade. Alguns creem que o nascimento do amor-paixão nesse período tenha sido um enorme acidente; outros, não, por se tratar o amor-paixão de algo que essencialmente carrega e dirige uma hostilidade ao casamento, ao fragilizar uma fidelidade conjugal, o que abre brechas para uma interpretação não acidental de sua aparição nesse período. Dito de outra maneira, pode-se pensar em um fenômeno sincrônico, em que a própria existência do amor-casto no casamento influenciaria o amor-paixão fora dele (Del Priore, 2005).

Apesar da maravilha romântica da cortesia carimbar o estereótipo da Idade Média, ela foi classificada similarmente como um tempo de contrastes vividos apaixonadamente. Não era incomum que poetas medievais, na intimidade de seus lares, espancassem as próprias mulheres (Barros, 2011). Aliás, esse lado menos simbólico da época conta ainda com uma série de concubinatos e de prostituição.

Em suma, o amor cortês medieval, segundo Barros (2011),

deleita mas faz sofrer, aprimora mas fragiliza, erotiza mas idealiza, educa mas enlouquece, submete mas enobrece. Emoções e resultados os mais contraditórios harmonizam-se no seu seio, nas vidas intensas dos trovadores, nos seus poemas apaixonados. Em todo o caso, proclama a autonomia dos sentimentos face à racionalidade medida pelo saber erudito, face à religiosidade controlada pela Igreja na sua forma ortodoxa, face aos poderes e micropoderes exercidos pela família e pela sociedade para conservar o indivíduo sob o jugo de seus imperativos principais. A seu modo, o Amor Cortês representa uma revolução nos modos de pensar e de sentir, e não deixa de empreender uma velada crítica aos padrões repressores de seu tempo. (p. 199)

Após essas considerações sobre o amor medieval, é mais fácil retomar as relações entre o amor romântico (do estilo platônico), apenas mencionado anteriormente, e o cortês. Afinal de contas, o primeiro se fazia uma concepção idealizada do amor, pouco concreta, isto é, irrealizada e impossível. O amor cortês inova em alguns aspectos, principalmente no intento de o cavaleiro se mostrar e provar seu sentimento com uma atitude respeitadora, galanteadora e cordial, mas semelhantemente fantasiosa.

Uma vez focalizadas a Reforma Protestante, a Contrarreforma Católica e as consequências da exacerbada vigília da Igreja sobre a moral de seus fiéis, o trabalho segue com a contextualização do arquétipo do amor na Idade Moderna.

1.2.2 Idade Moderna e Brasil colonial

O amor constituiu um dos estados psicológicos mais difundidos e de maior presença no mundo ibérico no início da época moderna, recebendo um enorme investimento reflexivo de muitos autores e teólogos (Cardim, 1999). A literatura teológica trouxe um conjunto de regras e medidas para nortear o amor, e, sendo assim, sua matriz portuguesa seguiu as veredas demarcadas pelo pacote de prescrições. Iluminando as conexões entre Brasil e Portugal e dirigindo a atenção ao processo de colonização, descomplica-se a assimilação de modelos que se fizeram presentes ao longo da história do amor e que ganharam fixidez na época, quando os laços entre as duas nações ainda eram atados a ponto de serem indissociáveis.

A conexão lusa com a Igreja era muito grande. Como já visto, na Idade Média, não era por amor que os cônjuges deveriam se unir, mas por dever, para reprodução e elevação do espírito na guerra contra as tentações do adultério (Del Priore, 2005; Rüdiger, 2012). O amor-casto imposto não podia se associar, em hipótese alguma, aos afetos excessivos do amor-paixão, que remetia ao profano. Curiosamente, os poucos clérigos que se encontravam disponíveis para a empreitada da exportação da Reforma, muitas vezes se envolviam com as mulheres que se confessavam, sucumbindo ao desejo (Del Priore, 2005). Isso demonstra o quanto a estrutura ainda não tinha forças para sustentar o rigor da doutrina. Por fim, o ambiente de dever e disciplina designava a esterilização do amor, tornando o matrimônio asséptico.

Seguindo o objetivo de regulamentar o cotidiano das pessoas pela catequese e orientação infantil, a Igreja exerceu uma vigilância tanto doutrinal como sexual e de costumes através da confissão, atribuindo uma importância crescente aos prazeres da carne, os quais variavam de desejos a atos, sempre buscados como pecados prioritários (Del Priore, 2005; Foucault, 1988). O esquema desse controle foi implantado dentro das casas e se utilizou da mentalidade patriarcal da época. Essa invasão na esfera da vida privada reafirmou a mulher enquanto submissa e feia, apesar de pura, generosa e fiel. Ela deveria amar o marido com respeito, honrando uma discrição, mas não podia ser mulher sem ser assexuada, fato que assegurava os papéis e deveres e alocava os cônjuges em distância da lascívia. Tal mentalidade reforça a ruptura entre o amor-espiritual (direcionado à esposa) e o amor-paixão, este buscado fora da relação. Ora, estabelecia-se o conflito entre o desejo carnal e o ideal de amor desinteressado (uma representação da separação entre corpo e alma característica da

Idade Moderna). Segundo Giddens (1993), tal diferenciação entre o caráter erótico da paixão nos casos extraconjugais e a sexualidade casta presente no casamento era muito comum entre as aristocracias na Europa.

Os encontros ilegítimos não podiam acontecer em proximidade às casas de família, sempre tão cheias e de parede-meia, e que por essa razão não proporcionavam privacidade. Paradoxalmente, os encontros sexuais extraconjugais ocorriam em espaços públicos como quintais, becos e beiras de rio, por sobressaírem enquanto locais mais seguros para esse tipo de intimidade (Del Priore, 2005). As igrejas paroquiais foram palcos de namoricos e traições, os quais acabaram por resultar na resolução normativa de separação de homens e mulheres em seu interior.

A sexualidade conjugal era economicamente útil, politicamente conservadora e protegida (Del Priore, 2005; Foucault, 1988). A contracepção não era aceita e o ato sexual era mecânico e controlado, estritamente tradicional e sem variações. O beijo devia seguir identicamente uma regulamentação assexuada; realizado de jeito específico. As situações de prazer deveriam ser inteiramente evitadas, e o corpo deveria ser limitado no caminho do amor conjugal. Isso traduzia a implicação do amor no âmbito da ordem e da pragmática, assim como da paixão no âmbito da desordem e do perigo (Del Priore, 2005). Essa divisão já existia na Idade Média, mas toma proporções gigantescas em sua disseminação para a colônia em período ulterior.

De maneira altamente eficiente, uma nova aliada à Igreja fortaleceu a condenação ao amor: a Medicina, que chegou para apoiar a vigilância e o domínio, constituindo teorias medicalizadoras da luxúria como doença moral e desarranjo fisiológico, no intuito de conter o apelo ao corpo (Del Priore, 2001, 2005; Sacramento, 2006). Com o padre cuidando das almas e o médico dos corpos, exerceu-se a edificação de pilares no estabelecimento de um Estado centralizado, baseado na privatização do eu e no apoderamento de meios de produção (Del Priore, 1999). Ou seja, o que já era controlado na vida da colônia tornou-se o esquema mais soberano de domínio a partir da união entre as duas instituições. O sentimento fora de controle (erotismo desenfreado), portanto, fortificava a ideia de doença. Inclui a autora supracitada (2001, 2005) que muitos tratados médicos foram escritos colocando o amor como melancolia erótica, comparando-o com feitiço e encantamento proveniente de infecção no sangue que poderia abreviar a vida e, em sua manifestação na relação sexual, poderia “emburrecer” o indivíduo. Essa presunção foi certamente herdada pelo Brasil por estar

presente em Portugal entre os séculos XVI e XVII. Afirma ainda a autora em questão (2001) sobre as providências quanto à tal “febre amorosa”:

era combatida com sangrias copiosas, realizadas nos braços, nos pés ou atrás das orelhas (. . .) Dietas eram obrigatórias e delas varriam-se todos os alimentos “quentes”, baseados em especiarias e condimentos como as já mencionadas pimentas. Os fármacos empregados eram de natureza “fria e úmida”, visando apagar o incêndio da carne. (p. 104)

Além do legado da Idade Média no que se refere à divisão do amor e ao adestramento, provenientes da Igreja e da Medicina, que os acentuaram, Portugal viveu um contexto que propiciou outras influências no engessamento dessas estruturas peculiares (o amor-casto/espiritual e o amor-paixão). Contrariamente aos da França, os livros de Portugal condenavam o amor, que era visto como sofrimento (Del Priore, 2005). E, menos conhecida em sua influência, mas não menos importante na absorção do amor no Brasil, é a história de D. Pedro e Inês de Castro, datada do século XIV (Cristófano, 2012; Del Priore, 2005; Santos, 2005).

Inês de Castro foi uma das damas que acompanhou D. Constança, em 1340, quando esta foi a Portugal para se casar com D. Pedro, futuro D. Pedro I. Inês é descrita como uma bela e jovem mulher, a qual teria “enfeitiçado” o infante desde o primeiro momento (Santos, 2005). Os dois viveram um romance e tiveram filhos que vieram a ameaçar o trono de D. Fernando, herdeiro oficial, filho de relação legítima entre D. Pedro e D. Constança. Por esta causa, tomou-se a decisão de executar Inês de Castro, que deixou como maior legado seu exemplo de amor puro, sincero e inocente a D. Pedro. O tempo os solidificou como o protótipo de casal português e colabou indissociavelmente suas figuras (Santos, 2005).

Por se constituir um fato tão importante na história de Portugal, esse romance se tornou muito presente na literatura portuguesa e internacional, assumindo um encontro com o conceito de ficção dadas as inúmeras adaptações e ressignificações que sofreu, a partir das diferentes perspectivas assumidas para narrá-lo (Cristófano, 2012). A relação Pedro-Inês representou uma exemplaridade de união para o imaginário luso; contudo, o fim trágico foi absorvido como outro símbolo de impossibilidade de concretização de um amor genuíno. Consequentemente, perpetuou a aversão ao amor-paixão e aos instintos que guiam o corpo à união, pois eles apenas apresentam o alto risco que reside nessa entrega. Giddens (1993) soma à discussão quando afirma que a maior parte das civilizações também criou histórias e mitos

que trazem mensagens ameaçadoras para os que resolvem seguir o caminho das ligações duradouras e permanentes tendo o amor-paixão como referência.

Por fim, o cenário demonstra a atmosfera presente no Brasil da época: tensão na aliança entre Igreja e Medicina, em que predominava um forte moralismo católico que se apoiava nos remédios ofertados para a cura da torpeza e da enfermidade oriundas do amor. Além disso, permaneceu a sensação de perigo sentida pela mácula da tragédia de amor na corte de Portugal, que apresentava como protagonista ninguém menos que o maior símbolo do país: seu governante D. Pedro (futuro D. Pedro I de Portugal).

Os tempos eram de negócios. Pois nada melhor que uma poção mágica para aquela distração que do amor irrompia. Uma relação estável e indissolúvel como o casamento era solução, posto que era uma instituição básica para a transmissão de propriedades. Tendo sua origem em acordos e arranjos entre famílias e nunca na opinião e escolha do próprio cônjuge, os valores patrimoniais sobrepujavam os afetos em importância (Araújo, 2002; Del Priore, 2005, Rüdiger, 2012). E, por representar tanta segurança na perpetuação de classes, era o melhor remédio para evitar a paixão. Em palavras claras, Giddens (1993) demonstra como tais fatos não eram privilégio dos brasileiros e se caracterizavam como concernentes a uma época quando diz que: “na Europa pré-moderna, a maior parte dos casamentos eram contraídos, não sobre o alicerce da atração sexual mútua, mas o da situação econômica”. (p. 49).

Contrariamente, os concubinatos (presentes entre os escravos) merecem um destaque importante. Afinal de contas, enquanto relações consensuais estáveis e de longa duração (Del Priore, 2005), estas representam modelos de relações conjugais que não foram validadas através do matrimônio, embora acontecessem por amor – considerado “coisa para pobres”, já que estes não dispunham de bens a serem negociados.

Tudo indica, assim, a vivência de um *amor domesticado* de um modo geral, mesmo com a libidinagem enquanto tensão escapando pelos dedos, ou melhor, “pela janela”, para cometer o adultério no solo do amor-paixão. Esse amor domesticado inclinava-se para o bem e se tornava fonte de derivação e associação de outras formas de amor voltadas à benevolência (Del Priore, 2005). Esta, desnecessário dizer, funcionava com todo vigor em oposição à lascívia. Porém, assim como na Idade Média, esta benevolência, ainda que predominante, não asseverava um “mar de rosas”. Do fim da Idade Moderna se encontram registros de excessiva violência, como crimes passionais, intercalados com excessivo amor em comunidades mineiras (Del Priore, 2005).

1.2.3 Idade Contemporânea

A Igreja continua sendo um espaço de sedução e prazer onde o jogo erótico não deixa de se fazer presente, assim como acontece na própria colônia, com a poesia que aproxima o amor da carne e reage contra o recato. O “namoro de bufarinheiro”, caracterizado pelas piscadelas dos homens em procissão para as mulheres que posavam às janelas, assim como o “namoro de escarrinho” – nome inconfundível que reflete a prática da “fungada” do nariz em expectativa de correspondência da outra pessoa – sobressaem nesse momento de elevação da tensão erótica, que se contrapunha à repressão sexual (Del Priore, 2005).

A autora ressalta que o século XVIII não apresenta grandes variações no tocante à história do amor e retrata fortes evidências de que alguns casais já haviam incorporado, nessa época, a ideia de amor domesticado. O ponto que se destaca é a observação de sutis traços de uma diluição na diferença entre amor dentro e fora do casamento. Contudo, Araújo (2002), ao explicar a noção já tratada de que a sexualidade não era vivida como prazer, mas com uma função específica reprodutiva, salienta que, na verdade, é justamente no século XVIII que se verifica a transformação dessa sexualidade para algo de posição importante dentro do casamento, com uma relevância não sinalizada por Del Priore (2005). Giddens (1993) prefere defender a perspectiva de uma incorporação de elementos do amor-paixão ao amor-romântico emergente nesse momento.²

Segundo Del Priore (2005), a mentalidade portuguesa, que rechaçava a noção de prazer por meio de sua associação com o pecado, ocasionou uma impregnação dessa noção que resultou em um enorme recalque na esfera do amor vivido no Brasil até o século XIX. Por esse motivo, amor e sexo mantiveram-se distantes e seguiram apartados, revigorando a dissociação entre corpo e alma. Logo, constata-se que as duas instâncias do amor verificadas na Idade Média e reforçadas na Moderna (no Brasil colonial, pela Igreja e pelas heranças da história de Portugal) conservaram entre si o profundo desacordo. A divisão estanque entre amor-paixão e amor-casto, mais uma vez, abriu frestas para a perpetuação do adultério, como medida de sobrevivência ao moralismo tradicional: o prazer era apenas com a “outra”, porque a esposa servia o propósito único da continuidade do sangue. Essa mesma repressão culminou no aumento da prostituição à época.

² O amor-romântico será tratado adiante.

A mudança de rumo vem a acontecer neste momento, portanto, quando se despertam as ideias do amor e da sexualidade como bases do casamento e da felicidade conjugal (Araújo, 2002; Del Priore, 2005). O referido marco sucedeu efetivamente uma grande e singular transformação no âmbito das relações.

De todas as maneiras, o século XIX fica circunscrito por práticas e concepções já companheiras e existentes na história do amor do que por variações. Além do retorno ao amor-romântico e à cortesia da Idade Média (incluindo alguns rituais de afeto, a elevação do feminino e a desqualificação do masculino), o casamento continuava acontecendo em maior parte por interesses e critérios paternos; o concubinato era tão comum quanto no período colonial; o recato e honestidade femininos eram altamente valorizados. A Igreja mantinha a ordem do sexo para procriação e condenava o onanismo, assim como qualquer prática desviante dos seus propósitos (Del Priore, 2005). A Medicina, por sua vez, associava irregularidades sexuais a doenças mentais e desequilíbrios psicológicos (Araújo, 2002). Alves (2015) declara que a própria literatura de autoajuda do século XIX fez-se predominantemente puritana, negando a parte saudável e prazerosa do sexo e atribuindo às mulheres o papel de refreamento da agressividade e dos impulsos masculinos. Por outro lado, ao fim desse período, tal literatura passa a apresentar uma perda da própria credibilidade em função de uma nova força que estava por vir: as concepções de ascensão do poder e importância do feminino.

As novidades insurgentes nesse século se relacionaram a uma exacerbação do que no momento seria denominado *flirt* e ao beijo arrebatador que transfigurava e era um passo à perdição e ao namoro. Os três fenômenos (*flirt*, beijo arrebatador e namoro) ainda eram pouco frequentes nos espaços crescentes de encontro, porém caracterizaram a entrada em um *amor-moderno*, articulador do prelúdio da dissolução de alguns costumes e algumas hierarquias do final do século, como a família patriarcal e, em consonância, o casamento como negócio (Del Priore, 2005). Por fim, aparência e sedução ganham destaque e reconhecimento.

Apesar do suave movimento para fora dos parâmetros, pode-se dizer que o século XIX se conservou dentro de uma linearidade e de uma estabilidade quando comparado aos anteriores. Isso porque a rotina se demonstrava adequada às imposições. Entretanto, por trás das cortinas, a realidade era mais complexa: o sexo longe das regras era necessário; o adultério, uma praxe; a prostituição, um remédio. Por tamanha discrepância em nome de uma contenção, Del Priore (2005) considera o período hipócrita.

Mais estranho ainda é perceber que até mesmo o século XX carregou o espólio de seus antecedentes: a ideia do sexo como procriação, do casamento como solução, da ruptura como desrazão. A Medicina era contenção, principalmente aos “invertidos” (homossexuais), aos quais empurraram teorias médico-pedagógicas. Observa-se que em toda a história sobre o amor houve o controle da sexualidade e da vida conjugal. No entanto, como pontua Del Priore (2005), o sentimento continuava livre e “podia-se obrigar indivíduos a viver com alguém, a deitar com alguém, mas não a amar alguém”. (p. 312). E tendo esse sentimento como base, além de inúmeras modificações sociais e econômicas, reviravoltas acabaram por acontecer.

A primeira, pode-se dizer, foi a libertação de certas tradições e paradigmas, como a religião e a família. Conseqüentemente, o casamento também mudou, pois lhe foi oferecido o cimento do amor, resultando na chance da escolha do par, e a iniciativa foi transferida dos pais para os próprios envolvidos. Rüdiger (2012) afirma que o casamento se tornou problemático porque as pessoas não suportavam mais a ideia da união sem amor e posiciona a Primeira Grande Guerra como marco divisório na vivência das relações eróticas e sentimentais inéditas. Semelhantemente, o divórcio passa a acontecer como outra manifestação da possibilidade de escolha: se o parceiro deve ser aquele para o qual se direciona amor, quando este não se assenta ou se esvai, não há sentido para prosseguir com a relação. Pode-se dizer que as campanhas contra o divórcio eram ainda grandes, apesar de as separações terem crescido bastante entre 1940 e 1960 (Del Priore, 2005). Um último aspecto a ser destacado é a valorização do corpo, o qual passa, inclusive, a ser mais tocado. Araújo (2002) enfatiza a importância do corpo enquanto um organismo social que abre portas para uma aceitação da diversidade como padrão viável de cultura.

Se os interesses econômicos predominaram por quatro séculos, de repente eles não eram a ordem do momento. Tanto a valorização do sentimento foi suplantada quanto houve definitivamente um câmbio da proibição do prazer ao direito a ele. Mais do que isso, amor-paixão e sexo passaram a ser supervalorizados (Del Priore, 2005).

Uma das grandes manifestações emblemáticas dessa época de contracultura foi a Revolução Sexual, entre 1960 e 1970, que instigou uma experiência estética muito intensa, fundada no “tudo se deve experimentar”. O que aconteceu foi que os jovens, espontânea e desorganizadamente, buscaram uma resistência ideológica no intuito de transgredir a ordem

social vigente. Contestando padrões, o consumismo exacerbado³ e o autoritarismo com os quais já não conseguiam viver, eles se apoiaram em valores ensinados por algumas personalidades como Michel Foucault e Jean-Paul Sartre, reivindicando principalmente a liberdade de escolha (Caldas, 2009). As figuras desses intelectuais, por sua vez, além de propulsores de uma proposta político-ideológica, também influenciaram concepções no campo do amor e da sexualidade.

Eis, doravante, a apresentação de posições diversas a respeito do amor e de assuntos que giram em seu entorno: controle, sexualidade, posse, liberdade, comunicação, dentre outras. O ritmo anterior é interrompido, após ostensiva exposição da história, para introdução de outro eixo igualmente fundamental para a compreensão do fenômeno do amor.

1.3 Algumas concepções

A história alcança os dias atuais. Após ultrapassar o enfoque cronológico, torna-se mais praticável uma abordagem contextualizada do amor e de seus temas afins. Há, entretanto, caminhos distintos para se pensar a história. Foucault propõe romper o modelo tradicional, que dá importância a retratos de períodos específicos e trata os fatos em linhas contínuas. O enfoque passa a ser a descontinuidade e a pluralidade de sentidos e a desconstrução da concepção da causalidade inerente às abordagens tradicionais (Assis & Oliveira, 2010).

Alvejando demonstrar a atualização de formas de controle, porém por vias veladas, Foucault contesta a hipótese repressiva e aponta uma inversão: a normatização do imperativo discursivo sobre a sexualidade, cuja presença determina o funcionamento regulador de um sistema. Esta visão será a primeira a ser apresentada.

Logo depois, uma retomada do amor-romântico será necessária na intenção de aprofundar em suas propriedades. Posse, aprisionamento e liberdade serão ideias discutidas a partir de Jean-Paul Sartre, que confere contribuições a respeito da ideia natural de propriedade envolvida no amor. Com suas concepções pouco otimistas, coloca o fenômeno enquanto conflito.

³ Caldas (2009) assinala uma contradição no próprio movimento: a comercialização *underground* de produtos com estéticas específicas e originais, direcionados aos consumidores da própria contracultura. Esse funcionamento, isto é, a relação de troca de mercadoria pelo capital, resultando em lucro, conflua com os objetivos do próprio capitalismo, ao qual se opunha o movimento.

As transformações ocorridas são abordadas posteriormente por Giddens, que as salienta no âmbito das relações e do próprio amor em esfera social. Dando andamento ao debate sobre a liberdade, discorre sobre a nova política dos relacionamentos, que se centraliza na valorização das escolhas, o que indica um tipo de redemocratização e mudanças na vivência da sexualidade.

Por último, enfoca-se a coexistência de formas de amor. Se o palpite era a superação ou a extinção de certos tipos, alguns autores vêm reafirmar como estão preservados modelos que acompanharam a sociedade ocidental no passado.

1.3.1 Foucault e a sexualidade

O exame minucioso da história cronológica sugeriu características específicas dos momentos apresentados, porém certificou um padrão: certo tipo de controle sobre as pessoas sempre foi exercido com o propósito da manutenção das leis de um sistema imperioso, especialmente regido pela Igreja e pela Medicina. Foucault (1988), em acordo com essa ideia, admite devido controle sempre presente na história da sexualidade,⁴ mas vai além, provocando um debate acerca de um movimento sutil, que age coercitivamente de modo tão dominador quanto os outros já apresentados, ou mais.

O autor, a princípio, demonstra seu descontentamento com o que chama de “hipótese repressiva”, por ser uma ideia reducionista e generalista (Foucault, 1988; Vahle & Santos, 2014). Segundo a referida perspectiva, que é freudiana, a civilização, em suas exigências, presenteia processos disciplinantes que implicam controle dos impulsos, o que revela uma sólida ligação entre sexualidade e interdição (Giddens, 1993; Vahle & Santos, 2014). A interdição acontece através da instância soberana do supereu, que dispara a ação do recalque, cuja manifestação visa afastar certa representação da consciência em mecanismo defensivo, para que não esmague o próprio eu. Esta interdição das manifestações pulsionais tem como um de seus destinos o desvio de sua realização direta para novas satisfações não sexuais, processo denominado *sublimação* (Garcia-Roza, 2004; Nasio, 1997).

Pois bem, há diversas razões para a discordância de Foucault em relação à teoria de Freud. Em primeiro lugar, há que se ressaltar que o filósofo não refuta a hipótese repressiva no sentido ingênuo de frisar sua falsidade. Pelo contrário: lembrando particularidades do

⁴ Giddens (1993) assegura a conexão inevitável entre amor e sexualidade.

século XVII, confirma aspectos marcantes, como o silenciamento da sexualidade (especialmente pela necessidade da exploração da força de trabalho e produção que não podia ser distraída por nenhum tipo de impulso). No entanto, vê tal fenômeno como ilustrativo de um recorte em um espaço-tempo específico. Ele chama atenção para pontos que se tornaram presentes, por outro lado. Inicia problematizando a enfadonha reafirmação de que somos ou fomos reprimidos. Ora, o motivo de estranhamento é a insistência dessa ideia, pois se o que é superado é esgotado, qual seria o motivo de persistir perguntando a mesma coisa por tanto tempo? Por que tanto incômodo ao falar dessa repressão em um passado próximo? Prossegue trazendo à tona a incitação ao discurso sexual, mais do que nunca hodierno, uma incompatibilidade com um suposto movimento de silenciamento. Essas são atividades definidoras que o levam a extrapolar a teoria repressiva.

Tomar-se-á o quão curioso é então o deslocamento do silêncio para a multiplicação dos discursos. Se o sexo foi dominado no âmbito da linguagem e censurado outrora, por que o século XVIII consentiu a produção discursiva sobre ele? Aí se encontra o cerne da questão: foi-se a repressão que interditava e coibia a sexualidade, e debutou sua normalização no imperativo discursivo. É pela análise da constituição de saberes a respeito da sexualidade como discurso que o autor busca entender como é legitimada uma especificidade da experiência do sexual.

Foucault (1988) entende que colocar o sexo em discurso é um excelente estratagema que se camufla segundo as necessidades de manutenção de um sistema. Se por hora o controle era garantido sem palavras, posteriormente passou a ser exercido através da permissão e incitação. Isto é, produzir discursos sobre sexo passou a ser essencial para fazer permanecer um modo de funcionamento favorável a um sistema de produção que trabalha as regulações empregando crivos de utilidade. Falar mais do proibido e do reprimido representou uma atualização velada de tais assuntos, que se fizeram mais presentes do que os que deveriam e podiam ser falados, já que estes não eram interditos. Medicina, Justiça e Pedagogia, por exemplo, intensificaram a produção discursiva ao categorizarem assuntos de “utilidade pública” – estupro, doenças mentais e perversões, convertendo o sexo e a sexualidade em elementos obrigatórios ao esquema confessional (Araújo, 2002; Foucault, 1988; Vahle & Santos, 2014). Podendo servir à diversas artimanhas de poder, a sexualidade

é tema privilegiado por ser a porta de acesso à vida do corpo e à vida da espécie, constituindo-se como objeto e instrumento do biopoder. Permite tanto a realização de vigilâncias

constantes, organizações espaciais, exames médicos e psicológicos meticulosos, como também o levantamento de medidas maciças e estatísticas. (Vahle & Santos, 2014, p. 12)

A sexualidade, portanto, passa a ser entendida como uma experiência discursiva, fruto de uma elaboração social carregada de energia e, conseqüentemente, uma ferramenta potencial para as relações de poder (Giddens, 1993). Por esses rumos, Foucault (1988) conduz um raciocínio que suscita o deslocamento da associação entre poder e silêncio/censura para poder e discurso. Ou então de poder e repressão para poder e mobilização. O controle pode acontecer tanto no bloqueio e desqualificação como na intensificação de algo. Sendo assim, nas próprias palavras do autor: “Não digo que a interdição do sexo é uma ilusão; e sim que a ilusão está em fazer dessa interdição o elemento fundamental e constituinte a partir do qual se poderia escrever a história do que foi dito do sexo a partir da Idade Moderna”. (p. 17).

1.3.2 Amor-romântico, posse e aprisionamento

Em retrocesso ao século XII, foi nele que o amor ganhou uma identidade autônoma, resultando em uma instituição que se bastava. Essa identidade se conservou de alguma forma e definiu uma mudança no universo do amor, pois culminou no amor-romântico, modalidade ainda não fortemente abordada no trabalho de forma detalhada para que pudesse usufruir de um espaço de destaque.

Essa modalidade de amor é aquela que, baseada em expectativas utópicas, nunca alcança correspondência e que acabou por contaminar toda a sociedade contemporânea, mesclando ilusão e realidade e assumindo papel central entre os ideais modernos (Giddens, 1993; Oltramari, 2009; Rüdiger, 2012). Entre eles, pode-se apontar o do amor que tende ao amor-romântico como pressupondo três variações procedentes do pensamento grego: *Eros*, natural do pensamento platônico e indicador de falta e sofrimento; *philia*, que aristotelicamente se conecta ao desejo da companhia do outro pela virtude; e *amor-ágape*, já mencionado como aquele que estima o bem do outro e se dirige a praticá-lo (Oltramari, 2009).

Costa (2005) destaca que há uma ausência de definição adequada para o amor-romântico na bibliografia sociológica contemporânea, por ele justificada pela rejeição do amor e das emoções pelas ciências sociais no pós-guerra devido à ênfase na ordem e na racionalidade. Assim como das Neves (2007), Costa define o amor como um modelo histórico-cultural, porém adiciona que o amor-romântico especificamente se desdobra em

cinco dimensões. Primeiramente, no campo das *emoções*, se manifesta como vínculo com o outro, um fenômeno que diz de um contexto social. Como *idealização*, absorve o outro por inteiro e despreza as outras referências sociais, fundindo-se com vários modelos de amor. Como *modelo de relação*, ele se situa como elo entre paixão sexual e afeição emocional, entre amor e matrimônio. Como *prática cultural*, reúne discursos, ações e rituais. Finalmente, no campo das *interações sociais*, constitui um universo de símbolos comunicativos e modelos de significação entre os amantes.

Considera-se que o amor-romântico implica atração instantânea, algo que deve ser arrebatador ou místico. De origem desconhecida e com uma intensidade assustadora, ele toma estranhamente a vida das pessoas e ocupa lugar prioritário. Amor à primeira vista se encontra irrevogavelmente incluído no *kit* do amor-romântico (Giddens, 1993; Oltramari, 2009).

Ainda que amor-romântico possa depender diretamente da identificação projetiva do amor-paixão, ou, melhor dizendo, de atração física, ambos são diferentes pela razão do amor-paixão ser uma força social de caráter genérico, ainda que distancie aquele que ama de questões sociais amplas. A busca, do mesmo modo, aparece como aspecto pertencente ao amor-romântico e faz a autoidentidade esperar uma validação a partir da descoberta do outro. Por último, o amor-romântico presume um grau de autoquestionamento a respeito do que se sente por alguém, projeta um futuro e uma história compartilhada. Esses pontos permitem verificar a noção fundamental de que existe um apoio e idealização profundos no outro (Giddens, 1993). Se deve haver alguma similaridade entre os dois “amores”, então ela está na centralidade que a relação conjugal passa a ter na vida dos indivíduos quando interagem a partir destes (Giddens, 1993).

O amor-romântico atual não está mais conectado à ideia de casamento, mas continua dividindo opiniões a respeito da independência (Giddens, 1993). Apesar disso, se fortaleceu, tornando-se cada vez mais buscado por causa das dificuldades de realização. Em contrapartida, observa-se um esgotamento quando há esta consumação do mesmo. Simmel (1909/2006) diz que o amor está condenado à morte na realização de seu desejo e completa:

Situado no caminho do não-ter [*sic*] ao ter, esgotando seu ser nesse percurso, ele não pode mais, no momento em que “tem”, ser o mesmo que antes, não pode mais ser amor, mas converte seu *quantum* de energia em gozo ou, talvez, saciedade. (p. 93)

Apontando-o como derivado da filosofia platônica, o autor exprimirá a ideia do amor enquanto algo que está entre o ter e o não ter, denotando primeiramente o protagonismo da

posse enquanto motivadora da ligação entre duas pessoas (principalmente quando esta representa esforços e sacrifícios) e secundariamente a revelação do jogo do *coquetismo* – comportamento dualista que remete a um jogo do tornar-se desejável, da sedução – como fim último no estar em relação.

Pode-se confirmar, portanto, que segundo o princípio de posse e da fixação do outro como “único” e “eterno”, vislumbra-se o idealismo caricatural. Também há uma concepção de egoísmo trazida por Simmel (1909/2006), quando este aponta a necessidade de fusão entre quem ama e o objeto de amor, pois se consolida uma dependência de um pelo outro. Aqui se nota a aproximação entre Beauvoir (1990) e Sartre (1943/2013), quando ambos consideram a experiência do amor como renúncia do eu em favor de uma unificação irrestrita.

Jean-Paul Sartre toma para si a questão da liberdade como objeto central em toda sua obra. É apoiado nessa base que irá afirmar que o amor é conflito. O fenômeno é um empreendimento, um conjunto de projetos pelos quais se visa à realização. Porém, ele acontece colocando um em contato direto com a liberdade do Outro (Sartre, 1943/2013). Este autor diz que a liberdade de um exerce enorme poder sobre o outro e o confere valores ou os suprime, de maneira que ela só pode ser neutralizada caso o eu se apodere dela e a submeta à liberdade própria. Sendo assim, o amor seria um eterno jogo de apoderação da liberdade de um pelo outro, tornando-se, por fim, um projeto absurdo. O filósofo postula que “no amor, não é o determinismo passional que desejamos do Outro, nem uma liberdade fora de alcance, mas sim uma liberdade que *desempenhe o papel* de determinismo passional e fique aprisionada nesse papel”. (p. 458). Se uma das condições existenciais é a *angústia de liberdade*, isto é, *angústia* do nada, pois esta é um indicativo de uma experiência radicalmente essencial, estar diante de sua privação é tentar desviar-se estranhamente de uma estrutura humana. Observa-se que essa defesa contra a ideia de propriedade segue a mesma linha do conceito de intencionalidade da consciência, em que fenomenologicamente entende-se que não é possível que a consciência apreenda o objeto e o dilua em si para conhecê-lo (Sartre, 1943/2013), o que evidencia o eixo sartreano, que sustenta coerentemente suas colocações.

Preto, Maheirie & Toneli (2009) avaliam essa “perspectiva sartreana” das concepções amorosas como predominante e acrescentam que a renúncia à subjetividade apontada se pauta no conceito sartreano de “sodomismo”. Além disso, pontuam, na mesma linha, que o amor é vivenciado na maioria das vezes como sofrimento e trazem novamente a questão do pertencimento associada ao ideal romântico.

Rüdiger (2012) lembra as prerrogativas de Beauvoir em que o amor conduz à catástrofe, salvo em casos bem raros em que os amantes vivem certa liberdade durante toda a vida. Somente no reconhecimento recíproco da vida própria e dessa liberdade que o amor poderia funcionar. Sendo assim, a abertura para a coletividade seria condição básica para a independência de projetos existenciais de ambos, que poderiam convergir ou não. O amor, nessa perspectiva, não pode se render à vida alheia, mas sim superar a singularidade através da entrega de um ao outro sem aprisionamentos.

Devido ao registro de suas raízes absolutamente subjetivas e insustentáveis, o romantismo urge por encontrar uma solução para o perigo inerente a ele mesmo e encontra o pensamento terapêutico. O consenso é que, para dar conta de lidar com tantos espinhos, há que se dispender muito esforço e trabalho. Em consequência, Rüdiger (2012) defende o surgimento de uma racionalidade terapêutica,⁵ movimento para preservar e defender o indivíduo das desordens emocionais ocasionadas pelas promessas de felicidade e de vida plena do romantismo.

1.3.3 Transformações, amor confluyente e noções conexas

Ao tratar com sutileza a questão da sexualidade, Foucault pleiteou uma nova compreensão sobre como o controle é exercido e atuante; todavia sublinhou a permanência dele. Giddens (1993) já examina o que considera uma transformação, e não uma constância. A reforma nas relações para a qual dirige a atenção ocorre, segundo suas constatações, no âmbito da sexualidade e da intimidade, conjuntura tanto revolucionária quanto profunda. Endereça também críticas ao pensamento de Foucault, ressaltando, por exemplo, a excessiva ênfase no discurso e a ausência de alguns fatores pertinentes à discussão do tema.

Dentre as modificações sugeridas por Giddens (1993), podem ser citadas: estabelecimento da *sexualidade plástica*, a qual é liberta de um funcionamento fechado da ordem do falo; a democratização das relações que promove a entrada dos *relacionamentos puros* e a emergência do *amor confluyente* como expressão de um paradigma contrário ao protótipo de amor-romântico, por ser baseada no real.

Segundo o autor em questão, há uma ascensão dos direitos das mulheres, justificada pela insatisfação feminina mediante um domínio sexual masculino e de uma posição machista

⁵ Outras observações sobre este movimento serão feitas mais adiante, no Capítulo 2.

opressora que ainda subjuga as mulheres. Del Priore (2005) e Araújo (2002) demarcam um importante papel do movimento feminista da década de 1970 para tal mudança radical. Em razão de estar o mundo em igualdade sexual crescente, são exigidos novos debates e atualizações dos pontos de vista a respeito de compromisso e intimidade, que devem estar sob negociação (Giddens, 1993).

A aludida resposta emancipatória do sexo feminino reivindica especialmente o próprio direito ao prazer, que corrobora com o novo fenômeno da sexualidade plástica, ou seja, uma sexualidade mais maleável, flexível e descentralizada, podendo ser assumida de diversas maneiras, e não somente aquelas que visam à reprodução. A própria ciência veio favorecer essa ampliação das formas de sexualidade com avanços da contracepção, advento originário das políticas de contração do tamanho da família do século XVIII (Araújo, 2002). Consequentemente, tomaram-se muitas reflexões, especialmente pela reconfiguração do poder de escolha, tanto do parceiro, quanto dos meios de exercer a sexualidade ou de não a exercer – outorgou-se à mulher sua “carta de alforria”: nem a reprodução por si mesma depende mais dela (Giddens, 1993).

Tendo em vista a ascensão dos diretos femininos e a sexualidade plástica, o que se observa é uma democratização das relações. As novas relações sofrem uma pressão para oferecer um patamar de igualdade ativo entre seus participantes, seja no âmbito sexual, seja no emocional. Dentro do grau de exigência e da nova política, torna-se menos vantajoso submeter-se a uma relação destituída de equivalência, atributo que passa a ser a busca geral. Afinal, ambos os parceiros livres das imposições e caminhando fora de parâmetros tradicionais que enrijeciam a conjugalidade, parece que as relações amorosas agora se dirigem ao *relacionamento puro*.

A referida classificação – *relacionamento puro* – diz respeito a um relacionamento que tem como alicerces o compromisso, a confiança e a intimidade, vividas através de uma história compartilhada. Existe o acordo e uma certa garantia do prosseguimento da relação, ainda que o casamento não seja assumido como algo natural e que sua durabilidade não dependa do “para sempre” (Araújo, 2002). Nesse sistema, inicia-se e mantém-se uma relação pela própria relação, ou seja, o que mais conta é a vontade soberana dos participantes, e, desse modo, não há razão para permanecer se ambas as partes não extraem, uma da outra, satisfações que suprem suas expectativas e desejos individuais (Araújo, 2002; Giddens, 1993,

Rüdiger, 2012). Para completar, o relacionamento puro uniu amor e sexualidade, de certa forma, não mais prescindindo do casamento para executar tal articulação.

Giddens (1993) expressa o conceito de *amor confluyente* – até aqui ainda não explorado –, que seria o amor precisamente compatível com os relacionamentos puros. Isso se deve ao fato de este amor ser ativo e contingente, pois presume igualdade no envolvimento emocional e nas trocas afetivas das relações. As separações atuais são exemplos de amor confluyente quando se distanciam do ideal da “pessoa especial” e passam a buscar o “relacionamento especial” para orientar a conduta afetiva (Giddens, 1993; Rüdiger, 2012). A colocação de limites, acrescentam Férez Carneiro e Magalhães (2003), visa derrubar os efeitos da identificação projetiva e transportar a relação para um nível real, sendo indispensável para a manutenção da intimidade. O amor confluyente, por fim, também foi o responsável por posicionar a realização do prazer sexual como elemento-chave na sustentação ou na ruptura de um relacionamento (Araújo, 2002).

Junto com as outras concepções apresentadas, o amor, portanto, ultrapassa o sentimento vivido “solo” e se insere na função de formador de vínculos, tornando-se uma ferramenta de construção de laços. Neves (2007) indica que:

De uma forma cada vez mais recorrente, psicólogos/as sociais e sociólogos/as têm procurado analisar a dimensão social do amor, afastando-se de explicações do tipo individualista, as quais caracterizavam as primeiras investigações sobre o tema. Nos últimos 40 anos, segundo Torres, pelo facto [*sic*] de se ter começado a rejeitar a ideia da separação entre sujeito e objecto [*sic*] do conhecimento e da dicotomia entre estruturas e práticas, uma nova visão do conceito de amor emergiu. Assim sendo, novas áreas no âmbito dos estudos sobre o amor parecem estar a afirmar-se. (p. 610)

Com base nas contribuições de Rüdiger (2012), entende-se que as questões afetivo-emocionais vieram ao primeiro plano e agraciaram com equidade as relações íntimas. Como desdobramento, despontaram relacionamentos mais livres, abertos e sujeitos à negociação, resultado que tende a ofuscar a potência do amor-romântico. Mas será mesmo que os modelos de amor confluyente e de relacionamento puro são atualizações que descambam para sobrescrever de vez o amor-romântico?

1.3.4 O que sobrou do amor para o agora

Seria reducionista tentar investigar relacionamentos sem nenhuma delonga em fatores sociais, históricos e culturais, e, evidentemente, transitar por essas áreas implica enormes desafios (Neves, 2007). Existe a necessidade de dedicar certa atenção e cuidado a esse empreendimento, ponderando as visões contrastantes para não permitir uma imposição de perspectiva, uma vez que subjaz ao propósito deste capítulo a articulação e o jogo de contraposições.

Ora, apesar de constar em Giddens (1993), o entendimento de que o amor confluyente chegou para tomar o lugar do amor-romântico na contemporaneidade não é endossado por Rüdiger (2012), que crê que essa observação deve ser relativizada e prevê, finalmente, uma tensão entre os dois registros de relacionamento: a força do amor-romântico conquistada, inclusive pela incorporação de outros modelos de amor, confronta o próprio amor confluyente, aquele que almeja dissolver tradicionalismos e regar as relações com liberdade e negociação.

Mas se o último nasce como resistência e atualização frente ao primeiro, o que permite que se sustente o amor-romântico, já que ele continua presente e propagando-se com legitimação na intimidade? (Neves, 2007). Costa (2005) se atreve a responder à pergunta escorado no argumento pós-moderno de sociedade líquida, na qual a vulnerabilidade das relações, que absorveram um espírito de consumo e descarte, amedronta os indivíduos por meio do fantasma da rejeição – eles vivem o medo de serem relegados. Portanto, a todo custo aspiram o ar da fantasia do amor intenso e abrasador, aquele que seria capaz de conferir um sentido à existência, mesmo que fosse temporário. Nas palavras de Férez Carneiro e Magalhães (2003): “O eu moderno, estruturado sobre a noção de indivíduo autônomo, utiliza o amor como forma de compensação para dar sentido à sua própria existência, reforçando o sentimento de pertencimento mútuo dos parceiros”. (p. 10). Em suma, fica o amor-romântico, porém dialogando com as mudanças ocorridas na relação a dois.

Para ser possível dar conta do impasse, do conflito, do desespero, recorre-se à racionalidade terapêutica. De todas as formas, o caminho leva a uma colisão sinistra com a própria ilusão (Rüdiger, 2012). O romantismo dispensa comentários, pois a ilusão tem a ver com a idealização que lhe é inerente, mas, pelo lado do intimismo das relações puras, a ilusão se desmascara com a intensificação da efemeridade das relações e da dinâmica consumista,

abastecedora da indisponibilidade de construção segundo a lógica da troca. Ilusão é ambas prometerem o paraíso em nome do amor.

No velejar deste navio em expedição pelo itinerário do amor, dispõe-se, em uma mão, da aventura do romantismo e da intensidade com que este brinda as relações. Na outra, desfruta-se da profundidade do intimismo, de seu companheirismo e de seu compartilhamento transcendente.

E pelas ondas e tempestades vindouras do trajeto nesta reflexão, o próximo elemento a ser explorado profundamente é o mar e suas condições: o contexto em que se veleja, ou melhor, em que se vive praticando os amores enunciados. O trabalho parte agora para uma análise minuciosa da conjuntura atual. Como é a contemporaneidade? Como se é nesse espaço-tempo? Como se vive nele o amor?

CAPÍTULO 2

O amor agora

2.1 Sobre a terminologia

Pensar as relações amorosas e conjugais no “hoje” exige uma discussão prévia a respeito do contexto atual da investigação. Esse aprofundamento, que visa a um entendimento específico do momento no qual se situam as relações em questão, é um tanto quanto “delicado”, devido à falta de consenso e ao excesso de óticas possíveis – o que é observado inicialmente na própria dificuldade de nomenclatura. Poder-se-ia começar de uma definição única, tendo em vista uma maior concisão a respeito de uma lógica de pensamento. Contudo, essa forma de tratar o contexto não seria apropriada, já que não ofereceria a dialética necessária para solidificar bases de discussão sobre o objeto deste trabalho. Por isso, um estudo minucioso sobre tal contexto deve favorecer a fluidez da leitura do trabalho e a estruturação efetiva do corpo teórico que embasa a demanda da pesquisa de campo e serve também para discutir os dados encontrados.

Segundo a multiplicidade de definições ou pontos de partidas possíveis, o termo “contemporaneidade” parece atender a anseios generalistas quando está conectado inicialmente a uma cronologia histórica. O *Michaelis Dicionário de Português Online* (2015) apresenta uma definição de “contemporâneo” como o que é do tempo atual ou como “o homem do nosso tempo”. Essa elucidação justifica inicialmente a escolha pela palavra como representativa do contexto do trabalho como um todo, pois o intento é pensar nos tempos atuais.

Tendo como orientação uma trajetória que vai do mais genérico ao específico, tratar de um “período” fundado em um *chronos* é uma forma de organizar didaticamente o tempo que contribui para os fins almejados. Em contrapartida, entre outras formas possíveis, Agamben (2010) oferece uma contribuição que vem a ser pertinente e significativamente ajustada aos objetivos do trabalho. O autor prefere pensar o termo “contemporâneo” como dependente de uma conexão: “De quem e do que somos contemporâneos?” (p. 57), demonstrando que há a necessidade de uma relação para esboçar sentido. E, por ser uma relação com o tempo, o conceito se revela bastante singular.

Aquele que é contemporâneo, para o filósofo italiano, não pode coincidir plenamente com o tempo em voga, ou pelo menos deve possuir uma capacidade⁶ de dele se distanciar de alguma forma ou com ele deixar de coincidir, dissociar-se do tempo em que está situado para providenciar condições de analisá-lo. Contemporaneidade, portanto, associa-se, para o autor citado, a essa relação específica, na qual se descolar favorece uma consciência para lidar com o tempo e para entender seus aspectos específicos, ou seja, o ponto é uma postura e uma atitude. Considerando uma segunda ideia do contemporâneo como aquele que deve “manter fixo o olhar no seu tempo” (p. 62), “contemporaneidade” se demonstra ainda mais consonante com o objetivo deste trabalho de focar no tempo atual: o intento é compreender as relações amorosas conjugais duradouras no hoje, através de um distanciamento reflexivo e direcionamento do olhar para o escuro, lançando a luz necessária ao incompreendido e despercebido.

Contemporaneidade é, em suma, uma escolha de termo genérico, cronológico, representante de um modelo atual, a princípio. Além disso, refere-se a uma atitude privilegiada de compreensão por meio do direcionamento de um olhar assertivo. Esse olhar tem como resultado o conhecimento de algo que não pode ser visto por todos, e sim por aqueles que se dissociam de uma realidade não apenas para interpelá-la, mas também para transformá-la e colocá-la em relação com outras realidades e tempos. Agamben (2010) ainda completa a respeito desse ponto crucial, em que se percebe no presente fenômeno o seu próprio passado:

A contemporaneidade se inscreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico (. . .) Arcaico significa: próximo da *arké*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea a um devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto. A distância – e, ao mesmo tempo, a proximidade – que define a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem. (p. 69)

2.2 Modernidade X pós-modernidade

O contexto atual, intitulado e justificado como “contemporaneidade” como ponto de partida, recebe inúmeros nomes, interpretações e leituras advindos de pontos de vistas distintos de autores diversos. Entre as várias concepções, estão a de “pós-modernidade” ou

⁶ Palavra eleita pelo próprio autor.

“modernidade líquida”, do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, e a de “hipermodernidade”, do filósofo francês Gilles Lipovetsky.

Bauman (1998, 2004, 2007, 2008) pretende demonstrar que o contexto atual é a representação de uma ruptura no *modus operandi* social e que, por se reorganizar enquanto algo diferente do que outrora foi considerado como *modernidade*, deve ser reconhecido enquanto um modelo posterior e, assim sendo, uma *pós-modernidade*. Lipovetsky (1989, 2004, 1987/2009), por outro lado, acredita que a época em que vivemos evidencia uma reconfiguração, porém não fruto de uma ruptura. O que este último autor defende é a ideia de uma intensificação da modernidade, a qual gera uma exacerbação de características específicas desse tempo que resultam na concepção de uma *hipermodernidade*. Independentemente dessas diferenças, ambos coincidem em considerar aspectos fundamentais que atestam semelhanças curiosas e que fundamentam uma construção a respeito desse contexto de vida e de relações do momento. Em se tratando de simplificar a compreensão dos contrastes de modelos a serem apresentados, o trabalho adotará o termo *pós-modernidade* enquanto padrão para se referir ao contexto atual de agora em diante.

A modernidade (enquanto projeto) sucedeu uma forma metafísica de pensamento, sendo definitivamente marcada por um molde cartesiano. Souza (2005) diz que “o sujeito, ao refletir sobre si mesmo, cria autonomamente, no ato mesmo da reflexão, sua própria natureza de ser autoconsciente”. (p. 32). A razão, dessa maneira, é elevada e ganha uma ascensão sobre todas as coisas, de modo que o homem passa a ser visto como dominador e transformador da natureza, deslocando o poder divino anteriormente creditado a si mesmo. Há uma forte esperança de substituição de uma velha ordem tradicional herdada por uma nova e melhor (Vieira & Stengel, 2012), sentimento este proporcionado pelo poder do homem de refazer seu destino e alcançar uma regularidade, controle e explicação sobre o mundo (Prado Filho & Martins, 2007; Mahfoud & Massimi, 2013; Vaitsman, 1995). O olhar foi conduzido a um redirecionamento das causas finais e da providência divina para uma guinada antropocêntrica.

Com sua centralização e seu empoderamento, sucede-se uma tentativa de controle da ordem e dos desvios, caracterizadora de uma normalidade estável, abrangente em vários âmbitos. Por exemplo, aparecem movimentos de higienização (Bock, 2004) que, por natureza e intuito, se direcionam aos discrepantes e problemáticos em relação à ordem. Do mesmo modo, a educação se volta à política da linearidade do ensino e é marcada por práticas rígidas, caracterizando-se como “autoritária e disciplinadora” (Bock, 2004, p. 2).

Não obstante, se fazem explícitas na modernidade as promessas de dias melhores (Vieira & Stengel, 2012), cultivadas especialmente pelo crédito científico. A ciência se enraíza na sociedade e na cultura de uma maneira imponente com seu novo corpo objetivo. Diante dos progressos observáveis que favorece, determina um devido fascínio dos homens pela nova ordem simbólica. Sua credibilidade cresce verdadeiramente através das justificativas para os fenômenos, o que reforça ainda mais seu papel fundamental. As consequências da hipervalorização da ciência elevam o nível de expectativa sobre a possível resolução de problemas e sobre o grau de felicidade potencialmente vindouro. O tema da decadência, até então recorrente em momentos anteriores da história vem a ser substituído pela ideia central do *progresso* (Lipovetsky, 2004; Souza, 2005). A modernidade sonhou a razão plena, achando que o mundo caminhava para algum lugar que seria ao menos “melhor” aos seus olhos.

À parte as discussões sobre a legitimidade ou sobre as evidências que, de fato, fazem o conceito de modernidade ser “original” (Souza, 2005; Latour, 2009), a sua desconstrução acontece com o despertar do sono bom para a pós-modernidade. Esse é o tempo em que tudo parece se esfacular, começando pela própria crença de uma história abrangente e estável (Vaitsman, 1995), que se desfaz cruamente. A dúvida quanto ao crédito científico se cola à dinâmica cotidiana, e se valorizam incerteza e contingência. A pós-modernidade vem denunciar o fracasso dos planos da modernidade. E sem esses planos, que eram aparentemente tão certos, seguros e confortantes, não resta muito senão desolação e tédio (Vieira & Stengel, 2012).

Se a ordem estava para a modernidade, o desmantelamento de toda e qualquer ordem está para a pós-modernidade, não existindo a exigência do estabelecimento de outra nova. A descrença acompanha a perda de sentido, e a ausência de sistemas e ideologias dá lugar ao desamparo. Vale lembrar que, apesar do fortalecimento do *self* na modernidade (Souza, 2005), é apenas na pós-modernidade que se estará diante da ausência de grandes projetos mobilizadores coletivos (Lipovetsky, 1987/2009), circunstância derivada de uma série de fatores, entre eles a falta de rumo ou propósito de direção (Lipovetsky, 2004). Na pós-modernidade, não se enxerga nada além do vazio e qualquer lado serve, até mesmo porque nenhum lado aparenta ser melhor.

Bauman oferece então o conceito de “liquidez” em toda sua obra. Líquido é aquilo que escapa pelos dedos, que tem dificuldade em manter sua forma. O termo “modernidade

líquida” (Bauman, 2004, 2007, 2008) aparece mais frequentemente que “pós-modernidade”, como saída definitiva de caracterização que desvela conflito e angústia, ou mal-estar em si (Bauman, 1998), uma vez que traduz a impermanência, falta de controle e destituição de garantias herdadas do modelo da modernidade. Lipovestky, por sua vez, apresenta similaridade com seu conceito de *efêmero* (1987/2009), ressaltando a transição repentina de objetos, de modo que estes ditam interesses e comportamentos, não sendo meramente acidentais. O autor também traz a ideia de que a *efemeridade* e a *sedução* são “princípios reguladores da vida coletiva moderna”⁷ (Lipovetsky, 2009, p. 13), vindo a se tornarem elementos instituidores de uma época frívola. Se em Bauman se nota um tom especificamente resignado, aparentemente pessimista e condenatório em relação à pós-modernidade, em Lipovetsky (2004; 1987/2009), fica explícita uma moderação ao avaliar o sentido duplo da hipermodernidade: não é pior nem melhor, apenas uma reconfiguração que exigirá aprendizado.

2.3 Pós-modernidade e objetos de consumo

Segundo Baudrillard (1929/1995), vive-se uma tendência ao consumo abundante como resultado de uma multiplicação frenética de objetos, os quais funcionam se proliferando como fauna e flora. A reprodução de serviços e bens é absolutamente sufocante e tumultuadora: objetos tomam os espaços da vida cotidiana. Esse fenômeno de amontoamento o autor batiza com o nome de “profusão” (p. 16), maneira pela qual se extinguem a raridade e a ausência, o que presentifica a abundância como uma profecia da tranquilidade eterna – a “falta” não consta no dicionário pós-moderno. Aliás, essa época contribui para a desaprendizagem da habilidade de se conviver com a falta. Ela, por conseguinte, se torna um medo que esporadicamente se traveste de fantasma para sussurrar ao ouvido do indivíduo o presságio de sua possível presença – maior pesadelo pós-moderno.

Os indivíduos, então, passam a ser rodeados não por outros indivíduos, mas por objetos (Baudrillard, 1995). E ainda que haja tantos deles, parece ser impossível alcançar uma satisfação prolongada, afinal de contas, os homens se encontram em tempos líquidos (Bauman, 2007), e tudo acaba se revelando mais fugaz do que se imaginava. Além disso, vontade de satisfação não se atrela unicamente à função prática para a qual o objeto

⁷ Apesar de usar o termo “moderna”, o autor se refere à época atual, que continua sendo moderna, como já explicitado, porém carrega uma nova roupagem, com adereços mais visíveis.

supostamente se destinaria; ela se liga muito mais à significação que da sua posse e do seu consumo emerge, não tendo, em absoluto, valor de uso suficiente que o faça valer a pena. Ao contrário, ele se torna símbolo de diferenciação que impele o indivíduo ao seu encontro. Ou seja, o objeto se transforma em um puro artigo de luxo, já que seu papel é de afirmar identidades.

A persuasão conta com o suporte do *mass media* para vender o que Baudrillard (1995) chama de “superobjeto” (p. 17), um ideal imaginário de produto que vem para suprir todas as necessidades de um ser humano. Nesse ponto, torna-se desnecessário dizer que, ao deparar-se com o objeto pensado como superobjeto, ele automaticamente perde seu encanto, deixando seu posto para aquele próximo que se anuncia num novo comercial. E o ciclo permanece em ação, ininterruptamente.

Os objetos são assistidos em seu nascimento, produção e morte, sendo suas próprias mortes assustadoramente precoces, pois eles são programados para uma vida específica que deve atender às leis de substituição em hora programada (Baudrillard, 1995). A obsolescência controlada é a grande regra do mercado. Antes de existir, o objeto já possui o seu substituto, isto é, algum outro que já deva (antes de nascer) possuir o seu destino todo traçado para satisfazer anseios de um grupo específico, em período específico e, mais curiosamente, de maneira específica. Essa lógica desobedece à antiga (não tão distante), quando os objetos eram produzidos com a intenção de serem bens duráveis – um plano bem compatível com a modernidade, como já sabido.

Para abrigar esse palco de novos nascimentos ou, em outras palavras, lançamentos e novidades, estão os grandes centros, ou *shopping centers* – aos quais Baudrillard (1995) se refere como *malls*, ou ainda *drugstores*. São locais que contêm sempre um pouco de tudo, configurando-se mesmo como minicidades. Os *malls* funcionam todos os dias, são sempre iluminados com a intensidade ótima, negligenciando o relógio e não se deixando afetar pela luz do dia ou o cair da noite. São muito bem adornados, a temperatura é sempre agradável, a segurança (na maioria das vezes), explícita. Tudo com o objetivo de proporcionar oportunidades ricas e variadas, dentro de um ambiente propício e controlado, com o máximo de conforto possível, para facilitar a relação com produtos que saltam aos olhos (Baudrillard, 1995). Eis o que o autor diz sobre os *malls*:

O trabalho, o lazer, a natureza, a cultura, que outrora se encontravam dispersas e provocavam a angústia e a complexidade na vida real (. . .) ei-las agora como um todo misturado,

amassado, climatizado, homogeneizado (. . .), completamente assexuado no ambiente hermafrodita da moda! Finalmente, eis tudo *digerido* e restituído à mesma matéria fecal homogênea (. . .) – tudo isso acabou: a fecalidade *controlada*, lubrificada, *consumida*, inseriu-se nas coisas, encontra-se em toda a parte difundida na indistinção das coisas e das relações sociais. (p. 20-21)

Frente a essa infinidade de possibilidades de objetos e a esse estímulo desenfreado ao contato, apropriação e consumo, seria o caso de se esperar uma sensação de desorientação, que não acontece. Embora tenha sido antes mencionada a falta de direção como característica intrínseca à pós-modernidade, a situação perante objetos de consumo é distinta. Os estabelecimentos buscam posicionar seus produtos de forma estratégica, artimanha que faz da alusão ao próximo a peça fundamental para efetivar as escolhas múltiplas. Não há limites para estas escolhas. A quantidade ganha uma importância peculiar, valorizando o conjunto em detrimento das peças individuais. A esse modo específico de organização dos objetos Baudrillard (1995) dá o nome de “panóplia” (p. 16). Ela é responsável por constrangimentos causados pela inércia do movimento de alusão, que apresenta objeto a objeto, seduzindo o olhar sequencial e o ato de apropriação.

Pois *profusão* e *panóplia* operam juntas e sincronicamente, estimulando (em certo tipo de “coerção”) a interligação entre objetos, em uma qualidade altamente complexa para fazer funcionar a máquina do sistema e do contato com o *superobjeto*. E mesmo após a frustração da incompletude do mesmo (que volta a se rebaixar à categoria de objeto, perdendo seu posto divino), não há de se falar em paralisação. Certamente haverá uma próxima novidade aguardando um novo encontro com um indivíduo (Bauman, 2008; Lipovetsky, 1987/2009). O descarte é uma saída fácil para se dirigir ao novíssimo, gabando-se de ser a maneira aprendida para lidar com a insatisfação na pós-modernidade. E ele acontece a todo tempo, seja pela frustração da não completude do objeto, seja por ser velho ou, antes disso, usado, já que essas palavras viraram sinônimas de “defasado” (Lipovetsky, 1987/2009). A frivolidade acontece, por fim, nesse momento em que não há tempo de relação sequer com os próprios objetos. Não há o mínimo tempo para se concentrar quando mais recentes *kits* já estão prometendo excitações nunca antes experimentadas (Bauman, 2008).

2.4 Sociedade de produtores X sociedade de consumidores

O campo do *consumo* é evidenciado quando um objeto sai do campo da necessidade ou função própria e começa a responder ao desejo (Baudrillard, 1995). É possível acessar facilmente tal dimensão verificando seu valor de prestígio se sobrepôr a seu caráter de utensílio. Já o *consumismo* é “um tipo de arranjo social resultante da reciclagem de vontades, desejos e anseios humanos rotineiros, permanentes e, (. . .) *principal força propulsora e operativa* da sociedade, uma força que coordena a reprodução sistêmica” (Bauman, 2008, p. 41). É importante ressaltar que o arranjo mencionado perpassa todos os setores possíveis, da esfera individual até a grupal, social e política.

A virada do consumo ao consumismo acontece quando o primeiro se torna central para a vida de cada um e propósito da existência (Bauman, 2008). Se *consumo* “é basicamente uma característica e uma ocupação dos seres humanos como indivíduos, o *consumismo* é um atributo de *sociedade*”. (p. 41). Justamente por esse motivo, Bauman (2008) irá estabelecer uma distinção entre “sociedade de produtores” (p. 42), aquela que está intimamente relacionada a um funcionamento moderno, e “sociedade de consumidores” (p. 70), que faz jus à condição de pós-moderna.

A sociedade de produtores nasceu no berço da segurança, e sua aposta não poderia deixar de ser na confiança, no ordenado, regular e, especialmente, no duradouro (aquele que era resistente ao tempo). Os bens eram protegidos e cuidados para prevenir a depreciação, ou guardados com apreço, para garantir a permanência e uso subsequente, ou, em casos específicos, para preservar o que foi herdado. Existia, pois, uma desvalorização do “agora” e da satisfação imediata, uma renúncia consentida. Estar satisfeito era poder vivenciar os planos de longo prazo sem qualquer azar ou acidente, ou seja, era atribuído um grau de importância notável ao “futuro”, assim como a um pensamento conservador que, em igual medida, aumentava o préstimo do “passado” – considerado fundamento de legitimidade. Logo, a mudança era contida e rejeitada, em manutenção do tradicional. Os prazeres do momento eram vistos como “sedutores, mas falsos, inventados, ilusórios e, em última instância, degradantes”. (Bauman, 2008, p. 91).

Tudo acontece diferentemente na sociedade de consumidores. O mercado se dedica naturalmente à criação de qualidades para demandas já prontas ou, por vezes, a criar e perpetuar as próprias demandas que alimentarão a produção. A facilidade de alcance ao objeto

é suprema, pela organização de profusão e panóplia e pela contribuição do *mass media*. Chega-se muito rápido perto do que se quer. E essa aproximação tem que ser “agora”, nesse minuto. Da mesma forma deve ser a apropriação, o uso e o descarte. Não há nada que deva ser deixado para depois, pois, afinal de contas, o destino é incerto, tanto quanto o valor do próprio objeto. Sabe-se que a efemeridade misteriosamente atuará na sucção da importância do objeto em pouco tempo, amparada pela própria publicidade, que trabalha a serviço de uma sabotagem tecnológica em prol da economia de mercado. A sociedade de consumidores é imediatista e volátil.

Esta sociedade precisa de seus objetos para existir, mas paradoxalmente tem avidez por destruí-los (Baudrillard, 1995). O uso representaria apenas o lento desgaste, ao passo que a obrigação é de uma velocidade infinitamente superior para lidar com o ciclo de sua vida, isto é, não é possível esperar o seu fim natural. Uma reflexão um pouco mais cuidadosa apontaria a destruição como condição *sine qua non* para o excesso. Ela acaba sendo uma das funções predominantes dessa sociedade. Lipovetsky (1987/2009) afirma que a moda outorga o poder social dos signos ínfimos. Não passa de um esquema de investimento em pequenas modificações de detalhe que sobressai ante as raras grandes inovações.

Quanto à satisfação, talvez carecesse considerar sua existência naquele breve momento, aquele fragmento em que há o encontro do indivíduo com o objeto (ou superobjeto); encontro arrebatador de valor quase transcendente, solene e ilustre. Ou, quem sabe, interessaria considerar a satisfação nos minutos seguintes. Ou algumas horas, em caso de um otimismo substancial. Tempo suficiente para sobreviver a frustração, artilosa e desapontadora. Os bens perdem o brilho muito rapidamente, mas a busca continua, incessante.

Por outro lado, o objetivo não é satisfazer as necessidades de ninguém (Bauman, 2008). Seja dito de passagem: sem a presença das necessidades, esse sistema, em realidade, estaria arruinado. O perfil do que “vive simples” e que pouco cobiça ou aspira é um enorme problema para a organização pós-moderna, porque ele se satisfaz com pouco. Na grande realidade, a sociedade de consumidores repudia odiosamente esse tipo, em razão de ele não possuir os motores motivacionais do consumo: vontade e desejo. Tal perfil tampouco se seduz pela promessa de satisfação e de felicidade que é profanada pela indústria do consumo.

A sociedade de consumidores é a única prometer felicidade instantânea e perpétua na vida terrena, aqui e agora (Bauman, 2008), e esta constitui referência absoluta, o que se mostra equivalente à salvação (Baudrillard, 1995). Ser infeliz é crime na pós-modernidade.

Visto que ela é provedora do “hipoteticamente” necessário à total completude do homem que a habita, difunde-se a noção da obrigatoriedade de prazer e felicidade (Baudrillard, 1995; Bittencourt, 2010), também nomeada como “a revolução do bem-estar” (Baudrillard, 1995, p. 48), um movimento descendente do programa do consumo, sagaz procriador de mais bens e serviços prestados em nome do estado geral de harmonia do indivíduo.

Aprende-se que consumir excessivamente objetos específicos e praticar estilos de vida variados é condição para ser feliz (Bauman, 2008). A pós-modernidade vende alternativas incomuns, ou antes impensáveis, e práticas tão diversificadas, que já se torna um problema decidir qual tipo de solução será a melhor para pôr fim aos problemas que surgem. Dietas extravagantes e produtos para o corpo, a mente, o espírito, o humor (normalmente oriundos de tribos ou países que remetem ao excêntrico),⁸ terapias alternativas e meditação são alguns exemplos de recursos para a higienização do ser humano e a construção de uma figura livre de interferências em seu bem-estar e felicidade. Todos devem ser sempre sorridentes e resolvidos.

A pós-modernidade firmou um duro compromisso com a felicidade. Tornar-se feliz “transformou-se na marca da decência e na garantia do respeito humano”. (Bauman, 2008, p. 165). Todavia, é um grande erro pensar que entrar no mundo do consumo significa ter descoberto o segredo da felicidade (Baudrillard, 1995). É necessário fugir da ideia de que por força da abundância as necessidades irão se satisfazer, como em passe de mágica. Baudrillard (1995) julga essa mentalidade como primitiva e sensível ao miraculoso, a qual se baseia na onipotência dos signos. Acrescenta que as satisfações que os objetos conferem são de uma categoria virtual, não concedendo, de fato, aquilo que verdadeiramente os indivíduos esperam.

Freud⁹ (1930/2002) afirma que um desapontamento da civilização é ter observado que, nas últimas gerações, mesmo com o homem obtendo poder sobre espaço e tempo, ou subjugando a natureza; mesmo tendo efetuado um progresso extraordinário, não aumentou a quantidade de satisfação prazerosa e não se tornou mais feliz. Apesar do autor não estar no campo das teorias sobre o consumo, os progressos aos quais se refere certa e indiretamente se entrelaçam com as mesmas. Baudrillard (1995) diz que pensar que há uma propensão natural do ser humano para ser feliz é uma antropologia ingênua. Destarte, abrange-se uma concepção

⁸ Se a velocidade de saturação é altíssima, maior a chance de retardar o tédio apresentando um universo distante, incomum, exótico ou até bizarro. Ou ao menos recorrer a ele dá a impressão de que, pela sua discrepância, os indivíduos levarão mais tempo para se enfadar.

⁹ Um dos autores que ajuda a “enterrar” a modernidade e a razão.

da felicidade como uma pretensão complicada. Por último, que ao menos seja considerado o podre dessa concepção, que é esta estranha parte da ilusão que tenta converter o instante de prazer em eternidade. A partir das concepções apresentadas, a busca da felicidade parece ser um grande fetiche da pós-modernidade.

2.5 Retrato do indivíduo pós-moderno

Após toda a exposição sobre a pós-modernidade, consumo e consumismo e sobre a maneira pela qual a sociedade atual funciona sob o regimento dessas leis (sociedade de consumidores), é hora de seguir rumo ao retrato do pós-moderno para compreender como seus indivíduos se relacionam e constroem (ou deixam de construir) suas relações.

Uma das principais características do indivíduo pós-moderno e que não foi mencionada anteriormente, por merecer um momento inteiramente dedicado a ela, é o *individualismo*. Desde o princípio, optou-se pela escolha da palavra *indivíduo* em detrimento da palavra *pessoa* (ou de outras) pelo fato de a primeira corresponder mais perfeitamente ao retrato pós-moderno e por significar uma aproximação de maior qualidade – a palavra *indivíduo* nada mais é que uma variação de *individualismo*. Vieira & Stengel (2012) confirmam a correspondência de *pessoa* às sociedades tradicionalistas e de *indivíduo* à sociedade moderna (e pós-moderna).

Em primeiro lugar, há que se entender que a desconstrução moderna significou uma reconfiguração da relação com o Estado. A sociedade de consumidores não comportou um Estado estável, pois o consumo foi desregulamentado, privatizado, “terceirizado” e deixado sob o cuidado, administração e responsabilidade únicas dos indivíduos (Bauman, 2008). Contrariamente à sociedade de produtores, a responsabilidade do desempenho foi delegada estritamente aos pós-modernos, não permanecendo suprimento de qualquer amparo ou proteção.

Esta *responsabilidade*, após sofrer transferência total para as mãos do indivíduo, não foi encarada e vivida da mesma forma que antes, quando era dividida e compartilhada com o Estado. Quiçá pelo peso da liberdade (a ser tratada adiante), deu-se, da mesma maneira, um deslocamento da preocupação moral com o outro para a autorrealização (Bauman, 2008). A afirmação popular do “o problema é meu; ninguém paga as minhas contas” reflete a situação

de investimento em que o eu do ator sobrepuja o do outro, como acontece na maioria das vezes na pós-modernidade.

Lipovetsky (1987/2009) acrescenta que o gozo pessoal tomou o lugar da glória no momento em que “novas normas se impuseram desqualificando não apenas o culto heroico de essência feudal, mas também a moral cristã tradicional que considera as frivolidades como signos do pecado, do orgulho, de ofensa a Deus e ao próximo” (p. 101). Como é de conhecimento geral, a glória vem da realização da obra e requer um investimento que não se encaixa na agenda da moda ou da pós-modernidade.

Em segundo lugar, considerar-se-á a necessidade de afirmação do eu que ocorre mediante a busca de diferenciação pela aparência (Lipovetsky, 2004, 1987/2009). Percebendo tantas possibilidades para exercer suas próprias características ante o que produz a indústria, o indivíduo busca se legitimar por meio dos signos – novamente o superobjeto (Baudrillard, 1995). Essa aderência ao funcionamento guiado pela *mass media*, profusão e panóplia, sem as mínimas condições de consciência de processo, ou pior, em um movimento automático de observação do externo e de parca mobilização para uma consciência real das necessidades, leva a um *modus operandi* absolutamente acrítico. Em seguida, constituindo-se como uma artimanha de uma camuflagem benfeita (mais uma sutileza da Pós-modernidade) o *narcisismo* aparece para cumprir com toda a espetacularização do jogo do ver e ser visto.

Santos (2012) propõe dois aspectos do que chama de “barbárie vertical”: “valorização exagerada do corpo em detrimento da mente” e “valorização do visual sobre o auditivo” (p. 23). Esses aspectos são parte de um fenômeno atual que solapa a cultura. A “invasão vertical dos bárbaros” (p. 13) difere das invasões bárbaras da época do Império Romano por não ser, nas palavras do próprio autor, tão “cruenta” (p. 14) (o que pode ser questionado) e por não se destinar a uma ocupação territorial. No entanto, são apropriações e destituições (dessa vez, de valores culturais) que acontecem em escala similar. Mas é na base do funcionamento que reside a preocupação, pois não se trata de pontos observáveis em circunstâncias específicas. É um protótipo funcional de culto à vaidade que se estabeleceu como “uma finalidade da existência” (Lipovetsky, 2009, p. 43) e que se manifesta por meio do narcisismo.

Em terceiro lugar, deve-se levar em conta a dificuldade de trato com *liberdade*. Lipovetsky (2004, 1987/2009) aponta um aspecto fundamental que oportuniza o melhor entendimento sobre essa problemática. A instauração do “feérico das aparências”¹⁰

¹⁰ Título de um dos capítulos da obra em questão.

(Lipovestky, 2009) norteia a discussão até as origens da moda, a qual remonta às sociedades de corte, quando a burguesia almejava “copiar” a indumentária aristocrata. O autor discute que esse movimento, efeito de um mimetismo histórico que evidencia o desejo de ascensão de classe através da apropriação e do consumo de signos de poder, não deixou de ser reproduzido até os dias atuais. Seguindo por essas vias e retomando um tópico anterior, torna-se mais inteligível a ruptura da tradição, quando se passa a considerar sua associação com a força da moda (ainda seguindo o raciocínio de Lipovetsky). Ora, se os objetos eram guardados como sinal de respeito à tradição, no universo da moda, assiste-se à derrocada destes objetos e valores em estímulo a uma descontinuidade histórica, traços de esmagamento do imutável. O autor diz:

Enquanto nas eras de costume reinam o prestígio da antiguidade e a imitação dos ancestrais, nas eras da moda dominam o culto das novidades assim como a imitação dos modelos presentes e estrangeiros – prefere-se ter semelhanças com os inovadores contemporâneos do que com os antepassados. (Lipovetsky, 2009, p. 35)

Distante das obrigações de corresponder ao passado, o indivíduo se sente confortável em poder se reinventar, começando pelo seu “parecer”. É uma forma clara de se fazer senhor de sua existência. É nesse lugar que surge a (complicada) ideia de *liberdade*, produtora de ambivalências assustadoramente angustiantes (Lipovetsky, 2004, 1987/2009). A moda foi “um instrumento de inscrição da diferença e da liberdade individuais”. (Lipovetsky, 2009, p. 49). É por meio dela que se constrói o individualismo de detalhes; nas pequenas escolhas, nos detalhes, nos adereços que fazem as variantes pessoais.

Em meio a articulação entre *responsabilidade*, *narcisismo* e *liberdade* nas manifestações pós-modernas, nota-se claramente uma decadência de projetos coletivos mobilizadores (Lipovetsky, 1987/2009), originária de uma perturbação ocasionada pelo gozo privado do consumo. Ou, como coloca Bittencourt (2010), há uma perda da confiança na coletividade social. Sem saber se o precedente é “ovo ou galinha”, ambas as causas apontadas afetam o quadro individualista atual. Bauman (2008) fala do “enxame” (p. 99), um fenômeno que tende a substituir o grupo (que tem líderes, hierarquia, autoridade e estrutura muito bem determinados), porém sem qualquer estratégia para sobreviver. Sua configuração, contudo, é altamente interessante e específica porque não demanda especialistas, não organiza intercâmbio, cooperação ou complementaridade. Funciona com suas partes autonomicamente ativas, que se agregam por conforto e segurança numérica. A estatística acalenta o medo do

erro e isenta a responsabilidade de escolher certo: se houve o erro, pelo menos vários outros estavam juntos e a probabilidade estava a favor. O nome “enxame” é autoexplicativo; não há formas de tornar a representação mais figurativa daquilo que se reúne e desfaz com tanta facilidade.

Outrossim, há que se destacar o distanciamento entre os indivíduos, que então vivem menos em presença de iguais e mais na presença de objetos. Eles desenvolvem a preferência por atividades específicas solitárias, como fazer compras ou comer fora (Baudrillard, 1995; Bauman, 2008), e sucede o enfraquecimento ou fragmentação de vínculos (Bauman, 2004, 2008). Esse perfil não se situa apenas na dimensão pessoal; há tanto uma confirmação social, quanto por vezes ele é exigido em outras esferas. A título de exemplo, as empresas começam a revelar preferência pelo funcionário classificado como “chateação zero”, um perfil pós-moderno caricatural. Isso é o mesmo que dizer que a epidemia organizacional do momento é recrutar indivíduos sem vínculos, sem compromissos, sem comprometimento ou sem ligações. Enfim, o foco é aquele que está “sem”, pois a empreitada de descartar quem nada tem a perder parece ser a solução para se poupar um desperdício de energia (Bauman, 2008).

Pois quem são, em suma, esses indivíduos que circulam na vida pós-moderna? São sujeitos de comportamento irrefletido (Bauman, 2008), que não pensam sobre objetivos de vida ou como alcançá-los. São desprovidos de crítica sobre sua condição existencial que abraçam uma indústria consumista na tentativa de ser alguém para si e para os outros (Bauman, 2008), investindo, principalmente, em sua aparência (Lipovetsky, 1987/2009). Têm o profundo desejo de estarem à frente e de serem reconhecidos, acompanhando tendências de estilo da sociedade de consumo. Também são indivíduos que revogam os valores vinculados à duração e que não veem absolutamente nenhuma vantagem em retardar a satisfação. Estão em altíssima velocidade, sem rumo, carregando a necessidade de estarem se movimentando aceleradamente, porque sabem que parar é crime capital. A ausência de noção de direção os faz ansiosos, ao passo que o tédio e a desesperança de se chegar ao final dessa corrida, ou de encontrar algo inesperado, que não se sabe exatamente o quê (mas que mude a condição atual), é similarmente presente. Conquanto, também sentem angústia, e para tratá-la baseiam-se na ação como forma de tentar escapar do eu – consolidando a urgência como estratégia. Nesse caminho, vale olhar tudo, apropriar-se de tudo, consumir tudo. Afinal, não se prendem a nada e não se importam com nada, pois nada importa se tudo é igual. E precisamente por isso, consome-se desenfreadamente, gerando um desperdício proporcional e fomentando a

produção dobrada para que se feche o ciclo (um excesso tão absurdo quanto espalhafatoso). Lipovestky (2009) completa a definição, ressaltando discrepâncias:

Os espíritos estão mais informados porém mais desestruturados, mais adultos, porém mais instáveis, menos “ideologizados” porém mais tributários nas modas, mais abertos porém mais influenciáveis, menos extremistas porém mais dispersos, mais realistas porém mais indistintos, mais críticos porém mais superficiais, mais céticos porém mais meditativos. (p. 19)

Caso surja a pergunta reflexiva de como podem esses indivíduos aceitar essa (estranha) vida de apropriação, consumo, descarte e lixo – essa existência altamente frívola –, a devolutiva se antecipa ao desconforto da hesitação: não há de se falar em aceitação. Essas são suas próprias vidas. São suas vidas pós-modernas.

2.6 O amor na pós-modernidade

A constatação pós-moderna exhibe um cenário claro do consumo enquanto modo ativo de relação (Baudrillard, 1995). Sendo assim, a mais importante questão não passa pelo desconforto sobre o consumo de objetos (até porque esse assunto parece já saturado e repetitivo). O maior problema a ser discutido está na despersonalização do ser humano, que efetivamente se conforma (também) como objeto a ser consumido (Bauman, 2008; Bittencourt, 2010). E com seu *status* de mercadoria, os indivíduos vão se ajustando e comportando como tal.

Na condição de consumíveis, há uma persistente obrigação de remodelarem-se com o objetivo de não se tornarem obsoletos, como rege a ordem de mercado, e o recurso para o qual dirigem as atenções e os investimentos é o *marketing* (ou *automarketing*). Os indivíduos devem, portanto, ser desejáveis e atraírem demanda para a própria mercadoria que são (Bauman, 2008). O culto ao corpo, sinalizado por Santos (2012), converge com as observações de Lipovetsky (1987/2009) a respeito de recentes parâmetros sociais que vieram a valorizar atributos como a magreza, a juventude e o *sex appeal*, por exemplo. Esses valores foram colocados em evidência e, por serem fontes de referência primária, são reforçadores dos excessos que visam corresponder ao ideal de mercadoria perfeita. Em contrapartida, falhar nesse intento levaria a um fracasso irrefragável, sentenciador da pena do descarte, do corte e da substituição (Bauman, 2008). Estar atualizado é um esforço dispendioso, e, com a

velocidade de atualização que é natural a esse tempo, é um desafio duríssimo ter que acompanhar o “aperfeiçoamento” dos produtos humanos que se encontram no mercado.

A primeira drástica consequência desse processo é o *medo*. Sem saber se logrará a façanha, o sujeito pós-moderno convive com um medo eterno de ser usado e jogado fora (Bittencourt, 2010). E coexistindo com o medo, a tensão. Na pós-modernidade, paz de espírito é apenas até segunda ordem. A propósito, levar em conta o modelo de paz “vendido” no momento é tão pós-moderno em seus planos higienistas de bem-estar, que faz praticamente saltar aos olhos de um entendedor mediano os sinais de seu engodo.

A segunda consequência estupefacente é o *desespero* de conseguir uma autoatualização que favoreça um reconhecimento como mercadoria valiosa e uma possibilidade de ser aceito. Para isso, o sistema encontrou na cirurgia estética um caminho interessante: ao oferecer ao “pobre” indivíduo uma alternativa para sua angústia, ela está, em realidade, cruelmente exercendo sua retroalimentação através de mecanismos sagazes. Ter a chance pós-moderna de ser sempre novo, ou poder viver sendo transformado e retransformado infinitamente, parece ser o maior fetiche de felicidade e de paz de espírito possíveis nos dias atuais (Bauman, 2008). Essa prática vem para afastar de vez o dever de lidar com a frustração e com o medo da rejeição. Doravante, atenção: não deve se considerar “A INDÚSTRIA” enquanto entidade perversa que autonomicamente detém toda a responsabilidade sobre a realidade sofrível e desprezível do ser humano (as letras garrafais para destacar o suposto poder). Distante disso, ela é parte de uma realidade e de um mundo construídos pelo próprio indivíduo em suas escolhas e relações.¹¹

Melancolia é a terceira consequência do processo de tornar-se mercadoria, vivido pelo pós-moderno, além do medo e do desespero (Bauman, 2008). Esta melancolia tem sua origem nas próprias divisões internas daquele que não consegue se engajar. Ela aparece como resultado do desconforto e do mal-estar no ínterim do contato com o objeto até o momento de escolha. A obrigação de ter que escolher e a incapacidade de fazê-lo são os pontos mais cruciais para esse fenômeno que Bauman (2008) associa a um “distúrbio”, lembrando o

¹¹ Talvez seja uma ironia perceber que esta afirmação parece ser justamente um argumento pós-moderno, que privatiza as responsabilidades, lançando-as inteiramente aos indivíduos. Em primeiro lugar, seria impossível partir de outra premissa, já que se lança um olhar para a pós-modernidade de tempos atuais (ainda que com o esforço de se “descolar” da mesma para nutrir certo juízo crítico). Um olhar para a pós-modernidade vindo do passado é incogitável, pois, antes, a própria nem era pensada. Em segundo lugar, não se trata de fazer exclusiva a responsabilidade do indivíduo, mas de demonstrar que, enquanto entidade onipotente, a ideia de “sistema” ou de “indústria” não faz sentido, pois ela nasceu das mãos dos próprios seres humanos.

famoso experimento de Miller e Dollard: os ratos se paralisavam mediante o equilíbrio da ameaça do choque e da promessa de comida saborosa. O autor os compara aos indivíduos pós-modernos em seu dilema. Os relacionamentos são bênçãos ambíguas, oscilando entre sonho e pesadelo. Ao se depararem com o desejo de prazer e realização e, ao mesmo tempo, com o alto nível de ameaça, os indivíduos se paralisam.

Pois há medo, mais medo, desespero e melancolia. E para combatê-los, uma urgência absurda de segurança e garantias, ambições nada lógicas dentro de um mundo pós-moderno, mas que se justificam por serem mananciais prometidos de conforto para os planos de ser insubstituível (outra coisa que, apesar de muito vendida, não se sustenta na era da liquidez). Ninguém é insubstituível e nada acaba sendo muito especial em ninguém (Bittencourt, 2010). Eis que, sem nada de especial, o indivíduo passa a ser assombrado pela igualdade que o intima ao descarte. O alívio parte muito mais da segurança que advém do escape de ser jogado no lixo do que em se veicular nas vitrines do mercado humano – como é tão difícil ser destacado, o consolo está em não ser descartado (Bauman, 2004, 2008).

Alimenta-se a solidão, pois medo em excesso tende a privar o contato (especialmente público). Então, em se tratando de amor e de relacionamentos humanos, há a propensão de que estes sejam mais e mais evitados. Dado o grau de ameaça, aumenta-se também o medo que favorece ações defensivas e isolamento voluntário (Bittencourt, 2010; Freud, 1930/2002). Não há garantias de nada e não se podem prever as consequências, sendo essa incerteza provocadora de uma angústia devastadora. Amar é arriscado demais, e o homem “trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Freud, 2002, p. 72).

Entretanto, nada possui apenas um viés. A substituição de relacionamentos, por sua vez, afeta tanto um indivíduo passivo quanto um ativo. Ele “sofre” a ação (ou a ameaça) de ser rejeitado e reproduz esse funcionamento, tratando os outros como peças destinadas a se tornarem obsoletas (Bauman, 2008; Bittencourt, 2010). Moral da história pós-moderna: em vias de ser usado e eliminado, mais prudente é descartar antes. É uma forma de não lidar com a dor e a frustração advindas da rejeição (Bittencourt, 2010).

Por conseguinte, a política relacional vem a ser a do atar e desatar laços com indiferença, baseando-se na recusa da responsabilidade imbricada na vivência do amor (Bauman, 2008). Quanto mais sólido e duradouro, mais trabalho exige e mais esforço requer. Da atividade do consumo não emergem vínculos duradouros (Baudrillard, 1995; Bauman,

2008). Giddens (1993) diz que “para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver”. (p. 152). Esse é um alto preço que os indivíduos pós-modernos não estão dispostos a pagar.

Bauman (2004) crê que os vínculos na sociedade líquido-moderna tendem a ser frágeis, desintegráveis e tão suscetíveis ao estabelecimento quanto ao rompimento. Lipovetsky (1987/2009) certifica que o modo de funcionamento atual está contra a relação. A sociedade frívola se volta à produção de texto e imagem como uma máquina de exaltação à descrição que se impôs para ser venerada talvez até mais que o sexo. Acrescenta que orgulho e impertinência são algumas consequências enfrentadas por esse exercício social. Baudrillard (1995) e Bauman (2004) estão sintonizados quanto à objetualização e à erotização das relações, ou ainda quanto à coisificação do amor (Bauman, 2008), alvo das bombas do consumismo:

O consumismo atua para manter a reversão emocional do trabalho e da família. Expostos a um bombardeio contínuo de anúncios graças a uma média diária de três horas de televisão, os trabalhadores são persuadidos a “precisar” de mais coisas. Para comprar aquilo que agora necessitam, precisam de dinheiro. Para ganhar dinheiro, aumentam a jornada de trabalho. Estando fora de casa por tantas horas, compensam sua ausência do lar com presentes que custam dinheiro. Materializam o amor. E assim continua o ciclo. (p. 153)

Tudo passa a ser visto como um fim em si quando as construções sólidas são escassas. O fim da ideia de processo para a pós-modernidade determina essa radical transformação no perfil do indivíduo e nas suas relações. Bittencourt (2010) assegura que as relações perderam integridade. Bauman (2008) enfatiza a condição de intolerância presente nos indivíduos pós-modernos; estes, que não dão conta de vivenciar o adiamento da satisfação, que deve sempre ser imediata. Para Lipovetsky (1987/2009), esse hedonismo acentuado reflete um medo tanto da frustração e do sofrimento quanto do tempo e da morte. A moda traz à tona o novíssimo, peça de tamponamento da vivência do velho e do envelhecer; uma doce distração do fim inevitável da vida. O indivíduo de nossa época quer dominar o tempo e se ver livre de sua impiedade (Bauman, 2008).

Similarmente, e na maior parte dos casos, é exercida a tentativa de controle da distância e da presença. Tenta-se estar sempre presente sem estar realmente presente (Baudrillard, 1995). Sendo imperativa a intensidade do momento, esta se vale de fio condutor a um ensaio de presentificação alternativo, pois não acontece no concreto. Quer-se estar no lugar onde tudo se passa, mas ao mesmo tempo onde nada compromete a integridade própria.

Quer-se estar perto, de longe. Novamente, a investida em uma segurança miraculosa, dadas as proporções do medo. No âmbito das relações, a tônica é sempre se implicar o mínimo possível para não sofrer nenhum abalo na tranquilidade.

Sob o que muitos considerariam o ocaso pós-moderno, visando solucionar os problemas do envolvimento ou ao menos suscitar alternativas, despontam as novas configurações relacionais, emblemáticas das peculiaridades desta época. Se as construções se converteram na mais dolorosa e árdua tarefa, se a presença se vale de uma implicação insustentável, abriu-se a porta para as relações virtuais, um paliativo atraente para lidar com a intimidade indesejável. Esses relacionamentos “de bolso” (dos quais se dispõe quando quer e, em seguida, se torna a guardá-los) são práticos e, “melhor” ainda, assépticos (Bauman, 2004).

As redes sociais apareceram para viabilizar a necessidade urgente de intercambiar informações pessoais nas quais se revelam intimidades (Bauman, 2008), ao mesmo tempo que objetivam preservar a esterilidade emocional que o advento da relação pode comprometer. Se há uma corrida para estar no lugar onde todos estão, este lugar é a rede social. Ali se pode usufruir de um ambiente mais ou menos controlado e seguro no que se refere às imprevisibilidades inerentes ao encontro face a face. São dois coelhos em uma única cajadada: mata-se (ou atenua-se) o medo de estar só, assim como o perigo representado pelo estranho (Bauman, 2008). Ou seja, os acontecimentos relacionais estão na ordem da conveniência e da economia. Por que motivo haveriam de correr o risco de apresentar algum aspecto que seja inadequado para o outro se é possível driblar essa variável com a ajuda da atmosfera virtual? O clique só acontece a partir de determinada segurança, e o comando fica inteiramente nas mãos do usuário: os internautas podem experimentar *eus* renovados todo o tempo, sem medo de punições, aproveitando os atalhos que levam ao jogo do faz de conta – estão no palco do show das identidades carnavalescas. Por essas e outras, perpetua-se um adiamento contínuo dos encontros na vida real. Jonathan Keane, citado por Bauman (2008), compara clientes que vasculham a internet para eleger ou “comprar” um parceiro como se as pessoas fossem peças na vitrine de um açougue, considerando ainda o ato como uma “atividade emocionalmente apagada e afastada”. (p. 133).

Illouz (2011) ressalta a existência um vocabulário relacional-virtual específico. A autora diz de uma relação entre a dificuldade de estabelecimento de laços e a superioridade de romances cibernéticos platônicos e maquiados. Segundo ela, há uma grande inversão em nosso tempo, no qual primeiramente as pessoas são apreendidas enquanto um conjunto de

atributos, e somente depois são apreendidas enquanto uma presença corpórea. Esta inversão acarreta uma adversidade de consequências, dentre elas a textualização da subjetividade, na qual o sujeito externaliza e objetifica seu eu por meio de uma representação visual de si em linguagem. Ademais, prevalece uma competição estabelecida por tal aspecto linguístico do perfil. Complicam-se, em seguida, as possibilidades de rompimento de uma padronização e de uma uniformidade, já que comumente são utilizados adjetivos repetidos e similares entre perfis diversos.

Bauman (2008) acredita que o aumento do estímulo ao encontro por meio da internet sugere um câmbio nos modos de entender e compartilhar a intimidade: agora, ela é tratada mais publicamente e sujeita a contratos parecidos com os que se fazem na aquisição de objetos de valor. Observado que antes esta intimidade estava mais para uma joia a ser presenteada em uma relação com caráter de unicidade, na pós-modernidade, ela se transforma em um imperativo. Não a mostrar é uma condenação à rejeição. “A sociedade é confessional e tende a fundir privado e público”. (Bauman, 2008, p. 9). A lógica sentimental se tornou mais consumista e mais mercantilista. O objetivo final é um parceiro ideal que deve passar igualmente por um crivo ideal (leia-se: impossível). É válido intuir o resultado? Descarte, obviamente, antes ou depois da “aquisição”.

Atar e desatar vínculos são tarefas ridiculamente simples e expressam novas formas de sociabilidade que se destinam a remediar a solidão – esta, consequência do medo, do desespero e da melancolia. O clique que afirma ou rejeita a inclusão de alguém dentro do ciclo de relações, ou que permite uma abordagem virtual momentânea, é o gatilho do poder que domina o universo dos problemas relacionais (ou que pensa dominar) e que acontece em um piscar de olhos. Ele permite, ao mesmo tempo, acalantar a solidão por meio da sensação numerária de supostas companhias para quaisquer vivências que o indivíduo deseje ter (dadas as proporções de suas limitações virtuais), bem como permite a possibilidade de desconexão instantânea em situações consideradas desagradáveis ou que gerem desprazer – esta última algo natural, mas que se concebe como vilã da pós-modernidade. De mais a mais, o ato do clique esculpe uma personalidade descompromissada que favorece a isenção dos encargos das escolhas, consentindo com a revogação de uma opinião expressada em fração de segundos. Ou seja, vale ser o que quiser e dizer do que quiser, porque toda e qualquer expressão tem a chance de ser instantaneamente modificada a bel interesse e bel-prazer, especialmente nos casos em que se está à beira de um confronto ou perto da eclosão de implicações que podem

ser incontroláveis. A ambiência virtual atesta, sobretudo, uma *liberdade* suprema. Assim como o alívio da tensão, que está mais relacionado à evasão do descarte, o prazer relacional também parece estar mais conectado a se livrar do indesejável do que se agarrar ao que se deseja (Bauman, 2008). “Os vínculos sociais, assim como as habilidades necessárias para estabelecê-los e mantê-los, são suas primeiras e maiores baixas colaterais”. (Bauman, 2008, p. 138).

Posto isso, tais configurações fazem o estabelecimento do amor uma tarefa árdua (Bauman, 2008). Lidar com a concepção presente de liberdade é de um manejo complicado: seus promettimentos de sensações revigorantes a partir do novo arrasam as chances do tédio. E todo relacionamento amoroso parece ser compreendido na pós-modernidade como entediante em um período de tempo, no mesmo momento em que o mercado está cheio de produtos “viçosos” aguardando a reopção do indivíduo e tentando seduzi-lo ao seu consumo. O problema é que todo novo envelhece, e com este processo, escoam as sensações de exultação e prosperidade que o indivíduo gostaria que fossem perenes. Logo, ele será obrigado a confrontar o tédio novamente. O corolário desse embate é o velho dilema: se o indivíduo, por ventura, conseguir vencer seu medo de ser descartado para entrar em relação, terá de dar conta, em piores escalas, com a renúncia de sua liberdade, já que é assim que entende o funcionamento das coisas. Esse custo relacional está fora dos parâmetros suportáveis.

Finalmente, Bauman (2008) reconhece a desabilitação social como efeito colateral dessa forma de existência alicerçada no consumo, que também afetou o campo das relações e do amor. A tecnologia pode atrapalhar o desenvolvimento de habilidades que são tijolos para a sustentação de projetos em médio e longo prazos. Além disso, homens e mulheres estão ocupados com seus afazeres práticos e deixam esvaír o exercício da empatia e de práticas relacionais, cimentando a materialização das relações e do amor. Sem o investimento necessário e evitando confrontos naturais, aumenta-se a dificuldade de conexão entre as pessoas. Amor se torna *amor líquido*, contraponto ao duradouro, entendido como aquilo que sobrevive às vicissitudes do tempo e que permanece nas adversidades.

Por fim, os planos em longo prazo e os “projetos para toda a vida” convertem-se em propostas não realistas, “além de serem vistos como insensatos e desaconselháveis” (Bauman, 2008, p. 66). Se a leitura pode ser feita a partir dessa ótica, em que se está diante de uma objetualização das relações, uma exacerbação de prazeres imediatos, de fenômenos relacionais efêmeros e líquidos e em que se nota uma fragilização e um afrouxamento de laços na

contemporaneidade (Bauman, 2004), parece ser impossível sustentar uma relação amorosa em âmbito conjugal.

CAPÍTULO 3

Referencial teórico-metodológico para uma fenomenologia dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros

3.1 Subjetividade em psicologia

A questão da subjetividade remonta aos problemas históricos e epistemológicos da psicologia do século XIX, quando esta, ao pretender tornar-se ciência, seguiu o rumo das ciências exatas e naturais, buscando separar a experiência interna – subjetiva – da experiência externa – objetiva, e focou-se no objeto “mente”, sob influências da dicotomia instaurada pelo modelo cartesiano (Prado Filho & Martins, 2007; Vaitsman, 1995). A partir desse momento, várias foram as formas adotadas para a ideia, mas o conceito de subjetividade passa verdadeiramente do campo da psicanálise para os domínios das psicologias na primeira metade do século XX. A ideia era de algo de um sentido naturalizado e substancializado de interioridade.

Prado Filho e Martins (2007) consideram, no entanto, que a subjetividade em um sentido mais contemporâneo e como objeto construído pelo conhecimento, “não implica naturalmente nem necessariamente interioridade, substância ou permanência” (p. 16), por ser uma concepção histórica que não tem centro nem qualquer sentido naturalizante, biológico ou determinista. Ao contrário, se apoia num paradigma que a entende enquanto parte de um jogo de discursos. A subjetividade aparece, portanto, enquanto uma invenção da modernidade. Apoiados em uma visão foucaultiana, esses autores acreditam que há uma multiplicidade de sujeitos historicamente construídos, e isso valida a compreensão de uma subjetividade atravessada por forças distintas e ambíguas, que geram uma sensação constante de desconforto psicológico. Defendem ainda uma posição de necessidade de uma política descentrada do sujeito para um melhor engajamento político que instaure a dúvida dos enunciados presentes na vida cotidiana.

Como já apresentado em capítulo anterior, é a partir da crítica às metanarrativas como as freudianas que Vaitsman (1995) também irá se posicionar ao lado de pós-modernos que deslegitimam os discursos universalistas. Reinaria, entre eles, uma descrença quanto às possibilidades de uma história abrangente e estável. O resultado dessa compreensão é a aproximação entre as ideias desconstrucionistas de parâmetros instituídos e a valorização de

interrogações, singularidade e particularidade. Fica impossível, portanto, desconsiderar uma produção histórica e um apontamento para uma multiplicidade de sujeitos, com várias formas de subjetividade.

González Rey (2007) se dedica a uma apresentação minuciosa do que seria uma teoria da subjetividade particular segundo as categorias de sentido em Vygotsky. Este autor é mais um que alega que, ao sair do rigor da perspectiva histórico-cultural, corre-se o risco de banalização do campo de significação de conceitos e de sua apropriação inadequada. González Rey demonstra como a relação entre o cognitivo e o afetivo representou um tipo de desvelamento sobre uma unidade pertencente à vida psíquica, trazendo à tona a compreensão de que há muito além das palavras e de que o sentido provindo das mesmas “é único para cada consciência e para uma consciência individual em circunstâncias diferentes”. (Vygotsky citado por González-Rey, 2007, p. 156). Sendo assim, fica demonstrado um deslocamento de uma ideia obsoleta da teoria de Vygotsky, de propriedade mais exclusiva da semiótica, para uma ideia mais legítima de uma unidade psicológica que fundamenta a subjetividade por uma perspectiva histórico-cultural.

A viabilidade de se compreender a subjetividade por meio da psicologia sócio-histórica está fundamentada no marxismo e no materialismo histórico e dialético. Segundo Bock (2004), a perspectiva histórica da subjetividade é uma exigência para a psicologia atual, e não há como desvincular interior de exterior quando se trata do assunto:

Para a Sócio-Histórica falar do fenômeno psicológico é obrigatoriamente falar da sociedade. Falar da subjetividade humana é falar da objetividade onde vivem os homens. A compreensão do “mundo interno” exige a compreensão do “mundo externo”, pois são dois aspectos de um mesmo movimento, de um processo no qual o homem atua e constrói/modifica o mundo e este, por sua vez, propicia os elementos para a constituição psicológica do homem. (p. 6)

3.2 Fenomenologia, subjetividade e intersubjetividade

A fenomenologia, da mesma forma, evita dicotomias quando o assunto é subjetividade, pois articula sujeito e objeto como elementos de uma mesma raiz. Dirige um olhar para o que brilha, o *fenômeno*, na observação ativa de sua manifestação e na investida de sua compreensão (Ales Bello, 2004, 2006). Ela permite um entendimento da relação entre pessoa e mundo através da análise da realidade enquanto percebida por alguém, ou, nas palavras de AmatuZZi (2008): “Não é o mundo em si, mas o mundo tal como experienciado pelo homem”. (p. 48). É tomando as vivências e a vida da consciência como parâmetro que se

almeja uma compreensão do mundo do sujeito e do contexto cultural, que é profundamente alcançado pela investigação da subjetividade e, conseqüentemente, da intersubjetividade.

A vida humana acontece em um contexto com outros humanos. Nesse sentido, pode-se dizer de um *nós*, pois o mundo é comum, e todos vivem, compartilham e interpretam esse espaço (Ales Bello, 2006; Schutz citado por Wagner, 1979). Mas para que haja este *nós*, demanda-se uma obrigatoriedade de um reconhecimento de uns pelos outros enquanto semelhantes. Este reconhecimento se transforma em uma apreensão direta quando permite uma imediata confirmação de que o objeto em questão é, de fato, uma pessoa, e de que este objeto é percebido praticamente de maneira instantânea como distinto de qualquer outro objeto inanimado. Essa chance de apreensão imediata e esse “sentir a existência” de outro ser humano Husserl nomeia de “entropatia”¹² (Ales Bello, 2006; Stein, 2003). Configura-se, pois, como um ato perceptivo corriqueiro em que se vê o outro como semelhante a si, assimilando-o como humano. Finalmente, concebe-se a entropatia como instrumento de acesso ao mundo intersubjetivo e constitutivo da subjetividade em si – a constituição do indivíduo *fora* é a constituição do indivíduo *em si mesmo*. Todo o processo se dá pelo reconhecimento da alteridade, na medida em que o olhar do outro convida a pessoa a olhar para si mesma e se posicionar.

A *tese geral do alter ego* é a possibilidade corrente de consciência do outro em simultaneidade vívida; processo de reconhecimento próprio por meio do outro (Schutz citado por Wagner, 1979). O autor propõe que as relações sociais se ligam à *tese geral do alter ego*. Sendo assim, já que todas as relações passam por um ser humano para alcançarem a compreensão do outro, infere-se que o ato de um se dirige ao ato do outro, ou que a reação dele é o motivo do ato dirigido a ela. Conclusivamente, o protótipo de todo relacionamento social é uma conexão intersubjetiva de motivos. Amatuzzi (2009) diz que:

O contexto da experiência é interpessoal: nascemos em um grupo humano e vivemos junto a outros. O mundo vivido nos é dado também socialmente; aparece aqui a intersubjetividade. O modo fenomenológico de pensar caracteriza-se pela consideração da experiência intencional no encontro das subjetividades envolvidas com o mundo. (p. 96)

Entender o mundo por meio de suas próprias experiências e compreender o outro implica a explicação das experiências individuais vividas em relação, e tal processo de apreensão ocorre em um “espaço” compartilhado. Há de se enfatizar, contudo, que o sujeito

¹² O termo vem do alemão *Einfühlung*.

evidentemente também tem seu ambiente privado, fato que lhe garante um desprendimento e uma singularidade. E esta singularidade reside na percepção do mesmo objeto que o parceiro, mas com “coloridos que dependem de seu determinado Aqui e seu fenomenal Agora” (Schutz citado por Wagner, 1979, p. 161).

Outro aspecto a ser salientado são os subsídios trazidos pela fenomenologia para a definição de *pessoa*, os quais guarnecem fundamentos para a compreensão de uma estrutura comum humana. Por sua vez, as vivências¹³ têm particularidades que delimitam pontos reveladores do ser humano e se configuram como bases da subjetividade, (Husserl, 1952/2006a; Ales Bello, 2004). Tais pontos são constituídos por três dimensões básicas: corpórea, psíquica e espiritual, entre as quais se pode destacar como principal a espiritual. No que tange à constituição da pessoa, esta é a dimensão pela qual ela exerce liberdade e se posiciona de modo a dar fluidez ou não aos convites que lhe são trazidos pela vida e que tanto lhe afetam. Diante disso, o entendimento da subjetividade estende-se a uma proposta antropológica que vai desde a diferenciação das qualidades de vivência até a legitimação de dimensões distintas do humano.

Em sua unicidade, o prisma fenomenológico é um contraponto à subjetividade foucaultiana, por não partir de nenhuma prerrogativa (como discursos ou relações de poder) que atravesse a pessoa e suas interações. Não deixa de abraçar, contudo, o histórico e o social, já que os encontros e mediações acontecem temporal e contextualizadamente (Garnica, 1997). Subjetividade, intersubjetividade e mundo, portanto, são discutidos todo o tempo conforme acontece o trânsito entre o pessoal, o interpessoal e a cultura, que assume significado mais ativo e vivo, contrariamente a um produto acabado (Amatuzzi, 2008).

Por fim, como já apresentado, a obra de Buber (1923/2015) dialoga com a leitura fenomenológica de maneira mais próxima quando oferece consistência para se resgatar a pessoa dentro de um espaço inter-humano, a partir do conceito de “relação dialógica”, no sentido de abertura ao outro. É necessário que esta relação e o contato com a alteridade provoquem o contato com a própria experiência e solicitem um nível de resposta mais profundo, pois só é possível vincular-se quando o outro, ao invés de ser mero objeto, passa a

¹³ As palavras “experiência” e “vivência” vêm sendo aqui recorrentemente usadas por serem conceitos fundamentais dentro da fenomenologia, referencial teórico-metodológico do trabalho. Ainda que haja uma distinção possível, na qual “experiência” (*Erfahrung*) pode representar abrangência e profundidade maiores que “vivência” (*Erlebnis*), nesse caso vista como elemento constitutivo da primeira (Cardoso, 2007), esta dissertação trata os termos como sinônimos.

ganhar efetiva importância para a vida da pessoa que a ele se une (Buber, 1923/2015; Stein, 2003).

3.3 Intersubjetividade e relacionamento amoroso conjugal duradouro

Este trabalho, até então, percorreu a história do amor e algumas de suas concepções, além de esmiuçar possíveis leituras dele no contexto atual em que vivemos. Seguindo o fio condutor na exposição da subjetividade, intersubjetividade e dos conceitos fenomenológicos, a etapa decorrente é transpor tais conceitos para o plano da experiência de amor conjugal duradouro. Isso envolve pensar em quem ama, no intervalo entre o sujeito e o objeto de amor e em como se dá a relação desses dois. Nesse caso, a objetividade dos resultados de um trabalho como este advém do entendimento entre sujeitos, brotando da intersubjetividade (Amatuzzi, 2008).

Há alguém que ama e que dá um juízo pessoal a essa experiência, um juízo sobre o vivido (Husserl, 1924/2006b), mas que participa outra(s) pessoa(s) de um espaço e tempo, sendo esta afetada pela realidade que se impõe a ela(s). É impossível destituir quem ama e quem é amado desse jogo que os interpela. Isso inevitavelmente suscita uma exigência ética, ao passo que Coelho Junior e Figueiredo (2004) consideram que esta cresce devido à necessidade de reconhecimento da alteridade como elemento constitutivo das subjetividades singulares.

Retornando ao conceito de pessoa para pensar no sujeito que ama, a fenomenologia proporciona uma perspectiva através da reflexão sobre o registro espiritual. No âmbito amoroso conjugal, essa dimensão seria o sustentáculo desse projeto a dois e peça fundamental para o vínculo, pois lhe são de encargo a *decisão*, o *projeto* e o *sentido*. E, para se compreender o humano, é inevitável lidar com a problematização do sentido, por ser fundamental (Amatuzzi, 2008). Vale lembrar que a palavra “espiritual” (supracitada) em nada se relaciona com religiosidade e “entidade superior”, mas sim com a interrogação e a reflexão sobre sentido, o qual é estabelecido individualmente, a partir da vivência com o outro e da mesma forma compartilhado com ele.

Portanto, o amor conjugal duradouro não pode ser uma mera expressão de individualidade; ele se vincula a uma elaboração compartilhada por estar situado em um contexto cultural. E novamente se alcança um diálogo entre o que é mais próprio da pessoa e itens de matrizes culturais em que se ancoram essas experiências. Este dialogar é o fruto do

estabelecimento e da constituição da subjetividade, mas opera intersubjetivamente. E as dicotomias se tornam, então, cada vez mais obsoletas e nebulosas nesse horizonte.

A discussão advinda da possibilidade de se compreender a experiência de amor conjugal duradouro do ponto de vista da pessoa que a vive solicitou o amparo do corpo teórico da fenomenologia e da metodologia que dela deriva: a análise fenomenológica. E essa escolha foi feita devido à necessidade de uma disciplina rigorosa que permitisse uma aproximação dos fenômenos de modo profundo e sistemático. Foi fundamentado nessas articulações que se tornou realizável toda a proposta e que se edificaram todos os achados.

Se o contexto atual prevê relações líquidas e efêmeras e se as transformações ocorridas socialmente culminaram na legitimação da desnecessidade de permanência, isto é, romperam-se a tradição e a obrigatoriedade de prosseguimento das relações, por que algumas pessoas permanecem em relações amorosas conjugais? *O que torna o duradouro possível?* Foi pela busca da resposta a este problema que o trabalho pretendeu investigar a experiência de relacionamentos amorosos conjugais duradouros na contemporaneidade, por meio de pontos de interesse, representados por objetivos específicos, a saber: 1) compreender o caráter do duradouro nos relacionamentos amorosos conjugais; 2) compreender a dinâmica das relações entre relacionamento amoroso, conjugalidade e duradouro e/ou sentido de permanência; 3) sistematizar a especificidade da experiência apreendida em suas relações com a contemporaneidade.

3.4 Análise fenomenológica e procedimentos metodológicos

Como já apontado, a abordagem das várias facetas do amor e suas formas de manifestação está presente em múltiplos campos e âmbitos de conhecimento, muito articulados e interdependentes. A complexidade do fenômeno é estimulante, bem como o são os horizontes possíveis de enfoque para produção de saberes.

Percebe-se, contudo, que a maioria das abordagens do tema se dedica a análises históricas, antropológicas e sociológicas, de modo que é notável uma necessidade de se lançar um olhar ao amor do ponto de vista da experiência da pessoa, pois o material advindo desse tipo de fonte é de riqueza e importância extremas para o estudo das relações, fortalecendo novas formas de fazer ciência. Ademais, tal contribuição pode oferecer subsídios significativos para o âmbito da psicologia da cultura, a qual visa “descrever as modalidades

pelas quais se constrói e se expressa a pessoa dentro de determinada cultura e, a partir dessa observação, tentar compreender aspectos fundamentais da realidade humana”. (Augras, 1995, p. 19).

Amatuzzi (2008) explica precisamente que, enquanto uma modalidade da pesquisa qualitativa, não há a intenção de verificar relações de causa e efeito, as quais são mais apropriadas ao método quantitativo. O modelo em questão é o de sujeito-sujeito, em oposição ao classicismo científico representado por sujeito-objeto, em que o último integra o mundo e o primeiro irá em direção ao último para captá-lo objetivamente.

O trabalho, pois, centrou-se na volta aos dados primordiais da experiência (Andrade e Holanda, 2010), deflagrada na relação interpessoal e intersubjetiva entre os sujeitos. Barreira e Raniere (2013) dizem que a entrevista fenomenológica tem uma maneira própria de funcionamento por não partir de teorias prévias para se aproximar dos fenômenos.

Para evitar desvios, o trabalho utilizou de amostragem intencional. Dedicou-se a encontrar casais representativos do recorte da investigação: aqueles que declaravam que havia amor entre si e que consideravam viver relações amorosas conjugais duradouras. Foram buscados relacionamentos de longevidades diferentes e, apesar de o trabalho contemplar uma amostra pequena, tentou-se, ainda assim, formá-la com alguma diversidade, pois como afirmam Gaspar e Mahfoud (2010), “quanto mais explicitamos diferenças existentes entre um sujeito e outro, mais podemos apreender com certeza e rigor a estrutura da experiência investigada”. (p. 5).

Relevou-se a importância do conforto do entrevistado para que este tivesse espontaneidade e tranquilidade maiores para a conversa, tendo condições de adentrar a experiência. Por esse motivo, a escolha do local deixou-se a critério dos próprios entrevistados. No caso de incômodo pela falta de privacidade da própria residência ou dos espaços conhecidos, disponibilizou-se um espaço alternativo, O Centro de Psicologia Humanista (CPHMINAS), uma instituição sem fins lucrativos que, além de serviços educacionais especializados, presta também assistência psicológica ao público geral. A instituição funciona atualmente em uma casa que se localiza no bairro Prado, em Belo Horizonte, e possui uma estrutura com salas de atendimento que muito se adequam também a situações de entrevista, por serem privativas e aconchegantes. Pelo fato do pesquisador ser associado do CPHMINAS, houve a possibilidade de usar a casa como trunfo nas situações de necessidade e mediante as demandas dos entrevistados.

Realizaram-se oito entrevistas de caráter semiestruturado, gravadas em áudio, preservando-se as características próprias dos depoimentos de cada um dos entrevistados, no intuito de capturar o maior quilate da cena, para privilegiar o vivido. Sabida a limitação do tempo e considerada a qualidade do contato com a experiência, optou-se pela transcrição de três das entrevistas, acreditando que, por sua riqueza, pudessem revelar elementos expressivos.

As entrevistas fenomenológicas tiveram como ponto de partida uma pergunta norteadora do processo, voltada aos objetivos da pesquisa, ao mesmo tempo não denunciadora do problema central: “como é estar com (. . .) há (. . .) anos? ”. Foi utilizado o critério característico de condução não diretiva, de modo a alcançar um nível de *profundidade* satisfatório, como expressam Smith e Eatough (2010). O foco não é no material concreto ou nas informações genéricas (Amatuzzi, 1996), nem na opinião dos entrevistados, mas na expressão da experiência que subjaz à fala, pois “o depoimento não é sempre a manifestação direta e imediata do vivido em questão”. (Amatuzzi, 2008, p. 59). Sendo assim, os entrevistados puderam transitar por onde encontraram mais sentido, o que assegurou um aprofundamento e genuinidade dos achados. O estudo preocupou-se com o objetivo de manter o relato espontâneo, o que não é o mesmo que tê-lo arbitrariamente (Barreira & Ranieri, 2013).

Em seguida, os dados foram trabalhados sob a luz da análise fenomenológica, que investiga a organização e a manifestação das vivências (Amatuzzi, 1996; Ales Bello, 2004). A *epochè*, atitude crítica de suspensão de juízos, crenças e conhecimento teórico prévio (Ales Bello, 2004; Garnica, 1997; van der Leeuw, 1933/1964), foi condição para a modalidade de análise escolhida, objetivando captar fragmentos essenciais constituintes do fenômeno. Tal atitude evita a sobreposição de categorias de sentido sobre o fenômeno investigado e é uma tentativa clara de descontaminar o conhecimento sobre o objeto (Gaspar & Mahfoud, 2010), por vezes carregado de pré-conceitos. A *epochè*, facilitando uma mudança que abandona a atitude natural – quando se passa a ver o mundo do sujeito como fenômeno –, abre espaço para a “redução fenomenológica” (Andrade & Holanda, 2010, p. 262), que pode ser entendida como o recurso que propicia a aproximação da essência, ou seja, aquilo que é verdadeiramente inerente ao fenômeno.

“Com o fenômeno em suspensão, e tendo tematizado o que dele se procura compreender e interpretar, o objetivo do passo seguinte dessa pesquisa é buscar sua essência

ou estrutura, que se manifesta nas descrições ou discursos de sujeitos”. (Garnica, 1997, p. 115). Posto isso, o trabalho seguiu os passos metodológicos propostos por van der Leeuw (1933/1964): (1) leitura atenta e repetida das transcrições das entrevistas; (2) releitura, tendo como eixo a vivência consciente e a atenção às ressonâncias que o fenômeno em estudo provoca no pesquisador; (3) suspensão de convicções pessoais para a apreensão do sentido; (4) estabelecimento de categorias iniciais em que se buscará ressaltar as conexões de sentido existentes; (5) vivência de compreensão do fenômeno e correção continuada das análises por meio do retorno ao depoimento e ao que foi suspenso; (6) exame das compreensões alcançadas em espaços coletivos e confronto com o referencial teórico-metodológico adotado para a interpretação da experiência vivida; (7) reconstrução da experiência vivida pelo sujeito e formalização da experiência-tipo¹⁴ para apresentação a terceiros, de modo a possibilitar o acesso à compreensão da vivência alcançada.

Para que se tornasse exequível, entretanto, exigiu-se uma organização sistemática, que partiu da eleição de unidades de sentido encontradas nas narrativas. Acreditou-se que, a partir de um certo ponto, transbordaria o que seria de mais essencial na experiência humana de relacionamento amoroso conjugal duradouro. Isso porque, apoiado na fenomenologia enquanto referencial teórico, assumiu-se que os âmbitos particulares da experiência (normalmente mais superficiais ou explícitos) provocariam a emergência dos âmbitos específicos a ela. Identifica-se o ponto de saturação de dados no momento em que algumas informações obtidas no campo começam a repetir-se insistentemente, em direção a uma redundância. Para a fenomenologia, não se trata de uma repetição por incidência de palavras, mas sim em relação ao retorno às unidades de sentido, as quais, ao serem analisadas, apontam para uma especificidade.

Finalmente, evidenciaram-se os elementos subjacentes às unidades encontradas para a formação da experiência-tipo da estrutura dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros. Eis que segue cada excerto desse percurso, com sua devida análise.

¹⁴ Esta se refere exatamente a uma estrutura encontrada a partir dos sentidos que se abrem aos sujeitos em suas experiências (van der Leeuw, 1933/1964).

CAPÍTULO 4

A face do amor conjugal duradouro: análise das entrevistas

4.1 Entrevistada: Maria Rita

Em uma agradável manhã de sol brando, “Maria Rita”,¹⁵ uma senhora católica, se encontrava na janela de casa a contemplar o movimento da rua à espera da minha chegada. Ao avistar-me, retirou prontamente o corpo do parapeito para se dirigir ao portão de uma singela, mas ao mesmo tempo acolhedora casa. Com um vigor invejável para uma franzina mulher de 87 anos, ela veio, a passos curtos e firmes, portando a penca de chaves e um olhar vexado. Fui conduzido até a sala de estar, onde nos acomodamos um de frente para o outro, sentado eu no sofá e ela, em uma poltrona.

Estava visivelmente acanhada com a situação de entrevista, mas o estranhamento se confirmou passageiro, pois, mediante o início da conversa, uma certa tensão esvaiu-se. “*É difícil*” – ecoou a voz aguda e delicada em resposta à pergunta sobre como é viver há 67 anos em relação com “Seu Emanuel” (marido). Espontaneamente, continuou o depoimento:

É porque, de primeiro, não é igual agora... que não tô falando do tempo de agora porque cada um tem seu tempo, né, mas não tinha esse negócio de namorar... A gente conhecia na rua, dia de festa, dia de missa. O lugar era pequeno... a gente morava na roça e morava perto de um arraialzinho que eles falavam. (. . .) Aí a gente via na rua. Na missa lá... passeando pra lá e pra cá. A gente conhecia... não sei, devia de entrar assim na cabeça da gente uma comparação né (risos).¹⁶

Essa continuação soa mais como uma introdução a uma história do que como uma resposta à pergunta anterior. Ao fazer essa opção, Maria Rita transmite uma disposição para compartilhar sua trajetória e decide começar comparando a diferença entre o passado (época de sua juventude) e o agora. Dedicar-se particularmente a descrever como se dava a

¹⁵ Todos os entrevistados e as demais personagens presentes nas histórias narradas receberam nomes fictícios, segundo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Anexo 1, p. 148).

¹⁶ De forma a preservar a máxima fidedignidade dos depoimentos colhidos, a transcrição da oralidade sofreu mínima correção gramatical para melhor compreensão. Outras intervenções são o acréscimo de elementos em parênteses – para marcar ênfase na fala dos entrevistados, reações como riso etc. – e em colchetes – para apontar conectivos e outras palavras omitidas das falas (elipses), cuja ausência, na transcrição, poderia comprometer a apreensão do sentido por parte do leitor.

aproximação de pessoas: elas se conheciam na rua e na missa – o encontro físico simplesmente se dava. Em seguida, ela mesma se demonstra surpresa (através da ênfase no tom de voz do “*não sei*” e dos risos) com a maneira pela qual esse contato acontecia, de modo que busca uma justificativa: devia haver uma espécie (qualquer) de comparação intuitiva entre uns e outros para se eleger um companheiro:

O rapaz via a moça e ia nos padrinhos, nos tios, avós, né. “Ô seu fulano, eu vi aquela menina ali e eu gostei dela”. Aí o avô, [ou] o parente falava assim: “uai, você tá gostando mesmo?”, “tô”. “Se você quiser eu vou lá e converso com o pai dela mais a mãe.” (. . .) Aí ele falava que queria, né.

Ao prosseguir o relato explicando como era costume se dar a aproximação, é possível perceber, nesse ponto, a participação e a importância de familiares enquanto mediadores e, sobretudo, o aparecimento dos pais como as figuras de referência de autoridade e legitimação da relação. Ou seja, dar prosseguimento à aproximação significava entender naturalmente que lidar com familiares e com os pais era um degrau inerente à subida para a consolidação da conjugalidade. O prosseguimento elucida então algumas particularidades:

Era desse jeito... Aí, ele me viu, depois ele mais o pai dele começou a trabalhar lá em casa, porque ele era carpinteiro e o pai dele [estava] fazendo a cobertura do engenho lá de casa. Aí a gente ficou conhecendo. (. . .) A gente não escondia não, mas não conversava, não chegava perto, era no meio de todo mundo. Lá em casa tinha aquele varandão de fora a fora, os trabalhadores sentavam lá, a gente que levava o café lá de manhã e de tarde e o almoço na roça. A gente levava comida na roça, mas não conversava. Aí, como se diz, ele ficou gostando de mim né (risos), aí ele pediu em casamento! Sem namorar, sem conhecer, sem nada. (. . .) Quando foi um dia, a minha mãe foi ajudar a minha irmã recuar polvilho, que os negócios tudo era benfeito né, não é igual agora, tudo misturado não. Aí ele pegou e falou com o papai: “ô, Seu Tobias, eu tô querendo casar com a Maria Rita, não sei se o senhor mais Dona Eunice – minha mãe né – quer ou não.” (. . .) Tudo era na hora.

Em primeiro lugar, Maria Rita iniciou narrando como ocorria a aproximação entre pessoas, mas, nesse momento, ela descreve como aconteceu a sua aproximação de Emanuel, no contexto que ela já havia explicado. O contato carrega peculiaridades da época, como, por exemplo, o fato de que não era permitida a privacidade, com as manifestações de interesse e (restrita) afetividade acontecendo em meio público ou em meio a outras pessoas. Além disso, não propiciava intimidade, bastando unicamente a presença para desencadear o interesse e a iniciativa para o casamento. “*Sem namorar, sem conhecer, sem nada*” – disse Maria Rita, em contraponto ao funcionamento que observa nos dias atuais. Em segundo lugar, também emerge no trecho o modo como a intermediação dos pais aconteceu na história particular dela:

momento em que o pretendente “pede autorização” para se casar com ela. Percebe-se como o acontecimento se conecta com a explicação e a compreensão que a entrevistada apresentou previamente sobre o contexto em que vivia.

Até aqui, poderíamos descrever as etapas do seguinte modo: quanto ao início da entrevista, acanhamento, relaxamento e engajamento de Maria Rita na partilha de sua história. Em respeito à análise da narrativa, um início partindo da descrição da forma de aproximação das pessoas no contexto de antigamente, seguindo em direção a uma descrição da aproximação entre ela e o marido, Emanuel. Um início descrevendo o hábito de intermediação familiar no estabelecimento da relação conjugal, se direcionando a uma descrição sobre o processo particular do estabelecimento de sua própria relação (que sucedeu da mesma maneira): na intermediação com seus pais. Maria Rita continua, trazendo outro elemento importante:

Papai falou: “depois eu te dou a resposta.” Aí mamãe chegou lá da casa da minha irmã que era lá na roça. (. . .) Ele falou com ela e ela também quis né, aí ele me perguntou, se eu queria... A gente só respondia sim ou não, quero ou não quero, né. Falei: “se o senhor mais mamãe quiser, eu quero (risos).” Aí ficou, no querer dos três, né. Menino, ele pediu casamento, ele falou no casamento dia nove de agosto. Dia nove de outubro foi o casamento.

Se por um lado a descrição passou (inicialmente) pela narrativa de como era o costume da aproximação e de como esta aproximação ocorreu especificamente na relação da entrevistada, a narrativa também passou pela descrição do costume da adesão à relação, e como esta adesão se deu, efetivamente, entre ela e Emanuel. As palavras continuam a evidenciar a importância que os pais tinham enquanto figuras de poder e de autoridade. Entretanto, nesse trecho, Maria Rita é convocada a se expressar. São os pais que autorizam, mas o processo também a inclui. Ela mesma volta a confirmar tal autoridade dos pais quando demonstra que queria casar, porém apenas se eles aprovassem. Uma vez que eles assentiram, houve um consenso sobre o casamento. A adesão enquanto um processo coletivo fica confirmada.

Nota-se uma transição muito forte, quando a simpática senhora sai do âmbito da relação e entra em um âmbito mais pessoal. É estritamente importante acompanhar a sequência dada por ela em seu relato:

Aí quando foi de tarde, na hora de levar o café lá fora, no dia que ele falou no casamento, né... eu queria levar o café e não queria. Mas era eu que levava mesmo, né. Falei: “se eu não

levar, ele [Emanuel] fala que... ele vai pensar alguma coisa, que sim ou não, né.” (. . .) Levei o café lá do mesmo jeito! Porque comigo não tem esse negócio de esconder nem nada não! (. . .) Papai virou e falou assim... que ele era pobre, coitado, só tinha a roupa do corpo. Hoje em dia muita gente casa por causa do dinheiro. É ou não é? Ou [por]que tem casa pra morar; ele morava com o pai e a mãe.

É possível visualizar uma organização cultural em que havia uma mentalidade de aceitação das coisas e dos costumes sem questionamento ou discórdia. Maria Rita sobreleva sua intenção de reforçar essa naturalidade, mesmo após uma importante decisão (do casamento) que certamente impactava a ambos os envolvidos no possível laço conjugal. Ela quis demarcar que nada havia mudado ou que deveria mudar. Foi servi-lo “sem ter nada a esconder”, ou, diga-se de passagem, encarando uma situação que deveras mobilizava a ambos.

O tom de voz expressa convicção. No caso, uma coragem implícita para encarar a forma como as coisas e os costumes se davam. Ela se detém muito nessa descrição do antigamente, mas também fala na forma de vida de agora. A evidência de uma comparação entre o antes e o depois nutre a força com que aparece a experiência de *tradição*. A tradição que permitia conhecer o outro em espaços públicos, que permitia a aproximação por um contato específico. Tradição em que a conjugalidade deveria ser legitimada pela família, especialmente pelos pais e em que a adesão era marcada por uma decisão coletiva, mediante pedido de aprovação.

Sobre o café, era de costume servi-lo, mas ela estava afetada pelo recente pedido de casamento, o que trazia um desconforto: servi-lo ou não servi-lo? Como seria esse contato? No entanto, ela se considera forte e transparente, e até mesmo decidida: “*comigo não tem esse negócio de esconder nem nada não!*”. Outras falas também tonificam tal ideia, porquanto passam por vias pessoais sobre algumas de suas aventuras no campo, de maneira que se tornam menos relevantes para descrição.

Algo mais a ser ressaltado sobre a aludida convicção da entrevistada é o fato de esta saber que o futuro marido era pobre e que “não tinha nada”. Sobre a pergunta retórica dos muitos que casam por dinheiro, ela esperou uma confirmação. O que está por trás desta pergunta, de fato, é justamente a afirmativa de que “eu não me casei por dinheiro” – elemento reforçador de toda a coragem e convicção de Maria Rita, outra vez. E é a partir da questão do dinheiro que haverá outra transição de unidade de sentido. Depois de dizer que Emanuel não tinha dinheiro e nem casa e que morava com os pais, ela completa:

Ele ajudou tratar do pai e a mãe até morrer os dois (ênfase), e tratando dos irmãos. Depois os irmãos foi crescendo, que ele é o mais velho, né. E foi ajudando tratar da casa. Ele não desprezou o pai mais mãe nem de casado (ênfase novamente)... nem de casado... Você já pensou? É difícil, não é? (. . .) Ela [a sogra] tá assim (. . .): “tô precisando comprar um chinelo, não tenho dinheiro”. Ele também não tinha não. (. . .) Aí eu peguei e falei com ele assim: “Emanuel, Dona Violeta tá falando que tá precisando de um chinelo”. Ele falou: “Tá, a hora que eu receber vou dar a ela o dinheiro”. Recebeu, deu a ela o dinheiro pra comprar o chinelo.

“Ser difícil” parece ser algo recorrente no depoimento. E não só o difícil como conectado ao relacionamento, mas também às próprias vidas. Elas aconteceram muito tempo juntas, e isso é o que a entrevistada mostra no momento em que conta que seu marido tratou de toda a família. Eles já estavam juntos. Algo sob a dificuldade da situação familiar do marido ilumina os caminhos de uma *admiração* de Maria Rita por Seu Emanuel. Ele “*não desprezou o pai mais mãe nem de casado*”, isto é, é um alto mérito ter se importado com os pais naquelas condições. Feito digno de um grande reconhecimento.

O assunto segue com fluidez para questões ligadas ao tato cotidiano entre os cônjuges. Maria Rita explica sobre situações de discórdia, apresentando um funcionamento específico do casal:

Às vezes, um respondia [brigando] e [o outro] não respondia. Aí ficava calado, fechava a boca né... [Porque] se continuar, ia pra frente, né. (. . .) E foi indo assim (risos). Na mesma hora tava tudo do mesmo jeito, graças a Deus, viu. (. . .) Ô... ele nunca falou comigo: “Você não vai sair!” (. . .) Ele nunca falou assim...

Parece que os cônjuges encontraram mecanismos próprios e particulares de manutenção da relação. E é disso que ela trata anteriormente, após ter expressado a admiração pelo marido. A mulher diz que quando um “*respondia*” (no sentido agressivo da discussão), o outro “*ficava calado*”. Ou seja, havia uma vontade ou um dever de não contrariar. Ela completa associando essa forma de relacionar como peça chave para uma permanência juntos: “*e foi indo assim*”. A lógica seria manter as coisas do tamanho que aparecem e deixar no lugar em que vieram, sem permitir “*ir para a frente*”. Essa maneira própria de administrar conflitos aparenta ser um tipo de sabedoria prática que está conectada a uma postura de *tolerância*. De outra parte, certo *respeito* ou *permissividade* são similarmente identificados quando ela afirma que nunca sofreu de proibições do marido.

A história é permeada por dificuldades narradas. Repetidas são as vezes em que a entrevistada dá o testemunho de solavancos resultantes do árduo cenário da vida que levaram. Quando entra profundamente nos obstáculos vividos, ela compartilha:

Era sofrimento desde menina e depois que casou também. É uai, sem dinheiro. Essa construção aqui é Deus, porque não tinha dinheiro, era o que ele ganhava. (. . .) Deus mandou a empresa, lá eles mandaram embora e Deus ajudou que a gente veio pra cá. Depois ficou morando lá em cima, (. . .) comprou aqui o lote e foi comprando material e juntando. De noite, de manhã, e de madrugada, de sábado e domingo a gente fazia o alicerce aqui. (. . .) Eu, Deus e ele que fez o alicerce aqui dessa casa. O telhado foi ele que pôs, a gente dando ele a telha lá em cima, carregando ela lá do colo. Tanquei lá com pedra pra água juntar, pegar água corrente. (. . .) Eu que fui servente de pedreiro, de lá do barracão e aqui. Servente de pedreiro, hein? O pedreiro não tinha (. . .) o ajudante. (. . .) Ai ele falou: “Não tem servente não Emanuel, como é que vai arrumar? Ele [Emanuel] virou e falou assim: “pode vir que a mulher se vira aí” (. . .) Deus ajudou que eu virei mesmo, viu?” (. . .) o sofrimento não acaba com ninguém não, viu? (. . .) Hoje em dia ninguém sabe o que é sofrimento não, (. . .) eu falo, eles nasceram em berço de ouro e não sabe, não sabe o que tá falando ainda, viu.

O aprofundamento na dita “dificuldade”, tão enfatizada, acontece na rememoração de situações fastidiosas vividas pelo casal. Ausência de dinheiro, perda de emprego do marido, dificuldade de moradia, o trabalho na construção da casa, sem muita ajuda. Maria Rita foi servente de pedreiro e junto com o marido ergueu a própria casa, tijolo por tijolo. Ela apela a Deus, enquanto a principal razão da *superação* de todos os desafios, mas não deixa de reconhecer o trio: “*eu, Deus e ele*”, sugerindo que, além do poder divino, o próprio casal era o único suporte, e que eles (Maria Rita, Emanuel e Deus) foram os responsáveis pela construção de tudo. Nada obstante, delineia-se uma *cumplicidade* e um *companheirismo*, que se anunciam como parte de uma vivência do acompanhar um ao outro, do apoiar, às vezes por meio da simples presença nas situações corriqueiras que a vida presenteia. A camaradagem que permeia a convivência denota o entendimento dos dois, um ao lado do outro.

Como observado, ela continua a fazer comparações. O final da fala revela como reconhece o tamanho de seu sofrimento, uma vez que crê ser inigualável ao sofrimento das pessoas atualmente: “*hoje em dia ninguém sabe o que é sofrimento não*”. A partir da análise dessa passagem, Maria Rita relata acreditar que conhece o sofrimento como ninguém, até porque são inúmeras as vivências de dor junto ao marido.

Um acontecido recente de semelhante sofrimento teria sido um acidente com Seu Emanuel. Ele exerce, até hoje, com mais de 90 anos, o ofício de marceneiro, mantendo sua oficina de trabalho no porão da casa. Muito provavelmente por causa da idade (já não bastasse

o risco inerente ao trabalho), ele perdeu há alguns meses um dedo na serra de corte de madeira. Infelizmente, esse não foi seu primeiro acidente, já que tem apenas parte dos dedos em uma mão e poucos em outra. A entrevistada conta sobre como foi a situação:

Muito difícil, viu. (. . .) Tinha que por comida na boca dele! Não tô brincando não, na boca! O café, o pão, o biscoito punha dentro do caneco, e levava com a colher na boca dele. Um dia, uma conhecida (. . .) veio com o marido dela, né. (. . .) Eu fiquei sem jeito de dar ele o café, e sem jeito de não dar o café. Aí eu peguei e fui molhando o pão, o biscoito na boca dele e ia com o café. Aí o casal chegou em casa e falou assim: “ó, se eu precisar você faz comigo assim, igual ela fez?” Aí o outro respondeu assim: “e se eu precisar, você faz?” E ficou por isso mesmo (risos). (. . .) tudo na boca: era almoço, janta na boca, café na boca. Ele com a mão enrolada, a outra já era... cortada. (. . .) Aquelas máquinas são perigosas; três máquinas. Todo mundo quer que ele pare. (. . .) Alá, máquina tá ligada (barulho de máquina ao fundo). (. . .) É perigoso sim, na hora que as máquinas começam a rodar você precisa de ver, ninguém vê elas rodarem não.

Maria Rita deu comida na boca de Seu Emanuel. Fragilizado e incapacitado, ele precisava de *cuidado*. A franzina senhora deixa escapular um estranhamento ou constrangimento de fazê-lo, especialmente na frente de outras pessoas. Em seguida, manifesta orgulho, ao perceber que seu gesto foi legitimado e apreciado pelo casal que visitava. Ela ri da situação, claramente satisfeita. Pode ser que o gesto – de dar comida na boca de seu marido – lhe parecesse uma grande exibição de intimidade, e que justamente esse fato provocasse um recato de sua parte. Contudo, o prazer do reconhecimento recebido sobrepôs-se ao desconforto.

A despeito de seu cuidado, também a *preocupação* fez aflorar o amor pelo marido. A mulher apresenta ciência sobre os riscos de se trabalhar com as serras, já que “ninguém vê elas rodarem”. Ademais, quando afirma que “todo mundo quer que ele pare”, ela não se deixa de fora, dirigindo a mão ao peito. Tanto cuidado como preocupação aparecem juntos nesse instante da entrevista. De uma forma geral, as adversidades enredam uma história comovente, saturada de eventos penosos e de condições desgastantes pelas quais, a duras custas, passou o casal. A narrativa ocasiona convites para a tristeza ou a compaixão. Todavia, o sentimento é atenuado pelas palavras finais de Maria Rita quando conta:

Agora graças a Deus, a gente tem sofrimento assim, com as preocupações, mas não é assim sofrimento... E também chegava a hora da gente sair, saía. Nós estávamos fazendo aquela escada ali da sala, aí essa vizinha lá de cima (. . .) mandou o menino vim cá, que eles iam lá em Caeté... Se nós queria ir, porque os parentes deles eram os parentes nossos, né... Aí... eu peguei e falei: “Emanuel, você quer ir? O João mais Alceu vai”. E tinha uma [arga]massa já pronta né. “Vamos?” Ele falou: “vamos acabar com a massa e vão.” (. . .) Aí acabou com a

massa né, e arrumou de galope e eles veio e pegou nós aqui de carro e levou. É assim, se tinha que sair também, a gente largava o que tava fazendo, tanto fazia eu e ele. Um não segurava o outro não. Nós largamos a escada aí sem fazer, só aproveitou a massa que já tava pronta. Ah, meu filho, foi lá pra Caeté e só voltou de noite. É, a gente aproveitou também, viu? (risos). Não pode ser só trabalhar também não.

Tendo viva para si a condição de dificuldade que permeou sua vida com o esposo, Maria Rita tem também consciência de que desfrutou de bons momentos. Ela pontua que ainda que a construção da casa fosse tanto uma prioridade quanto uma urgência, havia a chance de criar e aproveitar momentos de entretenimento e de descanso, afinal “*não pode ser só trabalhar também não*”. Por um breve momento, a impressão é de que ela tenta “atenuar” a qualidade do sofrimento. Porém, constata-se que esse intento é uma organização interna para lhe ceder uma justificativa – de que podia se sentir bem –, pois já está muito claro que havia grande sofrimento. Sendo assim, a conclusão que parece apropriada não é de que ela queria abrandar o que de negativo lhe sucedia, mas de que o fazia enquanto solução para que pudesse usufruir do prazer, que também era vivido.

Ao fim da entrevista, convidou-me para apreciar alguns móveis da casa, todos confeccionados pelo próprio marido – um ressalte de sua capacidade de trabalho e de sua habilidade primorosa. Maria Rita mal podia conter o orgulho tão luzido: outra oportunidade que propalava o respeito pela figura do cônjuge e que fazia possível a notoriedade do amor presente na relação.

À saída, acompanhou-me até a porta, mas não sem antes me oferecer algumas de suas prendas culinárias. Um gesto simples, mas amável e compatível com o que o percurso da entrevista havia demonstrado a seu respeito. Despedimo-nos e deixei o local.

4.1.1 Síntese de Maria Rita

Ante tanta adversidade, a longevidade firme e assentada. Se por um lado se constata enorme admiração, preocupação e cuidado, elementos que exibem a experiência amorosa, mais fortemente são destacados as dores e os obstáculos que marcaram a história de união, norteadores de toda a narrativa de Maria Rita. Quando indagada sobre como era “estar há 67 anos em relação com Seu Emanuel”, ela encontrou a palavra “difícil” para responder à pergunta. Deixando de lado a ingenuidade laica para mergulhar profundamente no obscurantismo do mundo experiencial, as considerações deixam o campo do que poderiam ser

simples problemas relacionais para irem ao encontro da dinâmica de uma vida a dois que acontece.

O começo é pelo desprazeroso, pelo difícil, pelo incômodo, pelas dificuldades, e configura-se uma centralidade de tais questões durante toda a entrevista. Disso pode-se extrair a superação como ponto basilar para os passos em direção às essências. Esta superação, por sua vez, se mostra indissociável de uma cumplicidade e de um companheirismo, matrizes moldadas para o enfrentamento do sofrimento. Portanto, essencial é a articulação entre o difícil, a cumplicidade/companheirismo e especialmente a superação para penetrar camadas (ou, melhor dizendo, permitir suas escamações) para o descobrimento do fenômeno investigado.

Junto à superação e ao cuidado também se acha a permissividade que se assemelha a uma aceitação, propiciando um transcurso que pode ser caracterizado como estável. Ora, parece haver uma solidez regular e natural nessa relação. Tanto tomaram o compromisso de um para com o outro como responsabilidade, como também o fizeram no enfrentamento dos obstáculos que se impuseram, dando as mãos para juntos viverem a travessia. Ao mesmo tempo que essa tarefa parece ser o resultado de uma decisão a dois, em ocasiões, transparece simplesmente ser um acontecimento que carrega a dureza de um fato dado, que ali está. Sendo assim, há certa presunção de que tudo será vivido a dois porque deve sê-lo, e a conjugalidade se atrela ao duradouro em uma naturalidade pela qual a presença do outro se firma como o chão. Muito aconteceu na relação porque foi deixado acontecer, ao mesmo tempo que muito já havia acontecido no momento em que se deram conta do acontecimento. E ali estava a relação: uma rocha que resistiu ao tempo.

Quando Maria Rita explica a dinâmica do casal no momento do desentendimento, mais claro se torna esse funcionamento e o quanto a solidez envolve uma enorme sensação de pertencimento a algo seguro. A importância das variações de humor e as implicâncias são rebaixadas praticamente ao nível zero. Para eles, que têm a segurança um do outro a seu favor e essa verdade assumida como fato ou sorte, o maior valor não reside nas paixões. Através da narração, encontra-se importância no estar junto, que implica o compromisso e a responsabilidade já tratados.

A “normalidade” do estar junto e seu terreno resguardado encontram também lugar na tradição, segundo verificado na história da entrevistada. *As coisas são feitas assim porque foram assim.* Não obstante, a senhora transita pelo passado e pelo presente em comparações

bastante frequentes, provando uma crítica sobre o contexto atual de vida e das relações que isenta os equívocos de interpretação: ainda que abraçada como parte natural de sua vida, ela sabe que a relação com Seu Emanuel não expressa a única forma legitimada de regime conjugal, assim como atesta que as vidas e as relações acontecem de formas distintas. Essa constatação traz subsídios para se pensar nas oportunidades de compreender o processo de decisão de permanência.

Reunindo tais apontamentos, que tanto dizem sobre a conformação estabelecida entre Maria Rita e Emanuel, atinge-se a *abertura*. Nada pode ser tão evidente como fundamento dessa experiência relacional que encruza passado e presente, que une a tradição a uma decisão presente e que, todavia, afirma união. Às várias dificuldades e atribulações com as quais foram apresentados Maria Rita e Emanuel decidiram responder acompanhados e firmes: com tolerância, respeito e permissividade. Estão juntos e assim continuarão. Essa parece ser a mensagem que a graciosa senhora entrega ao mundo, em conversa e vocabulário descomplicados, mas em conteúdo denso de riqueza inegável.

Talvez pela singela maneira que encontrou para compartilhar sua história, por seu próprio jeito carismático e meigo, ou pela noção de uma positividade moral para a abertura, uma nuvem de graça e encanto poderia ser pressentida nessa história. No entanto, há que se fazer uma ressalva sobre o contexto em que tal abertura aparece. Não houve, em momento algum, vestígio da beleza do apaixonamento que pudesse caracterizar um amor-romântico hollywoodiano. Muito antes pelo contrário, o real desidealizado do encontro duradouro determinou o que está em jogo na união em questão. Como mostra Maria Rita, a abertura para a vida com Seu Emanuel é uma disponibilidade para o mistério do porvir e dos acometimentos de todos os níveis, tipos e qualidades, que certamente acompanham o tempo. Isso leva, finalmente, à compreensão de que esse duradouro, que se relaciona com o estável, se emaranha à um amor assumido e vivenciado de forma espontânea e comum, e é categoricamente desligado de pretensões megalômanas ou, por vezes, exclusivamente especiais, pois se trata daquilo que *é e deve ser*, e não do que *não é e deveria ser*.

4.2 Entrevistada: Polyanna

Até o dia da entrevista em si, o contato com Polyanna se deu de forma desencontrada. Tenha a série de contratempos sido por acaso, coincidência, ou por razões não passíveis de

discussão, finalmente houve o consenso frente a uma data e horário que puderam, enfim, favorecer a partilha de um momento absolutamente especial. Ela preferiu outro lugar ao invés da própria casa, ao passo que sugeri que nos encontrássemos no Centro de Psicologia Humanista, instituição mencionada anteriormente e que possui um espaço favorável para uma conversa privativa.

Ao me ver, sorriu. Convidei-a para entrar em uma das salas disponíveis, e ela, assim que passou pela porta, rapidamente se livrou de uma mochila aparentemente pesada, posicionando-a no chão, recostada no sofá, no intuito de buscar seu conforto. Para um primeiro contato, Polyanna pareceu relativamente tranquila, mas não deixou de realizar algumas perguntas sobre os objetivos da pesquisa, os quais foram esclarecidos com calma. Também lhe foi comunicado e novamente explicado a respeito do uso do microfone e da gravação da entrevista.

Após poucos minutos de conversa, a jovem mulher de 44 anos já transpareceu ter se dado por satisfeita com as explicações prestadas. Sentada perto à beira do sofá, repousando os cotovelos sobre os joelhos e cabeça sobre as palmas das mãos, Polyanna inicia o relato de sua história de nove anos de relacionamento, deixando vagar o olhar em busca do contato com a experiência:

Na verdade... eu... já namorei assim... bastante rapazes (. . .) até 1991 (risada discreta)... Namorava, mas sempre fui de seguir... sabe aquela pessoa que segue o exemplo da mãe, lá... que... minha mãe casou virgem, com 28 anos, então eu também num cedia fácil não (risos), entendeu? Então... eu namorei bastante, só que não deixava outras coisas acontecerem (risada baixa) por causa disso. Eu falava que "se quer mesmo ter um relacionamento sério, né... a gente vai casar e depois vai acontecer..." (outra risada discreta). Mas logicamente que um dos namorados que eu tive que eu mais namorei... assim... mais tempo que foi nove meses, acabou tendo assim (. . .) alguma coisa. Mas aquela coisa assim... muito... leve, né?

As risadas discretas deixam transparecer uma apreensão não notada anteriormente. O começo de sua narrativa abre portas para uma conexão entre o seu passado de relacionamentos com rapazes até 1991 e a figura materna: a entrevistada se comportava seguindo os exemplos da mãe, que preservou sua virgindade até os 28 anos, quando se casou. Dessa sua conexão, emergem seus valores e seu ideal, os quais estavam justamente em atrito com o que, de fato, aconteceu na vida dela:

Aí nesse 1991 aí eu tava fazendo um curso de informática – eu até trabalho nessa área, né... e... eu tinha uma colega que sentava do meu lado... e... (. . .) eu falava assim: "essa

professora num sei não...” (. . .) Essa professora chegou a dar alguns sinais: eu dava de repente com a mão atrás da minha colega assim... na cadeira (repousou o braço sobre o encosto do sofá, como que o passando por trás da cabeça de alguém ao seu lado), ela chegou, pôs a mão em cima da minha mão. Algumas coisas assim. E essas coisas acabou que, de repente, despertou alguma coisa... algum interesse, alguma coisa. (. . .) E aí aconteceu d’eu relacionar com essa professora, (. . .) inclusive assim... um beijo que ela me deu quando eu tava lá, estudando. A coisa aconteceu assim e tal. Aí é que surgiu um relacionamento de cinco anos.

Polyanna percebe sinais de uma professora que tenta seduzi-la e se sente cativada, pois “despertou alguma coisa... algum interesse”. Seu objetivo de se relacionar com alguém seguindo os valores de sua mãe lhe parecia algo ideal, porém a entrevistada acaba por sucumbir e se permitir o relacionamento homoafetivo, que durou 5 anos. Talvez pela divergência entre o que ela almejava para si e a relação para a qual se entregou é que ela externa seu estranhamento:

Por incrível que pareça, eu tava namorando um rapaz nessa época, mas assim... a relação não tinha sido uma coisa de “ter apaixonado”, entendeu. Era uma coisa de ter surgido a oportunidade da gente começar a namorar. (. . .) Não sei te falar, assim, porque que não aconteceu ali com os rapazes que eu namorei e aconteceu com uma mulher... não tenho explicação para te dar. Aí, depois disso, acabou que houve uma traição. Aí eu descobri, e aí separei e aí comecei outro relacionamento. Mais cinco anos (risos) e aí então, assim, eu tive uns três ou quatro relacionamentos.

“Por incrível que pareça” exprime muito bem o que Polyanna queria dizer. Foi algo grandioso e surpreendente se interessar por uma mulher, até porque sua relação com o namorado não havia se dado por vias tão impactantes: “não tinha sido uma coisa assim de ter apaixonado, (. . .) era uma coisa de ter surgido com a oportunidade”. Ademais, quando ela coloca que “não sei te falar assim porque (. . .) aconteceu com uma mulher”, completa a surpresa do envolvimento com uma busca de justificativa para o estranhamento de si para si mesma. Enfim, as coisas não aconteceram da forma como ela esperava.

A impressão é que Polyanna focava, então, nessa primeira relação com a professora de informática. Contudo, quando menciona ter começado outro relacionamento e vivido outros três ou quatro, fica evidente, nesse momento, que o ponto central não era este ou aquele relacionamento em si, mas que compartilhava uma descoberta através de seu primeiro contato homoafetivo. A partir daí, ela se mostra mais confortável e mais relaxada na entrevista. Tendo atravessado esse primeiro instante, parece que faz uma transição de sentido e inaugura o assunto da relação atual:

E aí a Lurdinha (. . .) eu era amiga dela, né, mas também não começou com uma coisa assim de ser apaixonada; foi uma coisa de círculo de amizades... E aí foi crescendo as coisas, né... o relacionamento foi crescendo. É, e aí nós tamo junto até hoje, nesse sentido (. . .) Aconteceu uma coisa muito estranha que foi... (. . .), de repente, quando a gente beijou a primeira vez... Sabe, uma sensação... que... eu nunca tinha sentido, pode ser até... como se diz, um... um cupido, que jogou uma flecha ali (risos). É... Não, nunca tinha sentido, quando beijei vários rapazes, nunca tinha sentido, quando tinha beijado, (. . .) uma coisa que... aconteceu ali... meio... eu poderia dizer... meio mágica, entendeu? Uma sensação diferente. É... Eu poderia explicar como mágica porque fica mais fácil.

Anteriormente, a “paixão” já fora trazida como algo não vivido com o ex-namorado. Da mesma forma, Polyanna apresenta que também “*não começou com uma coisa assim de (. . .) ser apaixonada*”, isto é, anuncia que não houve o que, para muitos, é considerado um requisito para o relacionamento. Entretanto, ela também passou por momentos quase indescritíveis, como o primeiro beijo – evento avassalador. O que fica claro é que Polyanna pode não ter vivido a paixão, mas que viveu uma conexão física de grande impacto: algo como um sentimento inédito-mágico. Ela mesma explica que “mágico” é apenas uma palavra para ajudar a descrição, para torná-la fácil, mas o que realmente deveria ser dito está além das palavras.

Ela também não tinha relacionado com nenhum homem, mas já tinha tentado namorar algumas vezes, alguns pequenos relacionamentos... Eu tive namorados, (. . .) poucas [conhecidas homossexuais] tiveram relacionamentos com homens, a maioria não. (. . .) Mas o interessante é, às vezes, você ter um círculo de amizades, e às vezes, surgir, né, igual foi o caso da Lurdinha.

Seguindo também a sequência de seu relato, observa-se ainda que, para ela, a sua homossexualidade possui aspectos muito particulares, já que ela já se relacionou com homens, enquanto a maioria das mulheres homossexuais que conhece, não. Além disso, identifica um aspecto (curioso) em sua relação e na forma como aconteceu: “*Mas o interessante é, às vezes, você ter um círculo de amizades e às vezes surgir*”, como afirma ser o caso de sua relação atual com Lurdinha. Ela completa:

Eu falo que... as pessoas ficam com as outras, não porque é homem ou porque é mulher. É porque... surge aquela coisa de bater [o sentimento], de ser feliz, né... Se amanhã, por exemplo, eu escolho estar com você porque eu tô feliz com você, né, então... você tá me fazendo bem. Então... vai acontecer isso...

Nesse curto fragmento temos um depoimento com uma ideia sobre o amor. Ela afirma com toda a simplicidade que as pessoas se conectam porque se sentem felizes umas com as outras, e isso é suficiente. Inclusive propõe a superação da barreira do gênero em nome dessa felicidade adquirida com a presença e o relacionamento com o outro. Sem demora, ela se dirige agora a um momento distinto, deixando de falar sobre o estabelecimento da relação em questão, sobre suas ideias sobre o amor e sobre o durar, para dividir as consequências vividas perante a sua escolha de se relacionar com mulheres. Ela conta do choque familiar:

Mas assim... minha mãe, na época quando eu tive esse primeiro relacionamento, eu contei para ela, mas aí ela falou assim: “vou te colocar no psicólogo (risos). Tá ficando doida, que não sei o quê (risos)... Só que acaba que isso aí acabou me dando mais força, porque quando a gente faz terapia. (. . .) Da gente conversar daquelas coisas todas, eu acabei me fortalecendo e saí de casa... entendeu? (. . .) Minha mãe fica sempre naquela esperança; minha mãe é católica, e eu também, mas ela fica sempre naquela esperança de: “ah não, você tem que... O sonho da minha vida é você casar, tudo certinho”. Aí eu brinco: “Oh, então eu vou casar...”. Aí ela fica assim comigo: “não, minha filha... com um homem, minha filha...”. Aí eu (. . .) começo a rir (risos), só pra poder dar uma brincada.

Para a sua mãe, a homossexualidade era um problema – “coisa de doido”. O psicólogo aparece enquanto a solução para uma “correção”. Quem sabe Polyanna poderia passar a se interessar por homens com uma ajuda profissional? A não aceitação da mãe era explícita e verbalizada. Em contrapartida, Polyanna narra que se sentiu fortalecida e empoderada, e o que deveria ser, para a mãe, uma correção, passou então a ser o reforçador do que era considerado problema. Não fosse a cobrança suficiente para ser ou sentir o que não era ou sentia, Polyanna ainda sofria a pressão da expectativa sobre um possível casamento – estava ali uma frustração clara e compartilhada. A entrevistada, interessantemente, busca desconstruir para quebrar a tensão. E essa calma diante do assunto, tão delicado, é esclarecida com a continuação:

(. . .) o futuro a Deus pertence, entendeu? É... as pessoas podem mudar no meio do caminho no trajeto da vida delas... (. . .) Nada determina, eu falo que as coisas não podem ser determinadas, aquela coisa vai ser eterna ou não, ou que você vai escolher ser assim... (. . .) Outro dia eu consegui rever uma colega, (. . .) e ela era uma pessoa que desde a época que eu comecei meu relacionamento, ela era uma pessoa que já era... a gente chama de entendido, né... há muitos anos... e ela estava namorando um rapaz, morando junto... (. . .) eu falei assim: “nossa, você tá feliz... é o que importa”.

Aqui, ela testemunha que aceita sua homossexualidade e se baseia em uma concepção de que a vida não é determinada: “o futuro a Deus pertence (. . .) As pessoas podem mudar no meio do caminho (. . .) Nada determina (. . .)”. Não há certezas quanto ao futuro e a noção da

vida ser rígida do início ao fim é sem sentido. Em meio a isso, nota-se a frase: “*ou que você vai escolher ser assim*”. Diante desta afirmação, Polyanna revela que não escolheu sua orientação, mas que prefere acolher sua própria forma de ser e abrir-se para o futuro. Não há regras tão fixadas que não possam ser reavaliadas ao longo do percurso, especialmente se forem fontes de felicidade e realização.

Prontamente, o discurso sofre uma reviravolta e apresenta novos elementos muito importantes, após uma pausa longa:

E quando eu... falo de... (choro) (. . .) Eu vou falar de uma parte que eu talvez (. . .) eu nem sei... te falar... porque (chorando, ela ri) eu chorei, mas é... (. . .) Nossas mães, né... também são muito religiosas... e tal... Acredito... com certeza (. . .) por mais que ela fale que a mãe dela não sabe, com certeza, toda mãe sabe, né? A minha eu contei pra ela, então ela sabe... aí... fiquei, como dizem... eternas orações, né? Acredito também que muita coisa pode ser mudada... (. . .) também tenho muita fé assim, rezo também, e tal, mas acho que muita coisa pode ser mudada por mais que seja uma coisa sem solução. Então, por exemplo, os pais da gente sempre pensam que... que... (voz trêmula e choro contido) que tem solução, sabe? A gente mudar de opinião, mudar uma atitude, e tal...

Polyanna encontra aconchego em uma parte de si que aceita sua orientação. Mas o outro lado é de uma não aceitação, vivida com tristeza e dor – há uma fé na possibilidade de mudar, quem sabe, um dia e corresponder à expectativa das pessoas queridas. Ela se culpa por ter uma orientação diferente de seu ideal e de sua mãe, e deseja, por conseguinte, a mudança de sua própria orientação – evento totalmente possível para ela, uma vez que a vida não é rígida e determinada. O sofrimento por desapontar a mãe é enorme.

Fazendo uma recapitulação detalhada, o trajeto foi o seguinte: primeiramente, Polyanna compartilhou como foi se descobrir homossexual e como foi começar a se relacionar com mulheres. Em segundo lugar, revelou a surpresa dessa descoberta, principalmente ao tratar do desvio do “ideal” heterossexual (quando contou do namoro com um rapaz). Em terceiro lugar, o ineditismo de um sentimento avassalador ao contato com Lurdinha: um beijo “mágico”. Em seguida, ocupa-se em narrar suas concepções sobre amor, paixão e sexualidade. Por último, vai às consequências de sustentar sua orientação sexual: o desgosto da mãe e a culpa por desapontá-la.

A entrevistada entra progressivamente na esfera de sua intimidade conjugal. Aproximadamente no meio do nosso encontro, Polyanna se sente emocionada ao contar:

Aí a gente começou até assim... ir em tipo Canção Nova, sabe? E lá tinha uns eventos... todo mês tem evento lá. E a gente começou a ouvir umas palestras, umas coisas, e lá aconteceu uma coisa com ela [Lurdinha] (. . .) ela falou assim: “ah, tive a impressão que... o Cristo tava caminhando aqui” (voz engasgada, choro). Aí (. . .) teve um momento lá, que ela sentiu, como se ela tivesse (. . .) tomado um choque... que fosse no seu corpo todo (. . .) E aí, ela me contou isso quando a gente chegou em casa e tal... (. . .) a gente até chorou (chora bastante, pausa longa) (. . .) Aí nós conversamos e falamos assim: vamos fazer um negócio então? (emocionada, com fala meio descontrolada) A gente vai é... abrir mão, né (engasgada), de... de ter a parte... do... (. . .) do sexo... e a gente vai oferecer isso, por um amor maior... a gente vai oferecer isso pra Deus, pra Nossa Senhora; a gente vai parar de ter o relacionamento sexual. Aí ainda falei assim: “mas nós não vamos parar de beijar nem nada não, e tal, porque aí também é demais”.

Lurdinha teve um potente contato com o transcendente; uma revelação. Polyanna, por sua vez, partilha com a companheira a vivência, comove-se, demonstrando enorme *cumplicidade*. Isso transparece sua vontade de união de corpo e alma, ou seja, vontade de participar física e emocionalmente das experiências da parceira. A troca envolveu um diálogo, um compartilhamento e uma decisão sobre o ocorrido, tendo Polyanna valorizado a importância do fato e da vivência de Lurdinha.

O evento que instaurou o drama e o dilema não era esperado, mas instigou naturalmente uma negociação. Explícita a necessidade de Lurdinha, Polyanna reivindicou: “*mas nós não vamos parar de beijar (. . .) porque aí também é demais*”. O confronto, em seu significado de convocação à presença, ao posicionamento e à produção de sentido da relação, sucede.

Percebe-se o quanto ter que abrir mão da parte sexual da vida conjugal representou um esforço ou um preço alto pago “*por um amor maior*”. Houve, por fim, um consentimento quanto a essa abnegação, o que fez emergir uma experiência de *renúncia*. Porém, esta renúncia não se conecta apenas ao pacto de abstinência do sexo, mas, sobretudo, se refere à experiência de Polyanna quando esta abre mão de seus desejos e vontades por Lurdinha (que trouxe a proposta inicial). Completamente envolvida na comoção do acontecimento, asseverou a validade do que viveu a amada, ouvindo-a e considerando-a, ainda que o ocorrido estivesse prestes a provocar consequências diretas em seu relacionamento. Por seu amor e companheirismo e na tentativa de favorecer a continuidade da relação, Polyanna consentiu.

Pensando a renúncia como uma abdicação, esta pode gerar tanto prazer e bem-estar quanto dor e sofrimento pela recusa de algo significativo. No caso da entrevistada, a renúncia foi um esforço sofrido que implicou privação e abstinência, podendo ser também entendida como um *sacrifício* pela necessidade da parceira. Continuar junto com Lurdinha subentendia

esse empenho difícil, a necessidade de atender-lhe, sacrificando-se na renúncia do sexo pelo amor divino.

À parte o amor religioso, que é um ponto central na relação, transborda também o amor conjugal. Fazer permanecer o amor ou alimentá-lo se unia à vontade de corresponder a essa expectativa conjugal, tão importantemente revelada. O gesto é uma explicitação de *doação*. De uma forma geral, independentemente da vontade de Polyanna de atender à demanda suscitada pela vivência de Lurdinha, o fato de tê-la tomado como fundamental no prosseguimento de sua própria relação demonstra a generosidade e o ímpeto de cuidar. O *cuidado* certamente se articula com a renúncia, o sacrifício e a doação.

Com o passar do tempo, segundo a narração da entrevistada, as coisas também mudaram para ela. Soube-se que, anteriormente, a proposta de abstinência em devoção partia de Lurdinha, porém Polyanna esclarece:

E aí, nesse meio tempo, a gente descobriu alguns livros católicos, que eles vão falando várias coisas. (. . .) Pra resumir, assim... algumas coisas que (. . .) aconteceriam lá na frente, como se fossem previsões, coisas baseadas na Bíblia, e... coisas que... já estão acontecendo. (. . .) Quando eu comecei a ler isso aí, aquilo foi assim, me assuntando até um pouco; não assuntando... mas pensando... a gente tem tanta coisa para melhorar e tal, né, e... (. . .), pensando assim: nó, isso que tá escrito aqui tá acontecendo, né. (. . .) Com o tempo, a gente foi conversando mais (. . .) e ficando mais religiosa, (. . .) aí nós entramos num acordo de novo, e paramos de beijar. E vamos viver agora como amigas e tal, mas assim... a gente não vai deixar de dormir junto... não vai deixar de brincar. Então, a minha vida hoje com ela... é como se... (engole seco) a gente fosse... duas irmãs, entendeu? Mas é lógico que o carinho e o amor, ele continua, ele vai ser eterno, né... (. . .) Igual uma vez nós vimos uma moça dando uma entrevista na televisão, no estrangeiro, que ela dorme com rapazes, e tal. Os rapazes pagam a ela pra dormir de conchinha, porque ela tem aquele negócio ali... de atender as pessoas daquela forma e... (. . .) é comprovado que aquilo faz um efeito benéfico.

Ela também sofre uma transformação, quando se torna mais devota e religiosa. O envolvimento ocorre cada vez em maior grau de reciprocidade: em Polyanna e em Lurdinha crescem a renúncia e o sacrifício. Assegura nossa protagonista, no entanto, que o amor permanece e também o carinho, colocando em evidência um *companheirismo*. Esse “viver junto” não inclui mais vivências afetivo-sexuais, de modo que sugere uma mudança no amor conjugal das duas, ou pelo menos, na manifestação dele. Mas este amor “*vai ser eterno*” – isso é o que Polyanna crê. A entrevistada compara o que elas têm ao amor entre irmãs, por não visar à satisfação sexual nem realizá-la. Mas o que fica bastante característico é a necessidade de vivenciar formas particulares de realização emotivo-afetivas juntas. Sempre juntas.

Não sei se até aí, né... diante do que a gente fez... de abstinência, de... ter feito as coisas. Não sei se isso vai poder ser... vai te acrescentar alguma coisa no seu trabalho, entendeu? Porque foi uma opção nossa...

Polyanna se preocupa com a entrevista. Não sabe se irá acrescentar ao trabalho, por apresentar uma particularidade em sua conjugalidade. No entanto, o mais curioso da situação é que, no caso das duas amantes, há significativa diferença quando comparado à entrevista da televisão: ambas escolhem “*dormir de conchinha*” apenas uma com a outra e não com qualquer um(a). A opção segue sendo a de permanecer juntas. A vontade de dividir experiências e de compartilhar a dimensão afetivo-emocional aponta para apenas uma pessoa: Lurdinha. E, ao receber esse *feedback*, Polyanna devolve:

O amor que foi construído, né... no tempo que a gente começou (. . .) não era um (. . .) amor que eu tinha por ela, né, era um carinho de amiga e tal, não tinha uma paixão, mas aí quando teve o beijo teve essa sensação diferente. Aí ela (. . .) comentou comigo que quando ela pegou na minha mão primeira vez, quando a gente tava tipo num carnaval... (. . .) ela falou que ela teve uma sensação comigo (. . .) diferente de outras amigas que já pegaram na mão dela. (. . .) Um efeito mágico ali, ou uma flechinha do cupido (riso singelo), entendeu?

Não há como não vislumbrar o *apaixonamento* ocorrido entre as duas no passado. Sem nenhuma inferência muito hostil, vê-se que ambas também alimentam o sentimento de permanência baseado na sensação especial experimentada no início, bem característica do amor-romântico, ou do amor à primeira vista, normalmente carregado de fantasias e idealizações. Na fala de Polyanna, entretanto, não se observa a carga da fantasia, mas sim o peso de todas as vivências corporais e “mágicas” que foram consideradas indicativas do encontro com uma pessoa muito especial, que, sendo tão única, deveria ser mantida. A fala seguinte confirma esse raciocínio:

Mas, assim, aí (. . .) com o passar né, do tempo, eu fui aprendendo a gostar mais (ênfase), a me apaixonar (ênfase)... e amar (mais ênfase), entendeu? Acredito sim que a paixão (. . .) não fica eternamente, mas o amor sim, entendeu?

Ela acrescenta à concepção trazida sobre o amor e aqui explica que ele é uma construção a prazo e que a convivência o edifica, assim como o fez na sua relação com Lurdinha. O *apaixonamento*, segundo sua lógica, haveria servido para provocar a escolha da

parceira; contudo, a sustentação da relação seria realizada pelo assentamento do sentimento. Ela escolheu dar espaço ao amor em uma relação inicialmente banhada de paixão.

Novamente, muita emoção irrompe quando ela fala sobre as escolhas e a caminhada de sacrifícios:

Às vezes, a gente olha pela emoção... do que a gente fez, ou se faz ainda (choro, voz trêmula)... e fica uma (. . .) saudade [ênfase] de algo diferente (choro intenso), entendeu? Que a gente viveu e tal... mas (. . .) eu não me arrependo de nada disso (. . .) por mais que a gente (. . .) goste, né, de alguma coisa, a gente tem que tentar, entre aspas, é... seguir um certo... entendeu?

Polyanna sente muita nostalgia de momentos anteriores do relacionamento, quando talvez por não conhecer ainda o que conhece hoje, se sentia muito livre para usufruir da relação. Quando afirma que “*por mais que a gente (. . .) goste (. . .) a gente tem que (. . .) seguir um certo*”, ela, em outras palavras, está dizendo que por mais que sinta algo que considere imoral, deve agir dentro do que para ela é uma moralidade e que representa um valor muito forte, o que pode ser bem entendido a partir da passagem a seguir:

Aí que veio essa questão dessa abstinência nossa e tal... de repente, só falar: “ah, mas... você tem que fazer, você tem que ser feliz”. Eu sou feliz do jeito que eu tô hoje, e eu sou feliz na opção (engasgada) e no que nós fizemos, né, mas... (. . .) talvez agora a gente fale: não, mas... esse é o certo, entendeu? É... eu falo assim: “mas será que a gente não precisaria de mais coisa tipo, nem dormir junto (ênfase)... entendeu?” Pra ser um certo perfeito (engole seco). (. . .) Mas... eu sei que, acaba que, o amor, (controlando o choro) ele até aumentou, entendeu? (. . .) É legal como tudo isso que a gente fez, aumentou mais, fortaleceu mais, entendeu?

A entrevistada vive um grande dilema: funcionar segundo uma moral cristã, condenadora do sexo homossexual, vivendo o que crê ser o certo e em harmonia também com as crenças da parceira, ou atender seu desejo de estar mais próxima e desfrutar dos prazeres do sexo e de uma relação mais afetivo-sexual. A partir de sua história, sabe-se que, atualmente, ela opta pela primeira opção, o que não exclui o autoquestionamento e alguma hesitação quando se flagra a si mesma em seu desejo. De outra parte, no momento que consuma qualquer ímpeto dessa ordem, escorrega sobre o solo da culpa, denunciando que o dilema é presente. O que sabe é que a vontade de estar junto é maior, e Polyana afirma veementemente que o amor aumentou diante de toda essa tensão. Enfim, falar de amor por Lurdinha é falar igualmente do sacrifício que é lidar com seu desejo ou com a renúncia dele. E, perante tal dificuldade, a tensão, o desconforto do dilema, há a *superação*. Pois, nessa

relação, esse é o desafio a vencer. A entrevistada expõe, por último, um elemento fundamental para a longevidade:

A gente já confiava uma na outra. Eu já tive relacionamentos que eu (pigarro)... desconfiei e tal, tive ciúmes. (. . .) Mas... com a gente, desde o início, a gente sempre foi tranquila uma com a outra (. . .) de confiar (. . .) Acho que com o tempo também a gente vai aprendendo que, de repente, aquilo que você já fez, há um tempo atrás (. . .) não vale a pena, entendeu? E aí, eu acredito hoje, assim, por tudo isso, que o amor... ele é até mais forte, entendeu? O nosso amor, por todas essas mudanças, né, que nós passamos...

A *confiança* aparece enquanto elemento novo e, segundo Polyanna, foi peça-chave para o amadurecimento e a sustentação da relação. Ela não deixa de completar dizendo que o tempo é a favor da maturidade. Logo, há que se falar em duas constatações ao fim da entrevista, sendo a própria confiança a primeira, e a segunda, o fortalecimento ocorrido mediante renúncia/sacrifício e superação.

Muito impactada e comovida, já com alguns lenços de papel umedecidos de lágrimas ao colo, deu por encerrado o seu depoimento sem notificar o fim categoricamente. Ao atravessar uma leve recuperação de seu estado ânimo, levantou-se, e eu a acompanhei até a recepção da casa. Ali se deteve alguns instantes, engajando-me em um diálogo sobre a pesquisa e o tema, demonstrando-se muito interessada. Após alguns minutos, se despediu e se dirigiu à saída.

4.2.1 Síntese de Polyanna

A ocasião com Polyanna foi muitíssimo comovente. Algo de muito importante se deu nesse momento, cuja partilha serviu para desabafo e elaborações da entrevistada. Ela sabia que se direcionava a uma conversa com propósitos claros, que lhe haviam sido explicados previamente. Porém, dedicar-se a uma entrevista com esse tipo de condução acaba sendo muito imprevisível, por causa da qualidade não diretiva do processo. A atmosfera propiciou à Polyana um encontro com aspectos tão fortes para si e tão emergentes, que foi levada ao que era extremamente sensível e ao assunto, que foi dividido de forma bastante sentimental.

Mas nem sempre a emoção revela os elementos mais importantes para o fenômeno que está sendo estudado, tampouco um ápice comovente tem esse poder. No que lhe dizem respeito, expressam uma verdade sobre a pessoa, mas não contemplam necessariamente

aquilo para o qual os objetivos se dirigem. Somente a partir de uma distância do que está sendo dito é que se torna possível a compreensão de um apontamento dado por distintas partes da narrativa. Posto isso, há que se ocupar dos fragmentos presentes em todo o relato, sem privilégios passionais. Assim foi o exercício com Polyanna, que intensa e despropositadamente convocava ao erro de interpretação pelo caráter emotivo da sua história de vida e da relação com Lurdinha. Felizmente, as intenções e objetivos estavam claros, assim como também ficaram as armadilhas inerentes ao processo.

A emoção da entrevistada estava intimamente voltada aos seguintes dilemas: em primeiro lugar, sua necessidade de viver a homossexualidade, o que a levou a sofrer desaprovação por suas figuras de referência e, em consequência, experimentar culpa. Em segundo lugar, sua necessidade de viver o que para ela seria a completude de um relacionamento conjugal – o sexo e a troca afetivo-sexual, tendo como fatores contrários à sua necessidade os pressupostos religiosos e a demanda da parceira.

Toda essa problemática, sendo central e intensa, ainda que não mais importante pelo sentimentalismo ou pela compaixão que evocava, trouxe contribuições que podem ser pontos de partida para algumas observações. Não lançando um olhar genérico que visaria captar o dilema enquanto ponto totalitário, a interpretação mediante a apoderação de parte dele pode clarear algumas instâncias.

Cumplicidade e companheirismo luzem em destaque no que toca ao momento em que são confrontadas com a revelação experimentada por Lurdinha. Houve um acontecimento, subsequentemente um impacto na relação e, por fim, um confronto. Ali se dispuseram uma diante da outra, em contato profundo com as experiências próprias e com as do casal, para lidarem com novas questões de consequências ainda incomensuráveis, contudo, verdadeiramente grandiosas.

Como resultado disso, aparece a renúncia ao sexo e/ou o sacrifício, já que estes implicaram dores e sofrimento pela decisão tomada em prol da relação. Consequentemente, a superação se interpõe como medida imprescindível para o prosseguimento: seria o caso de ultrapassar os ímpetos e os desejos para assegurar o bem-estar de ambas na relação, uma vez que nasceram novas necessidades de configuração.

Todo esse processo vivido envolve enorme confiança, cuidado e doação, de modo que pressupõe uma *abertura* específica. Esta abertura se dilui nos poros dos acontecimentos, mas pode ser mais bem exemplificada nas entranhas do choque com a realidade experimentada.

Isto é, nas vias do confronto direto, quando se viram diante da vivência de Lurdinha, não houve outra saída senão serem convocadas a se abrirem para novos sentidos implicados no horizonte da relação conjugal, que, naturalmente, precisou ser reinventada.

E doravante o cerne da questão foi modificado. Ademais do que para elas precisou ser o descobrimento de uma reconfiguração, as complicações se estenderam. Seria possível permanecer em regime conjugal? Há lacunas que precisam de tempo para serem respondidas, inclusive no tocante às próprias definições da conjugalidade. O palpável é a certeza de que há múltiplas maneiras de se ajustar às unidades formadas por duas pessoas enquanto casal: há múltiplas conjugalidades. E, ao se tratar do caso em questão, já se sabe que manifestações afetivo-sexuais não são prerrogativas para esse arranjo.

O desfecho dessa análise passa pelo entendimento da qualidade da mudança como representativa do processo de duradouro, ou como expressão dele. Para uma relação que teve como alicerce um beijo tão apaixonante e diferenciado, assim como uma “segurada” na mão com grau (poder-se-ia dizer) transcendente, sugestiva da correta eleição de alguém para toda a vida, a provação pela qual passaram não se mostra muito animadora. Sendo uma representação de momentos altamente íntimos, mas da mesma forma dolorosos e curiosamente fortificantes do amor, tal experiência está distante de uma beleza agradável e de um “mar de rosas” relacional. Polyanna e Lurdinha estiveram à prova em seus sentimentos e suas escolhas, numa situação pouco confortável, para não dizer desesperadora, na qual a perda era premissa fundamental.

Se o relato explorou espontaneamente tal aspecto, é porque ele comporta um indicativo importante para o duradouro. E, sendo assim, o fato de não haver abandonado a companheira no momento de crise coloca a crise em si enquanto potencial a ser ressaltado. Por sua natureza mordaz e descarinhosa, submete Polyana ao desencanto em relação à concepção do que deveria ser algo abundantemente especial, já que “atingido pela flecha de Cupido”. Ou, então, o excepcional na relação passa a ser justamente a superação de uma infinidade sobrenatural de inconvenientes.

4.3 Entrevistado: Castanheira

Não era o meu primeiro encontro com Castanheira. Já o havia conhecido em entrevista prévia, realizada para outros fins acadêmicos. Por havermos tido contato anteriormente, sabia que ele possuía uma história riquíssima a ser compartilhada e que muito poderia agregar ao

conhecimento buscado e, portanto, realizei contato com ele para lhe solicitar uma segunda contribuição. Após algumas semanas negociando o melhor momento, pudemos conversar por um longo período durante uma manhã de quinta-feira.

Encontramo-nos novamente no Centro de Psicologia Humanista, por opção do próprio Castanheira. O homem tem estatura mediana e olhar calmo; é relativamente calvo e usa óculos. Desde o princípio, tive a impressão de moderada ansiedade, porém a constante mudança de percepções sobre ele, ainda no início, me permitiu redobrar o cuidado para atribuir um sentido mais puro a esta ansiedade, que acabou por revelar uma imensa vontade de compartilhar sua história. Em poucos minutos, o que era ansiedade se converteu em entusiasmo. Sua narrativa é integralmente abundante em detalhes e envolvente em cada pequeno fragmento.

Castanheira é um policial recentemente reformado que vive mudanças provenientes da nova fase de vida. Ele inicia seu relato trazendo o impacto incipiente que afeta diretamente seu relacionamento conjugal:

É um baque muito grande... você passar 24 horas com uma pessoa, mesmo que você tenha um relacionamento duradouro com ela, mas ali você vai passar a ficar 24 horas com ela. Você acorda com ela e dorme com ela. Já era assim... Agora o que você vai fazer de trabalho em casa é com ela ao lado... Então começa, assim, umas picuinhas bobas... isso aí é fato (ênfase)... não tem jeito... entendeu?

Conta sobre essa reconfiguração, pois passa a conviver mais intensamente com a esposa, por estar em casa a maior parte do tempo, ao seu lado. Nesse sentido, os dois são confrontados todo o tempo com as presenças um do outro, e a convivência, segundo Castanheira, leva a “picuinhas”, que podem ser entendidas como implicâncias. “Já era assim”, ou seja, já havia, pode-se dizer, aborrecimentos naturais ao convívio, entretanto, agora este é tão mais intenso que gera essas amolações excessivas e inevitáveis – “não tem jeito”. Ele prossegue:

Porque aí você começa... como minha mulher fala, a implicar com tudo que ela faz... E a minha mulher é daquele tipo de mulher que não... assim... ela não tem tendência para ter empregada. Ela é uma mulher muito assim... além de ser cuidadosa com tudo o que ela tem, ela é muito meticulosa, muito detalhista. Então se ela tivesse empregada doméstica ia ser assim: toda semana ia trocar de empregada. Porque inclusive até quando eu faço ela vem corrigindo.... Você fica naquela... eu estou fazendo um serviço que vai ser corrigido. Além de ser vigiado, vai ser corrigido. Então pra que eu vou fazer? Te desestimula.

O entrevistado avança, então, com uma descrição da esposa em sua forma de ser e desempenhar atividades, tentando explicar o porquê das implicâncias. Sua mulher é “picuinha” com ele porque é demasiadamente cuidadosa, meticulosa e detalhista. Em outras palavras, ela implica porque quer tudo ao seu modo, e ainda que isso represente uma qualidade, provoca desconfortos. Castanheira devolve a implicância, mas por vezes se desestimula para tarefas do cotidiano, que perdem o sentido quando se exige que sejam performadas de maneira perfeita (na maior parte das vezes, necessitam ainda de uma revisão). Ele se sente desconsiderado em seu esforço. Está mostrando, portanto, algo que acontece mediante toda essa reconfiguração: uma desmotivação ou desestimulação.

Outra transformação ocorrida, a partir de seu relato, é a satisfação que deve dar à mulher, como narrado a seguir:

Se eu estava no quartel, por exemplo, e tenho necessidade de sair para resolver algum problema, eu tenho que consultar o chefe, dar um toque: “me libera pra resolver um problema...”. “Beleza.”. Então você já está acostumado com aquele relacionamento no trabalho. Você já conhece o chefe o suficiente pra saber se ele vai concordar ou não... se você tem aquele tempo ou não. Agora em casa... aí você já passa a ter que dar satisfação de tudo. Então é outra coisa que se torna um pouco chata também...

Parece que o contato conjugal semeia enorme quantidade de expectativas de um em relação ao outro, muito pelo impacto das presenças, para as quais são endereçadas algumas demandas e esperadas providências para atendê-las. Castanheira apresenta um trecho que evidencia isso com bastante clareza quando traz um exemplo do cotidiano:

Essa semana minha esposa queria ir na igreja com uma colega dela. Quem leva sou eu. Aí eu falei: “mas justamente terça-feira, justamente no horário do jogo...?” Aí já fica aquela picuinha: “mas você já está dando mais importância pro jogo do que pra mim...”. Antes eu via futebol do mesmo jeito (leve risada)... só que agora eu estou o tempo todo dentro de casa. Eu tenho que dar atenção. Exige, né? Ela acha que tem que dar uma atenção um pouco maior... A gente também espera poder dar uma atenção um pouco maior, só que você não pode viver só pra pessoa... independente de ser casado ou não.

Um ponto a ser destacado até aqui é o policial reformado perceber as diferenças entre ele e a esposa enquanto “baque”. A intensidade do convívio resvalou para a impressão de elas serem uma consequência direta do contato. Na verdade, o são; contudo, identifica-se que essas diferenças não foram “geradas” a partir do momento em que Castanheira passou a se encontrar muito em casa. Por meio da análise, nota-se um realce dos problemas, claramente

entendido como elemento do convívio e com nuances incidindo na qualidade dele. Assim, tem-se a percepção mais apurada de aspectos não antes captados. Sobre esta percepção das diferenças, Castanheira diz que:

Ela acha: “ah não, não tem que envolver diretamente [com a família]. Cada um tem seu problema, administra ele”. Só que eu não penso assim. (. . .) Então... isso acaba criando problema pra gente. Porque eu acho que problema a gente tem que dividir. (. . .) Então, quer dizer, questões de relacionamento de família... A minha esposa acha que é o seguinte: família pra ela é... eu, minha esposa e meus filhos. Mãe, pai e irmãos, aí é secundário... e eu não penso assim.

O fato de estar mais em casa faz com que conversem amiúde sobre os problemas que acometem a um, ao outro ou a ambos, e que tenham que lidar com situações que naturalmente vão envolver conversas, simplesmente porque dividem o espaço e porque, de alguma maneira, sentem que há uma abertura para lidarem com esses assuntos. Sendo assim, o homem nota ainda mais as diferenças.

Em suma, Castanheira fala sobre quatro modificações acontecidas nesse período pós-aposentadoria. A primeira, uma desestimulação (como diz) para realizar tarefas do cotidiano e para a relação. A segunda, a exigência de ter que dar satisfação, que está acentuada. A terceira é uma excessiva expectativa de correspondência de um para com o outro quanto à atenção às necessidades próprias. A última delas, um realce na diferença (especialmente de opinião) entre os dois. Em certos pontos e em alguns graus, essas modificações se misturam.

As modificações geram por si mesmas demandas particulares, se expressando mediante exigências e cobranças para a satisfação de necessidades das partes. Assim acontece, senão tomam lugar as implicâncias e picuinhas, que indiretamente são articulações eficazes de provocar o outro novamente às presenças, para que o ciclo volte a funcionar. Castanheira confessa que espera “*dar uma atenção um pouco maior*”, porém expõe o quanto é difícil administrar as expectativas atuantes na relação.

Se as presenças confrontam o próprio casal, infere-se que a permanência supõe a *tolerância* e a *negociação* frente a essas exigências e cobranças que aparecem, senão às diferenças, desconfortavelmente acentuadas pelo convívio. O policial Castanheira mostra isso de forma simples e clara. Em sua história, tolerância e negociação despontam como imperativos, mas podem se anunciar de jeitos diferentes. Ele prossegue:

Isso também, de certa forma... causa (ênfase) um certo desconforto entre os dois. Você quer até falar alguma coisa... mas você não quer magoar ela também. Aí, você deixa pra lá... mas, às vezes, você tem que dar aquela espetadinha. Eu falo com a minha esposa que ela está precisando de ajuda psicológica, mas ela não aceita.

A partir desse trecho, capta-se a negociação mencionada anteriormente e um tipo de *cuidado*: renunciar ao desejo da crítica e ponderar o ímpeto são artimanhas para não magoar. Portanto, identifica-se uma estratégia aprendida para manter um bom funcionamento ou para assegurar a manutenção da relação, ainda que, às vezes, tenha que ser dada “*aquela espetadinha*”.

Em uma transição de sentido, Castanheira foca mais em uma autodescrição, concentrando-se especialmente em um detalhe: sua sensibilidade.

“Você é uma pessoa assim... muito (engole seco) emotiva...” [diz sua terapeuta]. (. . .) É... eu gosto de lidar com animal... Eu gosto de lidar com criança demais (ênfase). Eu perto de criança viro criança também... (. . .) Eu gosto demais desse trem, dessa troca de carinho (. . .) A Joana [uma amiga], inclusive (. . .) disse: “pelo que a gente conversa eu não consigo imaginar você na rua trabalhando como policial. Eu consigo te ver como uma criança, que tem uma pureza de sentimento, e quer trocar essa pureza com todo mundo.” (. . .) Tem um vizinho meu também, que fala assim: “eu não consigo, conversando contigo, eu não consigo acreditar que você é policial... Eu só sei que você é policial porque você veste farda. (. . .) Você é diferente de tudo quanto é policial que eu já conheci na minha vida... Você é um cara que não é carrancudo, (. . .) você é da boa paz” (. . .). Os próprios oficiais da polícia sempre falaram isso comigo... os meus superiores, né?: “Você é diferente...” (. . .) A mesma coisa eu fui sempre de aplicar em casa. (. . .) os meus meninos (. . .) eu só bati uma vez na vida... (. . .) apesar de ter sido espancado quando eu era criança. (. . .) Tinha um policial (. . .) que... eu nunca vi tomar tanta comunicação disciplinar num período tão curto. Então, na terceira comunicação que chegou na minha mão, eu cheguei perto dele: “posso conversar contigo em particular?” (. . .) “Tô querendo saber o seguinte: (. . .) tá acontecendo alguma coisa com você? Você tá passando por algum problema que a gente possa tentar te ajudar?” (. . .) Na hora já até chorou. Ele falou assim: “eu nunca esperava isso de um oficial da polícia”. (. . .) Tenho sim a tendência de procurar ajudar os outros.

O gosto pela troca de carinho (especialmente com crianças e animais) e o testemunho da terapeuta, do vizinho, de conhecidos e de colegas, somados à sua própria percepção, atestam o caráter da sensibilidade e do cuidado de Castanheira. Apesar de ter sido espancado, agredido (ou poder-se-ia dizer, de não ter recebido tanto cuidado e carinho) enquanto criança, de ter frequentado a instituição da polícia e de ser policial – imagem publicamente reconhecida como conectada à agressividade, especialmente na realidade brasileira –, ele não desenvolveu esses aspectos e não os tomou enquanto referências. Castanheira se vê como

alguém carinhoso, emotivo, sensível, solícito e cuidadoso e comprova a convergência das opiniões a seu respeito.

Esse detalhamento narrativo parece ser uma porta de entrada a uma característica bastante crucial em seu relato e que, indubitavelmente, centraliza-se como marco em uma indicação de sentidos:

A minha mulher fala que isso é um defeito meu... acreditar demais nos outros, né. Como já realmente na polícia também aconteceu... d'eu ter prendido um cidadão... até foi uma mulher na época... eu prendi a mulher e ela estava grávida... (. . .) Fiz o que tinha que fazer, o que a lei manda. Só que eu acabei assim... me achando na obrigação de tentar convencer essa mulher a sair do mundo do crime, né. Então eu comecei assim... tipo um trabalho: eu ia lá de vez em quando e visitava. O pessoal achava estranho; achava até que eu tinha envolvimento sentimental com ela. Até então não teve. Mas acabou depois pintando...

Castanheira mostrou previamente de modo muito enfático como acredita nas pessoas. Em seguida, apresenta um esboço de uma história que, como todas as outras, deveria ser apenas mais uma em que ele se envolve emocionalmente com quem se relaciona. E ele tem justificativas para convencer que esse envolvimento seria como outro qualquer: ele é cuidadoso e solícito, além de sensível. No entanto, foi diferente:

Você vê aquela sensação do olho da pessoa brilhar quando te vê... Isso aí... não tem nada no mundo que pague (fala bastante pausada). Quer dizer, você está sendo bom pra alguém... você está trazendo felicidade, (. . .) você está tentando mudar a pessoa e a pessoa tá reconhecendo isso... A pessoa tá sentindo isso. Através do olhar você sente isso....

Esse trecho que destaca o brilho no olhar e essa comunicação implícita deixa transparecer o apaixonamento. Mas a descrição não diz de um início com a mulher com a qual permanece por 33 anos, mas sim de um acontecimento em que o objeto de amor foi uma cidadã que havia cometido um crime. O policial sublinha o que lhe atrai: a sensação de ser valorizado, pois ele tentava prestar uma ajuda e a pessoa estava “reconhecendo isso”, “sentindo isso”. Ele retoma:

Na época, eu estava tendo um... como diz o outro: um transtorno de relacionamento. (. . .) É complicado, porque foi a única vez na minha vida que eu esqueci o que eu sentia pela minha mulher, talvez até igual eu falei, provocado pela situação geral né... e eu cheguei inclusive a falar assim, no tapa (bate com uma mão na outra): “infelizmente não dá mais, eu vou procurar outro relacionamento, até inclusive eu já estou envolvido, e não dá mais pra gente ficar junto”. A minha mulher saiu de 62 pra 48 quilos... Você imagina o que ela sofreu... e calada.

O momento representou algo muito único. Ele afirma que essa foi a única vez em que esqueceu o que sentia pela mulher, “provocado” pela situação. Entende-se que, na fixação do amor-paixão – constatado na provocação que menciona – escapa a ponderação sobre o relacionamento com o qual tinha o compromisso conjugal, e ele se deixa absorver completamente pela outra mulher (ou é de alguma forma “capturado” pela conjuntura das ocorrências). Sendo desnecessário entrar nos méritos desse juízo, o fato incontestável é o abalo experimentado pela relação, demonstrado tanto pelo sofrimento da esposa (que perdeu 14 quilos) quanto pela iniciativa momentânea de contar a ela sobre seu envolvimento com outra pessoa, em proposição do término do casamento. Outras consequências também fizeram parte dessa realidade:

Isso virou um processo na polícia. Por causa do envolvimento conjugal. Porque a polícia na época ainda tinha isso. De se envolver na vida particular do cidadão. Mas pelo fato dela ser usuário de droga e traficante... [A questão de ser] traficante nunca ficou assim, claro pra época não, hoje ela tomou a frente dos negócios lá e ela realmente hoje é uma megatraficante. (. . .) Mas isso acabou virando um processo na polícia pra expulsão. Eu ia ser expulso por causa disso. Então foi um ano praticamente de inferno astral na polícia e em casa. (. . .) Pra eles, você era um bandido também. Porque você se misturou com bandido (. . .) No âmbito familiar (. . .), um transtorno né. (. . .) Eu tinha que tomar cuidado com o que eu ia fazer, até porque minha mulher, no momento que eu contei pra ela, ela chorou e chorou e foi pra cama e pediu pelo amor de Deus que eu não chegasse perto... Só pra ela refletir.

Castanheira narrou o “baque” de estar junto com a mulher e se aprofundou nessa experiência. Dedicou-se igualmente à apresentação de sua sensibilidade, assunto que foi ponte para a entrada nesse caso de envolvimento extraconjugal. Aqui ele inicia um relato detalhado de como foi o envolvimento – desde o momento em que se apaixonou, até as consequências que ele gerou.

Ao assumir seu envolvimento extraconjugal, viveu as consequências em casa e no trabalho: o distanciamento da mulher, que estava em profunda amargura, e um processo no trabalho. Foi um “inferno”, como cita Castanheira. Apesar da enorme perturbação, havia mais por vir, e o casal passaria por maiores desgastes:

Questão de uma semana, uma semana e meia, ela foi chamada para depor. Aí o major lá do conselho de ética (. . .) leu a portaria. E na portaria tá lá: “por ter (. . .) se envolvido extraconjugalmente com a fulana de tal, usuária de droga e tal, tal, tal” (suspirou). Ela levou aquele baque. Eu senti, que ela levou aquele baque sentada numa cadeira. (. . .) Aí ela... ela virou e falou assim: “Ah, vocês estão processando o meu marido então por causa de um relacionamento extraconjugal e não porque ele bateu em alguém ou porque ele cumpriu ou

descumpriu algum regulamento? Eu acho que não dei procuração pra vocês processarem ele por, por relacionamento extraconjugal não. Isso aí eu é que tenho que me preocupar, ele é casado é comigo... não é com a polícia não, uai.” Eu fiquei boquiaberto. (. . .) Nunca esperava minha mulher falar uma coisa dessa. (. . .) “Ele é um ótimo pai, um ótimo marido, sempre presente. (. . .) Se ele resolver partir pra outra... eu sinto muito. Eu tenho certeza que pai dos meus filhos ele não vai deixar de ser.” E assim foi... Acabou. O major deu por encerrada a reunião; ela assinou o depoimento lá.

Castanheira foi livrado da acusação, mas a exposição dele e de sua esposa foi tremenda: tiveram que prestar contas para a polícia. A esposa se surpreendeu ao saber a finalidade da intimação ao depoimento, mas reagiu de um modo inesperado, entrando em defesa do próprio marido, o qual se espantou. A forma como o homem expõe a história, mediante gestos, tom de voz e explicação dos fatos, sugere grandiosa *admiração* pela esposa. Em meio a tanto sofrimento, em meio à dor e à sensação de ter sido enganada, ela foi capaz de defendê-lo. Além do mais, ela tentou alertá-lo, trazendo sua percepção sobre tal envolvimento. O homem conta:

Ela só falou comigo o seguinte: “eu não sabia que ia chegar nesse ponto que chegou. Mas eu só quero te pedir uma coisa... Não vai embora. Isso aí é coisa passageira, é ilusão, eu tenho certeza que é ilusão. Eu quero te chamar um pouquinho pra realidade. Não vai rolar, porque ela não vai deixar o crime por sua causa e você não vai deixar a polícia por causa dela. (. . .) Você é correto demais para ser criminoso. E outra coisa... Eu gosto de você demais pra deixar você cair nessa. E vou te pedir mais uma coisa: morreu aqui, a gente nunca mais vai tocar no assunto. (. . .) Se você quiser sair pra refletir, pra pensar, se quiser ir lá visitar a menina pra trocar ideia, pra confirmar o que eu tô falando... faz o que você quiser. Mas eu só vou pedir: não deixa a gente por causa disso.”

A esposa roga a continuidade da relação. Ela decide prosseguir com Castanheira e pede a ele que faça o mesmo, alegando que o marido vivia uma ilusão, uma fantasia. Observando a paixão em que se encontrava e confiando em seu amor, ela afirma sua posição. A partir disso, assimila-se a decisão de permanência através da *confiança*. No caso da esposa, ela confiava na índole de Castanheira, na pessoa dele e, além do mais, em seu sentimento por ele. Esses foram os fatores definitivos.

Em investimento completo na *superação* do fato ocorrido, ela pede um voto de silêncio, buscando, em sua concepção, não comprometer o bem-estar do casal com assuntos que adiante seriam antigos. Sem considerar a qualidade da amargura ou da solidão que poderia enfrentar em face desse fechamento, sem partilhar a dor ou a experiência com ninguém – nem mesmo com o marido, ela decide convictamente sobre o seu caminho de ultrapassar a fase com Castanheira. Contudo, deixa-o livre, demonstrando abertura ao não

exigir que ele se posicionasse imediatamente. Ela gostaria de permiti-lhe fazer a escolha ponderadamente: queria que ele fizesse a escolha certa. O que sucedeu foi o seguinte:

Aquilo realmente, opa, acendeu uma luzinha, né. Aí realmente, e dali pra frente a gente nunca mais [falou do assunto]. A gente vê... eu noto que até hoje, mesmo passado muito tempo, (. . .) que ela vê uma cena de traição na novela, eu acho que ela remete o pensamento.

Ao vivenciar toda a situação, que envolveu tanto sofrimento, dor, mas também publicação de amor, desejo de prosseguir e vontade de superação por parte da esposa, Castanheira diz que “acendeu uma luzinha”. Mesmo não clareando o significado que atribui a esta luz, fica subentendido o que ela representou: a decisão do policial de deixar a criminosa com quem se envolvera e o esforço para retomar a relação com a esposa. “Foi uma luz vermelha de pare” – gesticulou, apresentando a palma da mão. As marcas são inevitáveis e ele nos mostra como não existe “borracha” para apagar os eventos passados. No entanto, prevaleceu o projeto a dois com a esposa, ainda pressupondo reflexos do ocorrido, os quais são irremediáveis.

A impressão nesse momento da conversa é que a sensação de surpresa-admiração com os fatos e com a reação da esposa é tão potente que o obriga a justificar a razão de seu envolvimento. Como poderia ele ter se envolvido? Iludido-se dessa forma? No intento de dar uma resposta, ele esboça:

O relacionamento [com a traficante], Lucas, é o seguinte: ele mexeu muito comigo. Entendeu? (. . .) pra você ter uma ideia de comparação. (. . .) Eu fui trabalhar destacado numa cidade, eu fiquei 15 dias fora de casa. Eu cheguei em casa, (. . .) abri o portão, (. . .) abri a porta, entrei. “Oi, amor, tudo bom? Oi de casa!” Aquela brincadeira, né, “ô de casa! Cheguei!” Meus meninos vieram correndo. Minha mulher, varrendo tava, varrendo continuou. O que você espera se você tem um relacionamento né, conjugal amoroso (. . .)? (. . .) Pô, aquilo me deu um baque, você sabe... aquela decepção. (. . .) Porque não era costumeiro isso. (. . .) Quando eu comecei a relacionar com essa menina, que foi na mesma época, teve uma situação d’eu ter chegado na cadeia, que você vê o brilho no olhar daquela menina... Já chegava direto, ia direto pra grade me abraçar sem abrir a cela. A mesma coisa aconteceu quando ela conseguiu liberdade, na casa da mãe dela (. . .) nem abriu o portão, ela primeiro me abraçou, me deu um beijo, pra depois abrir o portão. Não tinha obstáculo pro que ela queria demonstrar. (. . .) E a minha mulher tendo aquela reação seca que teve, isso pesou muito. Não foi uma vez, foram várias vezes.

Não pareceu que Castanheira estivesse tentando culpar a mulher pelo problema que tiveram, mas sim que exprimia sua compreensão sobre o ocorrido, ou pelo menos tentava elaborar uma concepção não pronta sobre a situação. De sua experiência, extrai-se a noção de

não correspondência, que conduz novamente à expectativa. Ele não se sentia satisfeito, por algum tempo, com as iniciativas e com as respostas afetivas que a esposa o oferecia. Esperava mais da relação. A indiferença na circunstância mencionada, quando ele chega de viagem, lhe choca como algo muito negativo. E, evidentemente, ao comparar o que estava recebendo em casa com o calor dos gestos da mulher com quem se envolveu, seu relacionamento com a esposa perdia, dadas as condições de apaixonamento da outra relação.

Várias foram as peripécias vividas com a criminosa de 23 anos nesse período intenso e apaixonado. Castanheira frequentou sua casa, sabendo que ela era cômputo de um comandante do tráfico e chegou a se relacionar com o próprio criminoso, sem que ele soubesse que lidava com um policial. Em uma dessas visitas à amante, dormiu embaixo de um carro na garagem, por ele ter voltado antecipadamente de uma viagem. Em outra hora, o chefe do tráfico se deu conta de quem era e chegou a disparar tiros contra ele. O risco era incomensurável, mas a relação valia a pena para ele, como comenta:

A minha cabeça tava assim... ao mesmo tempo preocupado comigo, mas eu não queria abrir mão do relacionamento, tava bom demais. Entendeu o ponto que eu cheguei? Tava bom demais. Era uma coisa, que igual eu falei assim, tava me mostrando que eu tava vivo. Que eu ainda tava mexendo com alguém, tudo isso veio assim... Explicar é difícil, mas era mais ou menos isso. (. . .) Eu sempre fui assim, de viver muito intensamente aquilo que eu me proponho a viver.

O relacionamento extraconjugal lhe trazia um ganho: ele se sentia vivo. Ele sentia uma emoção diferente, a que não estava acostumado; ele provava o acometimento do deslumbre, um excesso de entusiasmo. Tudo isso, para ele, tinha sua validade, pois em casa tinha como parâmetro a monotonia e a indiferença – esta é a explicação de Castanheira. Ele foi realmente tomado por algo descrito por ele como próximo ao incontrolável. Havia a preocupação, mas não conseguia renunciar ao desejo e ao prazer, sentindo-se impelido a viver a relação.

Recontou com detalhes sobre o seu envolvimento extraconjugal, compartilhou as minudências que configuraram sua história e sua experiência e insistiu na busca de causas. A próxima transição traz provocação e é excepcionalmente reveladora:

A minha esposa... ela teve essa reação que teve... de falar lá e tal, tal tal e me chamar e falar: “ó, não quero que toca no assunto nunca mais”, e realmente não tocou nunca mais no assunto. Aliás, minto. Teve agora recentemente que a gente tava conversando numa boa, assim... Não sei nem o que gerou esse assunto e ela me perguntou. (. . .) Foi sentimento, mas passou, morreu. Hoje eu acho que isso para nós inclusive... Como é que vou te falar... foi super benéfico pro nosso relacionamento, meu e da minha esposa. Eu acho que isso aí foi

uma experiência... Não precisava ter havido, mas houve e... através dela, desse acontecimento, o nosso relacionamento melhorou mil por cento. A gente ficou mais chegado... mais atenção um ao outro, aquele negócio de [não] deixar cair igual aconteceu d'eu chegar e ela tá varrendo, varrendo continua, parecendo que não tem sentimento nenhum; tá vivendo como dois irmãos dentro de casa. Acabou. Até hoje a gente é como se fosse dois namorados. Tá parado os dois no sofá, vendo uma TV, cafuné, um carinho. Entendeu?

Os drásticos eventos que fizeram parte da vida de Castanheira e sua esposa, apesar de terem gerado tantos infortúnios, dores, sentimentos e mágoas, serviram incrivelmente para fortalecer a relação. O policial mostra que uma de suas principais queixas dos momentos ruins que a relação passou foi “extinta”, mediante os eventos dramáticos conectados ao relacionamento extraconjugal e às elaborações do casal. A relação deixou de ser fria e distante e os dois fazem mais questão de expressar afeições: “*a gente ficou mais chegado... mais atenção um ao outro (. . .) Até hoje a gente é como se fosse dois namorados. (. . .) cafuné, um carinho*”. A adversidade é comparada a um estímulo que “despertou” o casal de um adormecimento afetivo.

O carinho, a voz tenra e a colocação das palavras são manifestações de seu *orgulho* pela relação atual. E o amor emerge por aqui, nesse exato instante em que Castanheira expressa orgulho e um senso de envaidecimento profundo. Mas, claro, como vinha denunciando Castanheira, o movimento pendular, com visitas a experiências antagônicas, continua acontecendo:

Igual falei: deixei levar e, de certa forma, como até comentei com a Joana... Me arrependo muito... Pelo mal que eu fiz pra minha esposa, mas não pelo que veio depois disso. Porque eu sei, ficou uma ferida. Mas talvez essa ferida fez com que a gente acordasse um pro outro. Entendeu? Eu descobri essa preciosidade que eu tinha dentro de casa, que ela não precisava ter feito nada daquilo que ela fez lá no depoimento. (. . .) Não só a exposição dela, mas o interno dela também, o interior. (. . .) Ela saiu de 62 e foi pra 48 quilos. É muito sofrimento para uma pessoa só. (. . .) Eu sentia que às vezes eu ia trabalhar e quando eu voltava ela tava com o olho inchado de chorar, quando eu chegava em casa. Entendeu? É... E a minha mulher, é uma mulher assim... que ela não merecia, aí por isso meu arrependimento. Ela não merecia que eu deixasse acontecer isso que aconteceu. (. . .) Eu acho que ela tem o coração muito bom.

Não é difícil identificar, por inúmeras das falas, o cuidado que tem com sua esposa. Ele se considera imensamente o seu bem-estar. Portanto, a culpa se faz presente quando relembra o mal que causou a alguém de tamanha importância, demonstrando muita compaixão. Além do mais, “*ficou uma ferida*”, e isso confirma o quanto o ocorrido ainda é atual na vida conjugal.

Outra vez, discorre sobre quem é a sua esposa. Dessa vez, porém, ao fim de uma trajetória narrativa sobre atribulações, opta por ressaltar aspectos apreciados por ele. Quer dizer, após reaver os atravessamentos e os obstáculos vividos pelo casal, ele ratifica sua admiração por essa pessoa que resolveu superar as dores e os problemas para estar em sua companhia. A esposa é uma pessoa boa e que lhe faz bem. A retomada vem acompanhada de memórias do percurso:

É que quando eu trabalhava no serviço secreto (. . .) pra você ter uma ideia, eu ia... sentava num barzinho com a minha esposa pra poder (. . .) descobrir o que o cara (. . .) servia à la carte... o que você quisesse: ou injetado, ou pra cheirar, ou pra fumar. Além do restaurante, o cara tinha o à la carte da droga, entendeu? Então a gente [ia para] sentar lá e verificar que realmente tinha o fato e tal.

Em outra missão, ele conta como a esposa foi conivente com a proposta de que ele “namorasse” a filha de um grande infrator para dar o flagrante de um crime:

Aí o capitão entrou e falou assim: “Castanheira, o único cara no serviço secreto que tem um casamento sólido o suficiente pra fazer o que eu vou propor é você. Você vai estudar e ver se concorda ou não. O negócio é a gente infiltrar na família dele. Como que infiltra na família dele? Você vai começar a namorar a filha dele.” (. . .) Até porque eu era o mais novo também, né. (. . .) Eu falei: “eu vou dar um toque na minha esposa, porque ela, inclusive é mais polícia secreta do que eu, porque ela já me ajudou em vários serviços aqui, né.” (. . .) Aí cheguei em casa, comentei com minha esposa... “Tudo bem (. . .)”. (. . .) Aí deu certo... começamos. Aí fui dentro da casa da menina, conheci o pai da menina, e tal, tal, tal. (. . .) Aí um dia saindo no domingo, eu pra passear com a menina, só que eu também não sabia que a minha mulher tinha saído pra passear com os filhos. Encontramos no mesmo lugar. Eu de mão dada com a menina andando, a minha esposa numa praça... Tinha aquelas caixas de areia, pra criança ficar brincando de fazer castelinho, baldinho. A minha mulher viu; ela virou o rosto dos meninos pra eles não me reconhecerem e me chamarem de pai, pra não queimar o serviço. Pra você ver o ponto que chegava o nosso relacionamento conjugal, com o comprometimento dela com o... até com o meu trabalho.

A participação dela em sua vida profissional foi intensa. Novamente aflora o orgulho e fortalece a impressão de que há uma extraordinária importância atribuída à *doação* da mulher. Alguém que o ajudava no serviço, que se sujeitava a algumas situações por ele, por seu amor e *companheirismo*. Era uma pessoa efetivamente compreensiva. E toda essa memória é visitada com muito amor e carinho, com um gosto especial. Assim sendo, *doação*, *companheirismo* e *compreensão* são palavras substanciais na relação desse casal.

Ela cansou de me ajudar a fazer estatística pra comandante dar entrevista 7 horas da manhã... Eu passar a noite no quartel... Ela ia às vezes pro quartel ou eu levava pra casa, pra

ela me ajudar a fazer o serviço de estatística. Entendeu? E na época era tudo escritinho no manual, não tinha computador que é essa facilidade de hoje. Eu tinha que fazer os gráficos tudo naquele papel milimetrado e ela me ajudava nisso, né. Então, pra você ver como que era o grau de envolvimento, tanto meu, quanto dela com o trabalho e ela comigo e com o trabalho, né.

Castanheira reconhece o envolvimento entre os dois através do grau de disponibilidade que tinham para se doar e, sobre isso, conta como acontecia do lado da mulher. Anteriormente, havia relatado inúmeras situações nas quais protagonizou missões arriscadas no serviço secreto, dentre elas: quando ficou preso em presídio para desvendar quem levava drogas para dentro; quando estudou em faculdade sem fazer vestibular para igualmente averiguar o tráfico dentro do local; quando esteve no exército, no “Fora Collor” de cara pintada, entre outras. Mas, em se tratando de trabalho, apesar das aventuras (que foram vividas com orgulho e satisfação), o que lhe provoca comoção é lembrar as várias situações em que a esposa esteve com ele.

Todo o prazer identificável nessa lembrança traz o policial para um encontro com sua relação atualmente. Ele se vê satisfeito, ao observar sobressaírem os gestos afetivos, o cuidado, a proximidade. Talvez por receio de perder tais qualidades relacionais, ele projeta o futuro com esperanças da manutenção da relação, quando logo em seguida afirma: *“Felizmente este resgate está sendo duradouro. Eu espero que não chegue naquele ponto que chegou, lá no passado da gente... Espero que não chegue nisso nunca mais”*.

Segundo ele, estar em relação duradoura tem a ver também com presenciar novidades constantemente. A convivência é uma progressão do aprendizado, algo que oferece oportunidades, inclusive de questionar a vida, os sentidos e as crenças:

O mais engraçado, Lucas, é o seguinte: por mais que você acha que conhece a pessoa, sempre tem uma novidade, e isso é que é o gostoso. (. . .) A gente já foi católico junto, a gente já foi umbandista quinze anos os dois juntos. (. . .) Hoje ela é evangélica e eu que já fui evangélico, hoje sou ateu.

O casal, junto, passou a se conhecer mais, desde os detalhes que advêm dos estímulos às presenças, até a companhia na descoberta e na afirmação das crenças. Tendo buscado juntos um contato com o transcendente, cada qual encontrou uma razão que culminou em um sistema distinto; entretanto, criou-se um novo desafio para o intenso contato e novos ajustes conjugais. Ele se move, por conseguinte, à explicação de sua descrença em Deus, transição que tardiamente será compreendida em seu motivo de vir à tona neste momento:

Eu não consigo acreditar em Deus. Só pra resumir, eu sou da opinião seguinte: se o Deus que existe (. . .) é o que pregam, o que colocam, que tá lá na Bíblia, que existiu no passado e ainda até hoje, ele tá falhando. Os evangélicos sempre falam o seguinte: não cai uma folha de uma árvore se não for da vontade de Deus. Aí você depara com uma situação de uma mãe com uma criança no colo no ponto de ônibus, uma bala perdida. (. . .) Achou a criança. (. . .) Que culpa tinha a criança de tá ali? (. . .) Então, aí vem uma série de questionamentos, né. (. . .) Eu tenho um menino com problema de MAVE; não sei se você já ouviu falar: é má formação arteriovenosa cerebral. (. . .) Ele toma hoje... são cinco, seis carbamazepinas por dia pra não ter convulsão. (. . .) O remédio tá trazendo muita dor de cabeça pra ele, reações diversas muitas, mais que o efeito esperado. Se mexe [cirurgicamente], tá debaixo da parte motora, do cérebro. (. . .) Ele pode ficar sem fala, ele pode ficar tetraplégico, pode ficar paraplégico.

Castanheira já foi religioso. Em seu percurso vivencial, teve contatos com religiões variadas, mas acabou por desacreditar em Deus. Seu depoimento mostra o quanto vincula a imagem de Deus a um provedor e protetor, e diante dos acidentes, das desgraças e das dificuldades que a vida impõe, converteu-se em um descrente. Como pode existir um Deus que negligencia tantos problemas e tanto sofrimento? Em seu modo de ver, a Sua existência só faria sentido caso essas injustiças e acidentes não existissem.

Dentro de casa, experimenta os dissabores de uma doença congênita do filho, que sofre com o medo, a revolta e a amargura de lidar com a proximidade da morte. E o pai participa desse drama, imerso em uma impotência desmedida. A situação é entendida por ele como uma reafirmação de sua descrença em Deus. Talvez por seu desamparo, tornou-se incrédulo. E a situação, apesar de próxima, não é única em sua vida. Como policial, assistiu a muitas cenas e histórias que contribuíram para a estruturação da sua forma de pensar.

Assim como os outros, o assunto referido não é mero acidente. Ele eclode como um outro ponto que confronta marido e esposa, em suas crenças e decisões a respeito das medidas certas a serem tomadas em prol do filho. Castanheira explica que desavenças acontecem nessa construção e as discórdias são frequentes:

Isso também atrapalha nosso relacionamento, né. Porque às vezes eu noto que meu filho faz um corpo mole, aproveitando da doença pra justificar um “não queria fazer isso”, ou “queria fazer aquilo” e a minha esposa passa a mãozinha na cabeça, né. E o próprio médico falou com ele; todos os três médicos que foram consultados falaram com ele: “o relacionamento [familiar], quer dizer, preocupação de pai e mãe ninguém nunca vai substituir, nem conseguir tirar. Mas é uma coisa que você tem que ter: responsabilidade sobre o problema que você tem.” (. . .) Até a questão da gente estar em Belo Horizonte até hoje é por causa dele. É uma das coisas também que causa um certo atrito de relacionamento entre eu e minha esposa, porque eu sou doido pra voltar pro interior.

Não há como não ser interpelado por questões que implicam o casal, como as que se ligam ao filho. E não há similarmente remédios para o confronto (ou o conflito, em alguns casos). Enquanto responsáveis, os dois necessitam se posicionar. Enfim, o exemplo do filho é mais um para corroborar a ideia das consequências naturais da vida compartilhada que levam.

Esta é uma parte final da entrevista, em que curiosamente, e sem se dar conta, ele retoma os assuntos do início: em uma volta à expectativa de correspondência, ele diz com bastante humor:

Agora eu mudei de nome, né. Meu nome agora é “Jaque”. “Já que você tá aposentado, vai lá levar o menino”, “ah, já que você não tá fazendo nada, busca ele lá”. “Então vai na padaria e compra pão”. Então eu falei com minha mulher: “eu virei o Jaque, né? Já que você não tá fazendo porcaria nenhuma, você tá à disposição de fazer o que a gente precisa, o que a gente quer”. É outro aspecto que muda quando você aposenta. (. . .) Porque igual eu tô falando: você passa a não ser mais respeitado no seu direito. (. . .) Como diz o outro, disponibilidade obrigatória. (. . .) Eu falei com ela, isso é nossa prova de fogo. A gente viveu tudo que a gente podia viver na vida, menos a presença constante um do outro dentro de casa. Isso agora vai ser nossa prova de fogo. Eu até brinco com ela... falo assim: “você aguenta mais trinta anos agora?”

As palavras “disponibilidade” e “obrigatória” se referem, aparentemente, a um dever. Contudo, a análise estampa dois vieses: tal qual explicitado anteriormente, ele já testemunhara que queria e tentava “*dar uma atenção um pouco maior*” e, por isso, dá a entender que na verdade o que está em jogo é a sua própria expectativa de corresponder à demanda – tarefa certificada como difícil. Há a vontade de atender a ela, assim como deseja atender-se, e essa tensão resulta em um caminho supostamente sem saída.

Na concepção de Castanheira, o que o casal vive hoje é corolário de um processo natural do convívio de anos. Uma nova fase, um novo momento a se enfrentar, o qual carrega consigo as dificuldades peculiares a ele. Quando diz que “*isso é nossa prova de fogo*”, ele está assumindo que é como se essa etapa fosse decisiva como provação para a vida conjugal. Ou seja, mais uma, entre várias outras já atravessadas. Há uma ideia de naturalidade subjacente ao seu discurso.

Algumas reiteraões sobre falas anteriores acontecem com palavras diferentes, porém seguindo a mesma linha das constatações sobre o intenso contato, das discórdias, das implicâncias que fazem parte da rotina do estar junto e da saturação das presenças, dentre outras. Servem, afinal, como reforço e complemento do exercício de interpretação até aqui:

Mas igual eu falei... Era uma coisa que eu não tinha antes. Ela tava mexendo com cozinha dela, ela tava tranquila, punha o fone de ouvido, ia escutar o louvor dela. Agora eu chego, eu tô toda hora incomodando. Mesmo quando eu não quero, às vezes eu incomodo. (. . .) Então é hilário, eu gosto. (. . .) Igual eu falei, não aquela provocação intencional, mas aquele negócio, mostra que um tá notando a presença do outro. E eu gosto disso, né. Você ficar ali com um peso morto, igual aqueles caras que só vai criando barriga (. . .) passa de um canal pro outro... não faz nada... eu nem que seja pra perturbar eu faço (risos). Entendeu?

A amostra dupla de situações de “*provocação*” é o puro exemplo de significar-se para sua esposa, de substanciar sua existência para ela: ora o contato cotidiano conduz espontaneamente a um confronto que gera incômodos, ora o próprio Castanheira se encarrega de produzi-lo. Ele incomoda por querer e sem querer.

Mas o conteúdo amoroso é irrefutável, saltando aos olhos em episódios alternantes, seja na tentativa do agrado, seja na disponibilidade de superar as dificuldades e os duros eventos do passado; seja na própria tolerância, ou no cuidado e no companheirismo. Estes últimos estão novamente explícitos no mais tardio trecho selecionado da entrevista:

Mas eu vou falar... Aquele negócio, aquela... coisa de preocupar, né, aquela coisa de amor mesmo. Coisa de quem convive um com outro, de quem gosta mesmo. Felizmente. Ela preocupa comigo demais, eu preocupo com ela. A gente foi em Caldas Novas semana retrasada. Aí ela... medo de água, né... aí eu: “vamos na piscina, água quente, vamos experimentar”. (. . .) Então... [ela fica] é andando segurando na beirada, ou então de vez em quando eu dou a mão, (. . .) provoco ela pra boiar um pouquinho (. . .), aquele negócio todo. (. . .) Eu tenho um material de acampamento dentro de casa; dá pro cara ficar acampado tranquilamente em qualquer lugar do mundo. Não consegui usar até hoje porque ela não quer. Ir sozinho também não quero não. Acampar sozinho? Que graça que tem? (. . .) Eu gosto de mostrar novidades pra ela.

As despreziosas palavras podem soar vagas ou como um relato aleatório de um evento específico. Todavia, a graciosidade da linguagem, dotada de uma simplicidade tão genuína e terna, sugere uma singeleza invariavelmente característica de uma cena de amor.

A entrevista é arrematada com a expressão do companheirismo, identificado nos entremeios de seu desejo: quer se aventurar mais ainda com a esposa. Acampar e conhecer lugares. “*Eu gosto de mostrar novidades para ela*” representa a aspiração de introduzir-lhe o novo, mas, sobretudo, seu profundo anseio de vivenciar a vida com ela.

Não que os ares já estivessem pesados pelo esgotamento, afinal, o fôlego do entrevistado retrata uma energia vigorosa, terminantemente vinculada à sua excitação. Entretanto, as quase duas horas ininterruptas com cadência acelerada parecem ter sido suficientes para lograr os objetivos da entrevista. Sem muita cerimônia, se levantou e foi

caminhando da sala até a recepção da instituição, de onde, após alguma troca de miúdos e um aperto de mão, se foi.

4.3.1 Síntese de Castanheira

A vitalidade de Castanheira é algo contagiante. Sua gana é um apetite inverso, pois não se dirige à internalização, mas o contrário: ele quer dividir, compartilhar, contar sobre sua vida. Chegou disposto ao movimento “de dentro para fora”, por vezes com a estampa de uma ansiedade, por vezes de uma energia vívida, e na maior parte do tempo, na mescla de expressões entre o temperado e o hiperbólico. Não deixou para trás, todavia, o valor de sua contribuição. Para a conjectura de uma possível perda de conteúdo pela aceleração, está o engano. No caso desse homem, a clareza e a explicitação de pormenores lhe conferem o julgamento de detalhista. E, para os fins almejados, seu perfil muito se ajustou, uma vez que facilitou a exteriorização da experiência, cujos elementos revelados exprimiram denso material sobre o investigado.

“Exprime implicitamente” e, em ocasiões, verbaliza o orgulho pela própria história. Não era para menos: sabe de sua riqueza, e é fato que são aventuras e acontecimentos tão surpreendentes quanto excitantes, que se adequariam facilmente a um roteiro de filme de ação. O próprio Castanheira menciona sua ambição de escrever um livro, para o qual prevê sucesso garantido. E por ainda não o ter feito, manifesta seu contentamento por saber que sua “novela” está sendo escrita (pelo menos em parte) e que será bem aproveitada para propósitos grandiosos. Ao que tudo indica, a compreensão disso foi reforçadora do estímulo que gerou tanta abertura e disposição para a entrevista.

A análise denuncia um ponto curioso, que está nas implicâncias entre ele e a esposa. Obviamente, são provocações circundantes à manutenção da relação. São peças que escoram o ornamento amoroso conjugal do casal. A estranheza da constatação não deve ser levada a sério, pois Castanheira aponta como é corriqueira, simples e trivial a convivência, de modo que a expressão do duradouro só pode igualmente transportar um bocado disso. Ou seja, há algo de ordinário e comum, ou talvez medíocre nessa repetição do dia a dia com alguém que já está há muitos e muitos dias com outro alguém.

Talvez haja uma dualidade intrínseca ou, efetivamente, um paradoxo, porque está escancarado o quanto a relação se satura na presença dos cônjuges, afinal, esse é o motivo

absoluto para a eclosão de intrigas. Entretanto, a implicância ela mesma é uma estratégia prática para convocar o outro a si mesmo, o que contraria a ideia de saturação e de fardo que irrompe. Pois bem, eis que essa construção insinua uma dinâmica pendular, que oscila entre o querer estar perto e o querer distância. Isto é, devido à necessidade de preservar-se e conservar-se, atendendo a si mesmo, a pessoa se afasta, eventualmente, assim como se aproxima, fazendo como lhe convém. O policial mostra que as “espetadas” e as “picuinhas” também são legítimas e tecem a trama a dois.

Para suportar esse vai e vem, distância e aproximação, espetadas e implicâncias e todos os aborrecimentos cotidianos que pertencem à sua realidade (mesmo que seja uma verdade comum, trata-se de focar a pessoa em questão), aparece a tolerância. Em somatório, considera-se a imprescindibilidade da negociação, que junto com a tolerância trabalham a favor da continuidade. Impossível seguir sem conciliar o que é demanda de um e de outro. A título de exemplificação: o policial reivindica estar sendo desrespeitado na sua privacidade, no seu “*direito*” (palavras dele), e reclama de sofrer uma quase coerção a uma “*disponibilidade obrigatória*”. Apesar disso, sente-se igualmente desejoso de oferecer mais atenção para a esposa nas expectativas dela.

Parcialmente, o que foi tratado até aqui se resume às formas de confronto que exigem tolerância e negociação, estando irrefutavelmente metidas e trançadas no projeto a dois. Não obstante, a aceitação, assim como a renúncia, são outros elementos, já que, como foi permitido observar, em copiosas circunstâncias, haverá um de ceder para atender ao outro, mesmo que a contragosto. Embora o jogo de futebol seja importante, Castanheira entende que mais valioso ainda é levar a mulher à Igreja. É edificante doar-se e, claro, perceber equivalentemente a entrega e a doação do outro, mesmo sabendo da visita frequente do enfado.

Castanheira é um homem sensível, amoroso e carinhoso. E declara sua crença nas pessoas. De quando em vez é etiquetado ingênuo, ao passo que não deixa tão esclarecido o que pensa sobre essa rotulação. A impressão é novamente de que ele sofre de sensações dúbias, que o acomete ora positiva, ora negativamente. Agrada-lhe a si mesmo o seu jeito de ser, mas reconhece que pode se meter em apuros, como aconteceu quando se envolveu com a criminosa.

Tal ligação não foi um acidente, como salientou. Pessoas próximas poderiam dizer que foi fruto de sua “pureza” (palavra presente na entrevista), mas ele responsabiliza sua

sensibilidade, que, aguçada por carências, insatisfações e vulnerabilidade, o arrastaram para uma relação extraconjugal. Quando faz essa justificativa, ele não se redime ou sequer se isenta da culpa. Castanheira não é de fugir de suas incumbências e, ao partilhar suas considerações sobre sua sensibilidade e confiança, não as coloca enquanto instituições internas, ou partes autônomas que teriam agido independentemente de sua vontade. Ele apenas relata a dinâmica de sua vida na situação do ocorrido, tentando agrupar informações com o intuito de autocompreender-se. Tal fato e tudo o que ele abrangeu e acarretou foram fundamentais no sentido de iluminar a experiência amorosa conjugal duradoura com a esposa.

Se nesse relato, a pessoa mais presente além dele era a outra mulher que não a esposa, por que Castanheira se deteve tanto no caso da relação extraconjugal, quando a finalidade era conhecer sobre a relação conjugal oficial? É certo que lhe foram expostos os objetivos de maneira clara. Ora, isso se deve à condução da entrevista, que, na busca pela estrutura da experiência, permite que a construção aconteça mediante seleção espontânea de retalhos representativos do vivido. E, ao ouvir o policial, nota-se a relevância de tal assunto enquanto marca em sua vida, assim como contribuição para o entendimento de sua relação com a esposa.

Uma das afirmações mais contundentes e surpreendentes foi que sua relação amorosa conjugal melhorou após o ocorrido. Significativa, por isso, é a superação, que, primeiramente procedeu embrionária, quando a esposa decide se manter e prosseguir com a relação e pede ao marido que fique. Ou seja, é incipiente por se exprimir como desejo de superação. Em seguida, vem a adesão do marido, que rejeita a outra mulher e “compra” a proposta de (re)construção. Por fim, a incidência do tempo com o sopro dos ventos leva parte do volume esmagador dos traumas emocionais e do peso das emoções, realizando a superação. A decisão de querer superar abriu caminho para a superação.

Castanheira evidencia que essa potência não é suficiente para sobrepujar os fatos e extinguir cicatrizes. Ela mais se ancora para sustentar o barco da relação do que se preocupa em ser engenhoca para maquiagem os sinais de abalo sofridos pelo último. Então os fatos ainda são lembrados, na maioria das vezes não intencionalmente, mas disparados por um estímulo qualquer. No entanto, ali se encontra a relação, melhor do que nunca.

A edificação a partir do difícil traz subsídios concretos para compor o cenário da relação amorosa conjugal de Castanheira, justamente porque flerta com toda uma gama de qualidades muito vivas, especialmente na atualidade. Sua esposa sempre foi alguém especial,

companheira de todas as horas, inclusive no trabalho. Ela se submeteu a riscos com ele, quando precisava desempenhar missões policiais investigativas. Ela doou seu tempo e energia, empenhando-se na realização de tarefas de escritório, quando o policial precisou. Ela aceitou vê-lo em missão com outra mulher, sabendo que deveria ser cautelosa para não delatar o disfarce e, sobretudo, cuidou para que as melhores condições conduzissem a seu êxito. Essas são características que sempre estiveram forrando a relação e que trouxeram a confirmação de que ela era definitivamente uma boa mulher.

Como se isso não fosse o suficiente, agora em relação ao duro momento vivido quando abalados pela situação de traição, vendo-se Castanheira em situação de apaixonamento, ela ainda o alertou para o risco e para sua possível insensatez. Demonstrando todo o seu amor e entrega, clama por atenção por parte do marido frente à sua própria situação, ao passo que, semelhantemente, permite-lhe estar livre para tomar suas decisões. Uma observação: o entrevistado dedica-se a uma narração que de modo algum visa enaltecer a esposa ou dispensar-lhe elogios. O trecho refere-se a uma compilação de considerações do próprio Castanheira sobre sua esposa.

Perante essa reflexão, tão minuciosamente ponderada, o policial encontra a culpa: tão boa esposa, contra quem ele desferiu um golpe. Sim, autocrítica tende a exercer uma pressão sobre ele, razão de mover-se novamente para o desconforto, nesse instante, adversário do orgulho e admiração por ela. Também exacerba seu nível de cuidado, exercido diariamente até nas pequenas coisas, como as conversas rotineiras, em que se esforça para ser menos reativo e toma cuidado maior para não agredir a parceira. Destacar-se-á que portar-se dessa forma sempre foi de seu caráter, e que o ressaltado é do excesso que lhe irrita, porque lhe resulta difícil negar certos favores.

Para fins de fechamento desta síntese, mais uma visita à alcova dos tesouros da intimidade: a relação, com o tempo, proporcionou um aprendizado repleto de idiosincrasias. São vários âmbitos disponíveis para esse exame, dentre os quais alguns podem ser destacados.

Ao deslizar para o impasse relacional, Castanheira foi advertido pela mulher sobre seu engano. Ela se referia a um tipo de ilusão romântica que, perspicazmente ou não, notou, com base em no comportamento e nas manifestações do marido. Abrir-se para o convite e para a realidade sobre a qual falava a esposa é uma maneira de ampliar sua consciência de espaços, limites e de mundo. Ele não via o que ela sinalizava, mas, pela confiança, por um grau de receptividade e por tudo o que seu amor representava, se convenceu e se entregou ao convite

efetuado por ela. As oportunidades, nessa hora, se estenderam aos dois, devido à proposta de serem casal, por estarem juntos e haverem decidido abraçar o projeto, unidos.

Passaram tanto por aventuras quanto desventuras, e o sofrimento fez parte da trajetória. Em contrapartida, tiveram a chance de se conhecerem mais profundamente. O ponto é o reflexo da conexão consigo propiciada ante essa adversidade: não somente a nova percepção formativa de limites, mas, do mesmo modo, a composição e (re)formulação de crenças e valores, entre os quais a religião foi um deles. Por meio das discordâncias e das discussões, houve a reafirmação de si e o desenvolvimento de um sentido de vida, que está inclinado a ser compreendido como um processo profundo. Em suma, há um aprendizado prático e outro profundo que acontece tanto no âmbito da relação quanto no âmbito individual.

Ofertando sua gentileza ao comparecer e prestar seu depoimento, o entrevistado pode colocar a realidade na mesa, no que diz respeito aos relacionamentos amorosos conjugais duradouros. Uma realidade que, em sua crueza, transpassa sensações distintas e percepções variadas sobre a verdade presente nessas relações: uma verdade que brinca com arrastes e deslocamentos para diversas possibilidades.

CAPÍTULO 5

Ampliação do encontrado X redução fenomenológica: discussão dos resultados

5.1 Apresentação geral

A partir do encontro com os diversos entrevistados e especialmente pela análise dos depoimentos de Maria Rita, Polyanna e Castanheira, foi possível uma aproximação da experiência de amor conjugal duradouro. Apesar da complexidade com que as relações acontecem e da intrincada e nebulosa densidade com que se põe à mostra a experiência de relacionar-se, as complicações e labirintos são inegavelmente gratificantes quando ultrapassados. Alcançar a compreensão (ou uma compreensão) dessa natureza é tão importante por fomentar a multiplicação desse olhar quanto por ser a transposição de uma barreira implacável. A rigidez da maioria dos meios de investigação, brutalmente agressivos ao entendimento mais puro do investigado, contamina-o com o que não é – a operar com as próprias hipóteses direcionadoras de resultados, que se camuflam como instrumentos norteadores dos caminhos das pesquisas.

O cunho aberto das entrevistas favoreceu um trajeto sinuoso, para o qual foi dirigida atenção desfocada de detalhes que poderiam ser enganadores. No lugar disso, a inclinação para a escuta, transcrição e análise regeu a sinfonia de um aglomerado de sons e palavras para a sinalização de um conteúdo total, que tem por características fenomenais profundidade e obviedade. Perceber que o fenômeno é dinâmico, e não uma raiz firme e estática sob um solo fértil, é o remate para consubstanciar os achados de uma dinâmica. Assim, do mergulho superficial à profundidade se está envolto de fenômeno. De fato, transitar por profundezas diversas pode acrescentar sobre o vivido, mas todo o empreendimento só será válido mediante o total. Por exemplo, a analogia está menos para a pérola dentro da ostra que está no fundo do oceano e mais para a própria água, cujo exercício de ser envolve o submerso.

Ao ouvir pessoas em seus relatos, uma forte tendência natural investigativa busca averiguar e revelar um mistério, ao passo que, na fenomenologia, a energia é investida nas condições para que o próprio fenômeno se deixe exhibir. Esse é um movimento orientado e perfeitamente qualificado, ainda que exija maleabilidade e paciência no jogo de mostra que

provê. Das particularidades de cada um dos entrevistados, retiraram-se unidades de sentido, as quais já são categorias não estatísticas e não baseadas em incidências. Foram apontamentos a gerarem novos apontamentos, porém, dessa vez, mais específicos, que serviram para sugerir uma estrutura. Esta, por seu turno, é o alvo final – o fenômeno para o qual se dirigiu esforço de compreensão.

Então, após a análise das entrevistas, identificaram-se dois eixos fundamentais conectados à experiência de amor conjugal duradouro. Passa-se, a partir daqui, a abrir uma discussão destes eixos, tarefa que é um passo anterior ao estabelecimento da experiência-tipo. Destaca-se, contudo, a interdependência dos eixos, pois não é razoável falar de cisão e fragmentação das partes que, juntas, são estrutura, como mencionado. Para isso, optou-se por uma organização do texto em tópicos para facilitar o acompanhamento da sequência de construção.

Em primeiro lugar, estará o *amor desromantizado* a ser discutido a partir do vivido, que, como entendido por meio das entrevistas, é algo “desprovido de”. O desromantizado, no entanto, não dá conta de explicar o duradouro por completo, mas é um elemento capital, pois sem ele o duradouro não acontece. Em outras palavras, evidenciou-se que todo duradouro é desromantizado, o que não quer dizer que todo desromantizado é efetivamente duradouro.

Em segundo lugar, abrir-se-á uma discussão sobre o amor conjugal duradouro como *estruturante da pessoa* que o vive. Esse eixo contém duas partes principais a serem discutidas separadamente: a estruturação através da busca pela segurança e aquela através da busca pela verdade, as quais são vertentes bastante dissemelhantes, porém arranadoras do tópico que se produz por suas complementaridades.

Em seguida, será localizada a *abertura*, a ser tomada tanto em sua realidade pré-reflexiva, quanto como a redução máxima no âmbito subjetivo. O trânsito pelo objetivo e subjetivo demonstra as possibilidades de se contemplar e de interpelar o fenômeno em suas duas facetas e viabiliza um enriquecimento de toda a obra.

Em último lugar, está a síntese, trazida aqui como experiência-tipo dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros, a qual se articula aos objetivos do trabalho e deve responder às perguntas suscitadas ao longo da pesquisa.

Vale frisar que a jornada deste capítulo travará diálogo com outros autores, no intuito de que estes possam ajudar a demonstrar a experiência encontrada e ampliá-la, permitindo maior didática e requinte nos seus entremeios. Como o próprio nome já indica, uma discussão

envolve uma atividade de várias partes no sentido de acrescentar, e assim não poderia ser chamada se correspondesse a um levantamento ensimesmado.

5.2 A experiência do amor conjugal duradouro enquanto desprovida do romântico

Como assinalado a partir das experiências dos entrevistados, o caráter duradouro dos relacionamentos amorosos conjugais apresenta um aspecto singular, no que diz respeito ao encontrado. Os depoimentos foram sempre guiados por trilhas distintas, no entanto, o caminhar e a identificação do caminho com um entrevistado favoreceram um reconhecimento de terreno que de alguma forma se assemelhava ao trajeto percorrido com o outro, sendo que, por particularidades de cada um, encontrou-se uma especificidade comum a eles nesse circuito.

Uma observação que pode ser taxativa no que diz respeito à sua importância é o fato de as narrações sempre começarem ou fazerem girar o discurso no entorno de acontecimentos duros, sofridos, de obstáculos, desavenças, intrigas e incômodos que, de algum modo, aparentam ter sido ultrapassados, ou em que, pelo menos, há um investimento de esforços nesse rumo. Essa forma de resposta e direção a partir de uma pergunta com essência tão aberta é marca irrefutável dos relacionamentos ilustrados. Porém, não há que se compreender que essa problemática se encerra quando os entrevistados compartilham o momento do agora, em que houve algum tipo de superação. O que é captado é a dinâmica que ocorre mediante o atravessamento do tempo, repleto de adversidades impetuosas.

Colocado tal achado, a impressão que fica é que de que há uma carga pesada e concentrada nesses relacionamentos. Como poderia ser possível, então, a compatibilidade entre densidade e desprovemento de algo indicado anteriormente?

Ora, são incontestáveis o volume e a abundância de fatos, de vivências, emoções e eventos nesses relacionamentos, os quais resplandecem espontaneamente. Contudo, tal realidade indica um antagonismo ao movimento presente na história do amor e que se sustenta ainda hoje em pé de igualdade com o passado: como já discutido em capítulos anteriores, amor e romantismo nunca foram a mesma coisa, mas sempre apareceram unidos.

Pois o que se discute é, portanto, o *desprovido de romantismo*, apenas. Já que *amor* e *romantismo*, ou *amor-romântico*, são termos tão óbvios para se referir ao amor, observou-se que, nessa configuração de duradouro, eles se encontram escassos. Por mais plenos de

qualidades que sejam estas relações duradouras, há uma falta muito notada na experiência de durar, talvez justamente em virtude de o elemento faltoso ser, por natureza, buscado sempre quando se discute o próprio amor: o elemento romântico sempre esteve lá. Isso é outra comprovação da resistência de indissociabilidade entre ambos.

Mas a dissociação acontece e é objetiva nessas relações. Cabe expandir, por conseguinte, as explicações acerca do desromantizado como elemento de acontecimento do duradouro.

5.2.1 O desromantizado como acontecimento do duradouro

Em primeiro lugar, existe a necessidade de se entender a objetividade do fenômeno encontrado. O desromantizado é flagrado em seu lugar no duradouro assim como o próprio duradouro é percebido em uma relação conjugal amorosa, ou, antes, como o amor em si é percebido em um relacionamento conjugal. Os integrantes da relação se dão conta do que está por detrás dela no momento em que aquilo já é uma configuração. No apaixonamento, nota-se o mesmo. Isso significa dizer que o amor é reconhecido como tal no momento em que é amor, e não no processo de tornar-se. Igualmente, a tomada de consciência de que se está em uma relação duradoura sucede em um momento em que o duradouro já se encontra. Seguindo esse raciocínio, entende-se que o subjetivo se dá no campo objetivo em que algo acontece; algo que é anterior e pré-reflexivo.

Tal fato não toca unicamente o amor, a paixão ou o relacionamento conjugal duradouro, pois isso diz do âmbito mais essencial da busca por um fenômeno segundo critérios fenomenológicos. Ao propor uma análise fenomenológica, o trabalho assume sua tentativa de alcançar o que de objetivo existe além dos subjetivos. Seria muito contrário a essa lógica dar-se por encerrada uma investigação com uma redução máxima em âmbito subjetivo, algo definidor de uma análise psicológica. É isso que torna plausível compreender o objeto em questão enquanto acontecimento, e não apenas como uma decisão. O exemplo da paixão pode ser o corolário para compor a cena: a pessoa escolhe apaixonar-se ou percebe-se apaixonada? O acontecimento precede a decisão.

Tendo em vista a proposta antropológica de Husserl (1952/2006a) recolocada por Ales Bello (2004, 2006), pode-se compreender as diferenciações entre as dimensões do humano, dentre as quais a espiritual é compatível com o poder de decisão de permanência. Afinal de

contas, o espiritual corresponde a uma série de atos que “não pertencem à dimensão emotiva, mas são tomadas de posições conscientes (. . .) ativando uma função intelectual, não apenas perceptiva” (Ales Bello, 2004, p. 55). Ou seja, tais atos, neste caso, dizem da vontade, do sentido, do projeto. É claro que a ponderação e a reflexão estão envolvidas em qualquer relacionamento. Não é intenção subvalorizar as escolhas ou decisões enquanto fundamentais: este exercício apenas propõe o investimento no encontro com a objetividade presente. Quanto às essências, estas permitem transcender o que está para o nível subjetivo e encontrar o local em que ele acontece, em que ele se dá. Dito dessa maneira, as essências estão para além da estrutura da pessoa, pois se localizam em uma realidade em que a pessoa se situa.

Conclusivamente, ainda que se tenham escolhas e decisões a respeito de situações que permeiam a vida a dois, há um mundo que precede estas decisões e que esculpe uma realidade, apontando espaços que subjazem às decisões. Aqui repousa condensado e consistente o desromantizado, sendo um acontecimento que está para os relacionamentos amorosos conjugais duradouros quando se opera um exame sobre eles.

5.2.2 O desromantizado como indeterminação e incerteza

Além do registro espiritual do homem, citado anteriormente, a psique seria a segunda dimensão da alma, cujas características principais se voltam ao emocional e ao afetivo. Nesse âmbito, estamos sujeitos a reações que não comandamos, isto é, manifestamos respostas emocionais sobre as quais não temos escolhas. O espírito, como já apresentado, seria a dimensão responsável por realizar decisões a partir das reações experimentadas, atuando a posteriori, pois se sabe que a natureza da psique não permite controle. Espírito e psique (componentes da alma), juntamente com o corpo, compõem uma noção tripartida da pessoa (Ales Bello, 2004, 2006).¹⁷

Diante dessa inferência, cria-se uma noção aberta do ser humano e de seus relacionamentos, assim como da forma inusitada como estes acontecem ou podem acontecer. Albertoni (2011) afirma que “basta estar em contato para que as pessoas sofram influências diretas em seus campos experienciais” (p. 89), enquanto Barceló (2008) levanta indagações

¹⁷ A palavra a ser utilizada para retratar o ser humano tem sido *pessoa* por corresponder efetivamente a uma noção que abraça propriedades mais precisas e satisfatórias para entendê-lo, assim como posto neste parágrafo e no tópico anterior. Bem entendido, a pessoa é esse ser de três dimensões – espírito, psique e corpo. Vale advertir que a palavra *espírito* em nada se relaciona com religiosidade ou “entidade superior”.

sobre novos modelos de conhecimento para se compreenderem as relações interpessoais em seus potenciais de afetação, seus aspectos profundos e incertos. Normalmente, a tentativa convencional da literatura de resolução de conflitos, da mediação de relações humanas e de grupos, ou até mesmo da psicoterapia, se baseia em paradigmas causais, como se fossem padrões regulares de interação. O autor convida a meditar sobre a questão:

Caberia refletirmos, a partir deste paradigma, se na realidade tem sentido buscar alguma interpretação causal na evolução de nossas relações interpessoais, como se se tratasse de uma sequência linear que tem suas fases e sua explicação na base de comportamentos individuais ou se, pelo contrário, nos convém estar abertos a novas concepções. (Barceló, 2008, p. 28, trad. nossa)¹⁸

Toda relação está imersa em um grau de imprevisibilidade, incerteza e indeterminação. Os relacionamentos amorosos conjugais duradouros são banhados por torrentes de eventos e acontecimentos inesperados, sendo, portanto, impossíveis de etiquetarem-se incólumes de influências diretas, ou principalmente daquelas que são efetivamente problemas. O real incide, balança e abala. Assim acontece naturalmente.

Tomar os relacionamentos enquanto enquadres na ilusão do controle parece ser contrário ao duradouro. Na ciência de que há uma espontaneidade de afetações corriqueiras e de que as paixões no âmbito da psique são incontroláveis, assim como são os eventos ordinários pertencentes à esfera do cotidiano e do real, se reconhece que os relacionamentos amorosos conjugais duradouros não são providos de garantias tranquilizadoras e não são exuberantes em sua beleza estética, afinal, o imprevisível é irremediavelmente imprevisível: ele traz o que é para ser trazido, transando entre bom e ruim, sem parcialidades. Exatamente por essa razão, escala-se o potencial de duradouro pela disponibilidade de aprofundamento na indeterminação e incerteza com o outro.

No caso da primeira entrevistada, o relato provoca a impressão de um funcionamento preservador de uma estabilidade e gera um palpite de que a relação está se regando do controle contra qualquer tipo de intercorrência. A análise do trecho irá revelar, contudo, que Maria Rita e seu Emanuel agem com naturalidade e espontaneidade em seus momentos de discórdia e intrigas, que não enunciam vigilância ou monitoramento de seus passos. Ao invés

¹⁸ “Cabría plantearnos, desde este paradigma, si en realidad tiene sentido buscar alguna interpretación causal en la evolución de nuestras relaciones interpersonales, como si se tratara de una secuencia lineal que tiene sus fases y su explicación en base a comportamientos individuales o si, por el contrario, nos conviene estar abiertos a nuevas concepciones.” (Barceló, 2008, p. 28)

disso, o convívio, em sua sabedoria, produziu um movimento interacional leve no desempenho da conjugalidade.

A referida observação pretende resguardar erros de interpretação que se precipitam ao julgamento por conteúdo e não por uma compreensão verdadeiramente fenomenológica. O tempo é transformador inevitável, e aquele que luta pelo controle se defende do medo da mudança. Quanto à entrevistada, o mais evidente é sua aceitação quanto à intransigência dessas vicissitudes, que soam tão fluidas em sua narrativa como os câmbios da sombra diante do deslocamento do sol. Mesmo assim, a experiência é desromantizada. A palavra “difícil” é presente no depoimento desde o início, e o percurso contém conteúdo compatível com essa dificuldade, bastante ressaltada. O que está sendo tematizado não é o quanto parece ser interessante ou bela a sua atitude diante da relação, mas que a zona em que esta acontece é árida por sua escassez de elementos aprazíveis e que, por ventura, porta desprazeres e descontentamentos.

Bauman (2004), declara que “todos nós sempre tentamos estabelecer os antecedentes, apresentar o princípio, construir algo que ‘faça sentido’, pois precisamos desse sucesso para estabelecer um conforto espiritual provindo da regularidade do mundo e da previsibilidade dos eventos, indispensável para nossa saúde mental”. (p. 18). O pressuposto é que a imprevisibilidade gera desconforto e angústia, logo, a tentativa de encontrar a origem deveria auxiliar o aconchego. Não é propósito perseguir uma lógica de causalidade, ao passo que seria ingênuo dedicar-se a fazê-lo. Por isso, o duradouro é *acausal* e, diga-se de passagem, atemporal, na medida em que não há uma causa específica para que ele resulte, tampouco um tempo preciso em que incida: por isso esbarra no desromantizado. Seria muito reconfortante saber de onde vem e quando vem, mas não se pode sabe-lo.

Decerto, seria igualmente mais fácil e definitivamente mais romântico se a postulação do “para sempre” destapassem um dado verídico de realidade ou que simplesmente estivesse submetida às decisões de permanência. Mas não é assim que acontece. O próprio Bauman (2004) irá salientar que “a definição romântica do amor como ‘até que a morte nos separe’ está decididamente fora de moda”. (p. 19). O duradouro tem a ver com a tolerância a uma instabilidade, que, nesse caso, desabrocha conforme a ordem do dia. Os entrevistados demonstram como é prosaico e habitual ter a relação conduzida por curvas às vezes oblíquas, que prontamente deslocam a relação para direções malquistas e destituem o lugar de tranquilidade, exigindo adaptabilidade e resiliência extraordinárias.

Bem como a imprevisibilidade do real e em grau e medida equivalente, a flutuação e inconstância afugentam o controle. Do aprendizado nessa atmosfera se colhe o postulado de que, em um ambiente instável, fixar hábitos é uma medida contraproducente (Bauman, 2004). Isso é explicado quando se parte do pressuposto de que o “jogo de cintura” e a maleabilidade são básicos enquanto instrumentos de permanência. Há que se aprender com a convivência que picos e vales regulam a interação conjugal duradoura, assim como as ondas positivas e negativas em um eletrocardiograma atestam a naturalidade do funcionamento de um coração saudável.

Bauman (2004) se permite considerar os relacionamentos como dores de cabeça, e não como remédios. Em tom pesado, ele busca refletir o trabalho a ser realizado na construção cotidiana, e não na palpabilidade de um acalento prático. Esse é um âmbito desromantizado que, em detrimento de uma proteção regular e garantida, posiciona as pessoas em contato com suas variações e oscilações, as quais repercutem no relacionamento, que passa a funcionar da mesma forma. Sendo assim, não há como ser tão sereno quanto ao deitar-se ante a lareira em dia frio ou à beira da água em dia de sol. Talvez seja um ideal buscado, porém não é uma busca ideal porque, no final das contas, a realidade descortinará o oposto.

Dadas a incerteza e a indeterminação do amor, de uma forma geral, encontra-se a ausência de receitas e de fórmulas para a sua durabilidade. Outro golpe. Se a ideia ou o desejo era decorar o futuro mediante o sentimento presente, o abismo que está entre o agora e o depois imprime a realidade da conjugalidade: é impossível preparar o conto de fadas feliz dos anos consequentes, indefinidos e à mercê de variáveis e fatores indomesticados.

Em suma, os eventos sobre os quais não temos controle e entre os quais as paixões da psique se incluem guiam um movimento que promete fricção e desacordo que podem ser temporários, entretanto são presentes. Para tal, paciência e dedicação devem ser projeto de vida se há o interesse de prosseguimento, que demanda suportar o indeterminado e o incerto e, acima de tudo, vivê-los. Pode não ser romântico, mas é assim que o duradouro forra o seu chão.

5.2.3 O desromantizado como desidealizado e medíocre

A vida a dois está sendo apresentada de modo cru, por meio da experiência de vivê-la. O duradouro se desromantiza por sua indeterminação e incerteza, mas ao mesmo tempo há

outras questões a serem consideradas. O amor conjugal duradouro também é desromantizado por ser desidealizado e medíocre.

O exemplo de uma situação de apaixonamento realça elementos mais importantes para se clarearem os aspectos intrínsecos ao duradouro desromantizado. A paixão ostenta um elo muito forte com a idealização, em um de seus lados. Nela, a transferência de valores afetivos é enorme, assim como é a projeção imaginativa do destino com o objeto para o qual se dirige toda a energia de vida. Eis que a fantasia se torna infalivelmente presente, pois há o desejo máximo de realização. Para tanto, haverá esforços desmedidos no desenho de um projeto ideal, que é inegavelmente o oposto do real, especialmente pelo fato de que este ainda não é conhecido com abrangência.

Portanto, a paixão, enquanto fantasia e idealização é o que se deseja mostrar ausente nos relacionamentos de amor conjugal duradouro. Quanto mais incide o tempo, menos capricho imaginativo de irrealidades e mais doses de verdades. Isso é uma rasteira no desejo de perfeição incitado pela idealização – uma desromantização que assola as partes. Não há como arranjar a duração. Aquele(a) com quem dura o relacionamento não é apenas alguém que reúne características favoráveis à uma decisão de união, mas aquele(a) com quem o acontecimento a possibilitou.

De acordo com a contribuição de Rogers (1976, 2001), pode-se inferir que a fantasia de uma relação sem conflito está fora de parâmetros reais e assim fadada ao fracasso. Contudo, não descarta a qualidade de mutabilidade das relações,¹⁹ as quais exigem um enorme trabalho e malabarismo para serem mantidas. Ao se assumir o real com mais autenticidade, está-se oferecendo a opção de permanência do outro e da sua própria, por estar diante de uma possibilidade de atualização. Interessantemente, Guardini (2002) chama de encontro o momento em que duas realidades se chocam uma com a outra. Acontece mediante a liberdade estabelecida e confiada pela iniciativa de abraçar ou recusar cada coisa, a partir de um *posicionamento*. A desromantização do encontro também é fundamental.

Elimina-se qualquer hipótese de um local determinado para o qual a relação se dirige. Quando absorto na idealização, parece que sempre se deve ir a um ponto inalcançável: basta breve atenção à frase “não deu certo” para compreender a ingratidão que figura em situações de ruptura. Enquanto dinâmica e processo, a pergunta mais óbvia seria: “aonde se queria

¹⁹ Quanto a estas relações, o autor se debruça muito sobre a modalidade do casamento, porém deixa claro que sua exposição se refere também a um campo mais aberto e menos específico.

chegar para que desse certo?” E, por acaso, não haveria surpresa em constatar o retorno ao “para sempre” – a velha emboscada da idealização.

Faz-se pertinente, enfim, apontar a desidealização de um amor desromantizado porque se consuma um talho para cindir o elemento romanesco,²⁰ que estimula uma inclinação idealística de projeção do amante sobre o amado. Embora a visão assim se mostre, não tem como intenção sugerir desesperança no amor e nos relacionamentos, cujos atrativos, prazeres e realizações são claros. Porém, desperta a crítica e o olhar para o real da relação, que é alheio à opulência arrogante do lirismo.

Com ou sem rodeios, a centralidade das narrativas se volta para uma simplicidade e uma mediocridade corriqueiras, em que não se pleiteia ou brota um feitiço realizador eterno. Polyanna, a segunda entrevistada, até expõe como foi apresentada inicialmente em sua relação pelo “pó do encantamento”, cujo propósito era sinalizar-lhe seu destino com a parceira. Plausível e indubitável, até porque a experiência é uma realidade a trazer consigo uma verdade, mas há de se convir que a “polinização” não foi suficiente para garantir a fecundidade da permanência do encanto, já que ambas passaram por graves dilemas e sofrimentos.

A doçura de uma relação ocorre por razão da curta duração, quando há o entendimento de que os esforços e as energias não são obrigatórios para a manutenção. O sabor, então, é apreciado em uma falsa condição de leveza, que privilegia instantaneidade e disponibilidade com vistas a um consumo de prazer (Bauman, 2004, 2008). Além das “relações de bolso” (como já caracterizadas anteriormente), no caso da paixão,²¹ é aceitável o mesmo entendimento, pois ela possui “episódios intensos, curtos e impactantes, desencadeados pela consciência a priori de sua própria fragilidade e curta duração”. (Bauman, 2004, p. 19). Conclui-se que em ambas se está descrevendo exatamente o oposto de relação duradoura.

De tudo isso se empossa o desromântico em sua pompa, para fazer valer o que a relação é, ou o que vai ser. Se por algum momento pode trazer aversão com sua presença, ele é antagonicamente aquele que defere a durabilidade, pois permanece a relação que o suporta e que com ele dialoga. Os depoimentos trazem as marcas de sofrimentos que parecem fazer parte da longevidade. Frankl (1977/2015) declara que o núcleo da discussão não deve estar no

²⁰ Para o qual se pode arriscar o rótulo de *tradicional* ou *alienante*.

²¹ A palavra discutida pelo autor é “amor”, mas, mediante inferência, é razoável colocá-la, no trecho, como “paixão”, por possuir propriedades destoantes de outra espécie de amor que é também trabalhada no mesmo capítulo, intitulado, inclusive, como “Apaixonar-se e desapaixonar-se”.

sofrimento em si ou no prazer, mas no posicionamento frente a ele(s) e, embora afirme repetidas vezes que há produções de sentido que podem ser feitas sem sofrimento, em algum trecho de suas ponderações, deixa dúvida quanto à probabilidade de que ele seja evitado.²²

A conjugalidade pode passar por ritos luxuriantes ou cerimônias solenes, por ostentações suntuosas ou pelo avassalamento designado pela paixão. No entanto, a posteriori não se prestará tanto a juramentos e se estabelecerá em convívio modesto. Tal forma de realização visa ao compartilhar, e ele se dilui nas pequenas causas e coisas da costumeira rotina. É definitivamente desromantizado porque sai de um plano especialíssimo para se tornar, de um modo, igual aos outros, medíocre.

5.3 A experiência do amor conjugal duradouro enquanto estruturante da pessoa

Como se já não bastassem todas as ambiguidades presentes na vida, o amor conjugal duradouro também se presta a uma delas. Diante do exposto sobre uma mutabilidade e inconstância imanentes à sua natureza, também se posiciona em paralelo uma solidez que deve marcar uma qualidade estruturante conferida a essas relações. A compreensão não é difícil.

Uma vez que as pessoas se transformam e são transformadas em uma relação, tanto pelo exercício do convívio quanto pela doação inerente que resulta da renúncia a hábitos, preferências e/ou a características por vezes mais profundas, o escape das flutuações e da volubilidade não é provável. Além do mais, o tempo em si é um responsável autêntico por modificações que acontecem na esfera individual e no relacionamento a dois. Esse é um lado.

Em relação ao outro, aparentemente inverso, os pormenores explicam o sentido e a viabilidade de sua coexistência, dentro do contexto da experiência dos entrevistados. Ainda que em constantes transformações pelo puro e simples contato duradouro com a alteridade conjugal, tomam suas próprias relações não como um terreno baldio encoberto, de onde qualquer criatura entocada pode surgir para surpreender violenta ou dramaticamente. Essas pessoas, representantes de uma totalidade, o casal, protagonizam narrativas nas quais se observa uma confiança no outro assumida de maneira definitiva, ou uma presunção da

²² “O sentido é possível mesmo a despeito do sofrimento – desde que, naturalmente, o sofrimento seja inevitável. Se ele *fosse* evitável, no entanto, a coisa significativa a fazer seria eliminar sua causa, fosse ela psicológica, biológica ou política”. (Frankl, 2015, p. 138). A palavra grifada pelo próprio autor cria o problema: “se ele *fosse*” é porque não é?

presença inquestionável do outro como solo firme. O cônjuge é aquele que ali está e estará, para o que se precise e para viver o que for necessário.

Tal presunção possui uma trama complexa, mas inicialmente a consideração primária é seu traço estruturante, que contribui para uma efetiva organização de si, da vida emocional, intelectual e de seus projetos. E, sobre tal traço estruturante, se lhe observou como indicando dois caminhos possíveis: o que acontece mediante a busca pela segurança e aquele que vem da busca pela verdade.

5.3.1 A segurança como elemento estruturante

Seria injusto ter transitado por reflexões pós-modernas retratando o líquido, o efêmero, a ruptura da tradição e as tendências individualistas na sociedade contemporânea e não resgatá-las após a constatação dos resultados da investigação. Seria incompleto não confrontar tais posições com o encontrado quando o duradouro passa a revelar a estrutura de uma experiência que se organiza visando à realização da segurança e do conforto, palavras que são mediadoras de uma ideia de solidez.

Como já apresentado anteriormente, a concepção pós-moderna entende uma atuação social hedonista, resultado de uma contraposição entre medo e desejo de relacionar-se intimamente que, como forças atuantes, pressionam a pessoa ao comportamento pseudoíntimo. A exposição obrigatória e acelerada é impreterível e forçosa, colocando, como exemplo, o contato no patamar do sexo com despojamento insólito que conduz ao vulgar e banal, ao mesmo tempo que a evasão é tão apressada quanto pudica. São comportamentos controversos, mas representantes da realidade líquida pós-moderna (Bauman, 2004, 2007, 2008).

Em uma comparação entre desejo e amor, o autor supracitado nos explica uma diferença básica quando cita o desejo como vontade de aniquilação do objeto, expressando-se como ímpeto de consumir, absorver, devorar e digerir e buscando reduzir a separação que existe entre si mesmo e a alteridade – um desempoderamento dela. Em contrapartida, o amor está para a vontade de cuidar, de preservar, de manter (Bauman, 2004). Pode também se relacionar ao impulso de absorção como que em referência a um matiz antropofágico, mas no sentido de assimilação do objeto, e não de destruição. Isso definitivamente problematiza a possessividade, à qual o autor responde como um recurso para atenuar a solidão e a

fragilidade inerentes à existência. Em suma e em linhas gerais, o amor se dirige à durabilidade em si.

Em prosseguimento a essa ponderação, detectou-se o relacionamento como o velho e popularmente conhecido “porto seguro”. A vida amorosa conjugal se faz um espaço de convivência em que o outro é aquele que permite a segurança e o conforto necessários a um jeito de estar e se encontrar no mundo que viabilize a construção de sentido. Bauman (2004) diz que:

Se você investe numa relação, o lucro esperado é, em primeiro lugar e acima de tudo, a segurança – em muitos sentidos: a proximidade da mão amiga quando você mais precisa dela, o socorro na aflição, a companhia na solidão, o apoio para sair de uma dificuldade, o consolo na derrota e o aplauso na vitória; e também a gratificação que nos toma imediatamente quando nos livramos de uma necessidade. (pp. 28-29)

Salvo a parte em que Bauman eleva a importância da segurança como “acima de tudo”, suas palavras parecem abranger uma verdade tangível da conjugalidade. Ele não está afirmando, entretanto, que as pessoas se sentirão mais seguras, mas sim que tal segurança parece ser um objetivo primário quando se busca a união com um outro. Saint-Arnaud (1984) atesta a conjugalidade como forma de realização da necessidade estruturante no domínio afetivo, todavia diferenciando-a da necessidade fundamental e inata de amar e ser amado, pelo fato de a primeira sofrer influências socioculturais e ser meramente uma modalidade de manifestação dela.

O duradouro é o elemento que deverá ir proporcional e gradualmente conferindo e consubstanciando a qualidade da segurança, visto ser sedimento de solidez. No caso de Maria Rita, ela expressou a qualidade dessa segurança em seu relacionamento com Seu Emanuel e não apenas o objetivo precedente de encontrá-la. Se, em alguns casos, a pessoa pode manter-se tão insegura em relação quanto sozinha, a senhora deu subsídios para se identificarem os casos em que o objetivo de realizar uma segurança se cumpre efetivamente.

Ela mostrou como a longevidade com Seu Emanuel é aprumada e resistente. A experiência de superação, em seu caso, não força alívio quando considera o que ficou para trás. O alívio já é dado como natural no discurso, pois a questão não envolve ultrapassar obstáculos, mas sim beber do extrato de uma convicção permanente: ele está ali para passar o necessário com ela. A presença do marido já é suficiente para estruturá-la e para permitir que encare o porvir de maneira resiliente. Sem descartar o desromantizado dessa análise, contudo,

o depoimento indicará o acerto de Bauman (2004) ao dizer sobre a exigência de sacrifícios diários.

Posto isso, a segurança é a solidez que, fugidia nos dias atuais, remonta às características da sociedade moderna e de seus integrantes. Querer segurança é buscar por certeza, experiência que se destina a garantir uma estadia menos conturbada, menos desesperançosa, menos desesperadora e menos sofrida no mundo. Saint-Arnaud (1984) coloca que “a incapacidade de enfrentar o absurdo aparente da vida, por exemplo, pode impedir uma pessoa de se atualizar, mesmo que esta pessoa produza, ame e sinta-se amada”. (p. 38).

Decerto, no âmbito das relações não pode ser diferente. Se uma das dimensões do próprio humano é desconhecida e prevê acontecimentos internos impassíveis de escolha, a situação é definitivamente complicada. Se, além disso, a realidade projeta eventualidades imprevisíveis, então a situação se torna desestruturante. Assim, o relacionamento amoroso conjugal duradouro é um vislumbre da possibilidade de estruturação que opera pela segurança, um de seus alicerces.

5.3.2 A busca pela verdade como elemento estruturante

Bauman (2004) prossegue sendo útil para clarear aspectos referentes à estrutura da experiência de relacionamento amoroso conjugal duradouro. Em declarações menos ou mais certeiras, ele oferece reflexões razoáveis e oportunas. Em termos de experiência estruturante e tendo como um de seus alicerces a busca pela verdade, valem muito as considerações tecidas a respeito de sua visão de amor e paixão. Ele não rejeita a conexão existente entre o sentimento dirigido ao objeto de amor e o sentimento dirigido a si mesmo quando salienta que:

Por vezes é difícil separar a adoração do amado da autoadoração. (. . .) Uma parte do meu singular valor foi repassada para a pessoa que *eu* (lembrem-se: *eu*, a minha pessoa, exercendo a minha vontade e o meu arbítrio soberanos) escolhi (. . .) No brilho ofuscante da pessoa escolhida, minha própria incandescência encontra seu reflexo resplandecente”. (p. 33)

Dessa observação toma-se a noção introdutória da relação como sendo um modo de lidar consigo e de conhecer-se a si mesmo, quando se subentende que a busca pelo outro é igualmente uma busca por si. Não obstante, esse empreendimento abraça pontos

multidimensionais terminantemente numerosos e impraticáveis de serem analisados um a um. De todas as maneiras, há que se pôr atenção a algumas asserções.

Algo demasiado importante é a contínua transformação sofrida por cada pessoa em seu contato com outras pessoas que lhe afetam e são afetadas por ela (Barceló, 2008). Se o que cada um é tem a ver com as relações que estabelece e das quais participa, há que se imaginar o grau de mudança proporcionado e que efetivamente acontece em um regime amoroso conjugal – sobretudo no duradouro. O processo é um fluxo, e os instantes exibem novas nuances, novas perspectivas, novas configurações e novos sentidos. Frankl (1977/2015) chama atenção para o fato de que encontrar alguém no amor já é, em si, uma forma de produzir sentido na vida. Com efeito, desse encontro, que produz novos sentidos, emergem novas pessoas.

Essa dinâmica acontece permeada por adversidades, e as presenças se confrontam a todo tempo, produzindo estímulos para retroalimentar esse funcionamento não estático que fecha o ciclo cinético. Castanheira pôde ilustrar uma série desses eventos, iniciando pelo assunto de seu novo momento de vida, quando tem permanecido mais tempo em casa. Tal situação simbolizou um corte no modelo de cotidiano outrora estabelecido em sua conjugalidade e, enquanto acontecimento, obrigou marido e esposa a reorganizarem sua interação, planos, afetos, responsabilidades. A relação precisou ser redescoberta e ressignificada.

Polyanna enfrentou um dilema a partir de um contato transcendente com o religioso por parte da companheira, cujo impacto obrigaria as duas a repensarem a relação. Um momento dramático que implicou o confronto com o real e a expressão de suas experiências uma para a outra. Desnecessário dizer do sofrimento imbuído no acontecimento, dentro do qual uma propulsão potencializou a interação e a relação, como a própria entrevistada evidenciou.

Esse apontamento considera, portanto, que as crises não estão contra as relações, mas que, ao contrário, podem ser efetivamente uma grande oportunidade de construção. Essa perspectiva sobre os relacionamentos conjugais está em concordância com Giddens (1993) quando este assinala que o amor só se desenvolve até o ponto em que se desenvolve uma intimidade, isto é, até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro.

No que concerne à busca pelo conhecimento de si, do outro e do mundo em um projeto conjugal, os dois entrevistados mencionados mostram como há uma magnitude na dimensão da comunicação, o que ressalta a importância de se discutir o seu papel nas relações duradouras. Rogers e Kinget (1977) destacam o processo de uma relação que melhora quando há uma sintonia entre a experiência de alguém, a representação consciente desta experiência e a comunicação dela para a outra pessoa. Dito de forma diferente, há uma importância na boa comunicação do que se sente e vive para o cônjuge no sentido de colocá-lo diante do real da relação e como forma de estabelecimento de uma união autêntica e promissora (Rogers, 1976, 2001).

De acordo com os autores supracitados, o maior problema acontece na expressão desconectada da experiência ou na falta de expressividade dela. Há consequências desastrosas para ambas as situações, como a adequação forçada, em que ambos, por desconhecerem a realidade do outro, passam a funcionar tentando atender demandas irreais por suporem o que acontece e, além disso, buscam ser o que acham que gostaria que fossem. Seguindo o mesmo ponto de vista, Barceló (2008) resume a ideia quando diz que o problema principal está na percepção de uma pessoa sobre a outra, que envolve diretamente a forma de expressão e *feedback*. Bauman (2004) acrescenta complicações quando prevê desgaste de um tentando mudar o outro. É, pois, confluente com tais hipóteses, reassegurando que é muito comum que os fracassos relacionais sejam representações de fracassos na comunicação.

A empatia é definida como a “percepção correta do ponto de referência de outra pessoa com as nuances subjetivas e os valores pessoais que lhe são inerentes. Perceber de forma empática é perceber o mundo subjetivo do outro ‘como se’ fôssemos essa pessoa”. (Rogers & Kinget, 1977, p. 179). Em termos gerais, empatia associa-se a “sentir-se no lugar de”, mas há uma diversidade de definições que dificulta sobremaneira, principalmente entre as postulações científicas e a linguagem popular (Albertoni, 2013). No entanto, a empatia aparece como ferramenta crucial ao desenvolvimento da pessoa e similarmente ao processo de uma relação que melhora. Através da abertura e dos esforços para se compreender o outro é que alguém se abre também para se expressar de modo assertivo. Quando acontece um esforço de adaptação violenta para atender as necessidades do outro ou quando há uma idealização deste, colocado em posição fantasiosa ou incompatível com o real, as partes do casal se tornam menos sensíveis, mais fechadas e menos empáticas. Isso corrobora um novo

ciclo que, como se verifica, tende a distanciar os integrantes da relação (Rogers & Kinget, 1977).

Em alternativa à dificuldade do forte contato conjugal exposto no depoimento dos entrevistados, o ganho é justamente a verdade, pois o processo de investimento na escuta e na compreensão do outro, assim como na expressão da experiência que se sucede a partir dessa interação, patrocina algo precioso: a aproximação das próprias necessidades, das demandas, vontades e desejos, que, em negociação, podem estar a serviço da realização de um engrandecedor projeto a dois.

Frankl (1977/2015), ao declarar que o amor é a única força capaz de permitir a apreensão da intimidade da personalidade de alguém ou de contemplar a pessoa em sua singularidade, denota sua concepção dos relacionamentos amorosos como fontes de conhecimento da verdade e, invariavelmente, estruturantes da pessoa.²³ De forma detalhada, ele explica:

Por seu amor a pessoa se torna capaz de ver os traços característicos e as feições essenciais do seu amado; mais ainda, ela vê o que está potencialmente contido nele, aquilo que ainda não está, mas deveria ser realizado. Além disso, através do seu amor a pessoa que ama capacita a pessoa amada a realizar essas potencialidades. Conscientizando-a do que ela poder ser e do que deveria vir a ser, aquele que ama faz com que essas potencialidades venham a se realizar. (Frankl, 2015, p. 136)

Por meio da passagem, constata-se que referida fonte de conhecimento da verdade tem via de mão dupla, expandindo-se para um jogo de contribuições realizadoras, das quais o futuro soa incontroversamente promissor. Não fosse o equilíbrio atingido mediante a rota executada pelo primeiro eixo de análise, um negrume de estranheza poderia suspeitar de uma deliberação romanesca-ingênua do autor. O curioso é fazer lembrar que o próprio Frankl criou sua teoria na crueza do desromantizado.²⁴

Uma relação duradoura é, como já visto, algo que exige produção e trabalho porque íntima desdobramentos para se manter no tempo. Por certo, são estes desdobramentos que sinalizam uma busca de conhecimento constante, em razão de serem as circunstâncias pelas quais se empenha em transcender as barreiras que acometem a vida a dois e que são, grande parte das vezes, sofrimento. Frankl (1977/2015) ensina como essa transcendência está

²³ Peter (2005), em sua leitura de Frankl, diz que “consciência e amor são, de fato, personalizantes”. (p. 67).

²⁴ Viktor Frankl propôs-se a investigar a fidelidade ao sentido da existência a partir de sua própria história como prisioneiro em um campo de concentração nazista.

diretamente ligada a um sacrifício a ser realizado pela produção de sentido, que destitui o sofrimento de seu posto no instante em que nasce. Sacrificar-se é parte da sua elaboração, sendo esse sentido elemento para o qual o ser humano está orientado e do qual extrai sua própria significação de ser. A estruturação de si advém desse processo, do questionamento acerca dos posicionamentos a ganharem lugar. Giussani (2009) acredita ser uma atitude não razoável, todavia, a evasão estética e sentimental, quando, sem compromisso nenhum com a realidade, alguém transforma a necessidade de sentido da vida e a indagação existencial em um espetáculo de beleza, reduzindo-as a formas estéticas.

Nas histórias ouvidas, não houve senão superação de crises que arremeteram as relações, cujo impacto sofrido só pode ser atenuado e ultrapassado pelo sacrifício implicado, que, por sua vez, é o próprio sentido atribuído para consagrar a superação. Frankl (1977/2015) irá dizer que é uma mudança de atitude frente ao futuro inalterável.

Assim, o sofrimento (ou, diga-se de passagem, o desromantizado), é visto como engrandecedor e não apenas como degradante, se a ele é conferido significado, resultando em uma produção que se dirige rumo a uma verdade sobre si, sobre o outro e sobre o mundo. Pois, de tal motivo advém o qualificativo de estruturante, já que funda um olhar que está para além dos fatos, mas exprime um posicionamento íntegro.

5.4 A experiência de relacionamento amoroso conjugal duradouro enquanto abertura

Pensar na estrutura do relacionamento amoroso conjugal duradouro como contendo o desromantizado e ao mesmo tempo o estruturante faz rebentar uma surpresa interessante. Haja vista uma intuição de comporem-se traços distintos, conserva-se uma interrogação sobre um movimento entre eles. Daí que a abertura orienta os dois segmentos, imprimindo um ritmo na ordem dos acontecimentos.

Nas análises das entrevistas, esbarrou-se todo o tempo no ativismo da abertura. Não que o esplendor de sua presença remetesse diretamente à figuração de sua concretude, pois não foi assim tão vaidosa para se pôr a uma mostra indecorosa. Avistou-se sua delicadeza pelas frestas das narrativas enquanto um apontamento, como já esperado. Posteriormente, as sínteses exibiram-na já claramente por abordarem indicações relativas ao encontrado e que se destacariam nesta discussão.

A abertura enseja os potenciais que o durar exige: é apenas mediante sua ingerência que se converte possível a experiência das adversidades que envolvem extremos e convidam a experimentações contrastantes: prazer e desprazer, alegria e sofrimento, altos e baixos, no inconstante leva e traz que a dinâmica pendular da vida incute. Ela pode ser vista como o ponto de referência que mais levanta suspeita sobre a estabilidade – assim foi apreendida.

Brincando com os contornos que lhe dão silhueta, almeja-se ampliar os horizontes para os quais se dirige, e, sendo assim, o estudo se prestará a um ensaio simplório sobre essa atuação dual, ou melhor, os ângulos a partir dos quais se consegue debater a abertura enquanto fenômeno.

5.4.1 Abertura como decisão de permanência

Rogers (2001) é muito ousado quando diz que acredita ser o relacionamento duradouro um desejo universal. Obviamente, sua fala direciona um olhar sobre a experiência de intimidade específica a que esse relacionamento convoca. Do campo de uma psicologia perceptual, como localiza Saint-Arnaud (1984), há um primado da subjetividade pelo qual se caminha na direção do entendimento da pessoa humana. Isso não escapole de um prisma fenomenológico em que se lida com a realidade enquanto percebida por alguém. Tomando neste momento o referencial subjetivo, rema-se para a área das decisões que também definem a permanência em relacionamentos amorosos conjugais duradouros.

Para Rogers e Kinget (1977), em certa “lei das relações interpessoais”, que verdadeiramente se expressa enquanto uma lei de relações funcionais, o primeiro passo a ser executado em uma união em vias de durar é o desejo mútuo de contato e engajamento no processo de comunicação assertiva, exposto previamente. Esta, em sua ação, favorece uma percepção mais apurada sobre si e sobre o outro. Ou seja, o início já solicita uma abertura cabal ao contato e à comunicação. Barceló (2008) contribuirá com a reflexão sobre as afetações que esse primeiro momento inevitavelmente trará, de modo que aquele que não se dispõe a enfrentá-las não pode alcançar a longevidade.

Esse jogo a dois está imergindo os participantes no mar da alteridade, impelindo as presenças à construção de limites e as arestas ao delineamento dos espaços privados e comuns. Essa tarefa é o desafio ao conhecimento de si, do outro e do mundo, quando coroa transformações contínuas e sucessivas e requisita novos olhares para as novas autopercepções,

assim como para aquelas que se voltam para fora. Tal qual acontece no pré-contato e nos momentos incipientes da relação, a abertura ainda é crítica no seu sentido de valor e necessidade.

Com efeito, a abertura continua primordial no tocante ao prosseguimento. Se as mudanças já aconteceram é porque os sentidos estão sendo produzidos. Aliás, encontrar sentido é abrir-se, e produzi-lo é abrir-se ainda mais. Quando se forma uma unidade, o casal, há conciliações a serem realizadas e dentro das quais a renúncia e o sacrifício são meios emblemáticos de receptividade e aceitação. Peter (2005) alerta que não deve haver qualquer sinal de espanto ao se falar de “decisão de amor”, simplesmente pelo fato de que é possível. Aqui entra a dimensão espiritual já referida algumas vezes, que irá ponderar e administrar a tensão dos valores. A decisão é então um ato não instintivo e voltado ao sentido. Bauman (2004) não deixou de fora seu comentário sobre a implicação subjetiva na esfera do duradouro:

A menos que a escolha seja reafirmada diariamente e novas ações continuem a ser empreendidas para confirmá-la, a afinidade vai definhando, murchando e se deteriorando até se desintegrar. A intenção de manter a afinidade viva e saudável prevê uma luta diária e não promete sossego à vigilância. (p. 46)

A relação se mantém quando cada uma das partes resolve permanecer, quando cada uma decide investir e trabalhar na manutenção do projeto. Arrebatados pelo cotidiano, por eventos dramáticos ou catastróficos (não importa de que ordem), os envolvidos podem ser provocados a um confronto com o outro e consigo mesmos, e o posicionamento será obrigatório: ele é uma exigência da realidade. A história de Castanheira mostrou bem como o momento de traição convocou as presenças para se ocuparem de seus destinos. Com Polyanna não foi diferente: diante das circunstâncias, houve a necessidade de reafirmação do programa conjugal.

A elaboração de tais experiências nem sempre embala o julgo dos ocorridos em termos de afirmação direta de permanência, como se passou com os dois entrevistados anteriormente aludidos. Muitas vezes, as pessoas extraem sentidos diversos que estimulam as novas decisões de continuidade de forma fluida. Em circunstâncias similares às que estão contidas nas histórias de Castanheira e Polyanna, há um crivo de juízo dado pela razão àquilo que se vive. Contudo, as variadas formas de manifestação não deixam de retratar a amplitude das experiências, dos horizontes próprios e das relações que se inserem.

Por fim, a abertura também está na superação do medo essencial ou no diálogo com ele. A atração pelo apaixonamento é enorme, assim como é o desejo de escapar dele, por todas as consequências desconhecidas com que o compromisso e a convivência (por ventura duradoura) podem presentear. Então, a pessoa vive um meio-termo emocional, tentando encontrar “a solução do problema da quadratura do círculo: comer o bolo e ao mesmo tempo conservá-lo”. (Bauman, 2004, p. 9).

De uma forma geral, seria negligente deixar de discutir as implicações das produções de juízo sobre a permanência nos relacionamentos amorosos conjugais duradouros. Estas ponderações dizem respeito à atitude de abertura frente às decisões que determinam o norte das relações e valem para se pensar sobre o que abarcam os relacionamentos conjugais duradouros.

5.4.2 Abertura como acontecimento do duradouro

Na oscilação entre campo subjetivo e o que o transcende, a realidade que está posta traz uma verdade para além da decisão da pessoa. Sim, pois o decidir ocorre em um plano que é igualmente abertura antecipada à decisão de permanência nos relacionamentos. O duradouro aponta para o abrir-se ao amor (e, em consequência, ao continuar amando), neste movimento que é criatividade e geração.

Embora todo o impulso criativo seja sedento de realização e naturalmente estruturante, já se discutiu o quão desromantizada essa experiência se torna. Afinal, na relação, estão envolvidos dois seres que são incógnitas, ao passo que amar significa abrir-se inteiramente a um destino (Bauman, 2004), o que vindica admitir a imprevisibilidade, a indeterminação, o controle e a incerteza.

O futuro é um enorme mistério, assim como a alteridade também o é, o que a configura, desse modo, como impenetrável. Depurar-se com o duradouro é compreender que aquela relação só permaneceu por via de uma brecha para o porvir. Peter (2005), recorrendo às ideias de Viktor Frankl, diz que o homem é transcendente, ou seja, dirige-se ao mundo, sendo este um espaço denso de seres e de significados a serem realizados. Ele explica melhor sobre essa transcendência quando afirma que ela “não é completa até se tornar abertura radical e total rumo ao significado último e absoluto”. (p. 25). Em seguida, afirma que há uma insuficiência antropológica na psicologia contemporânea, o que remonta às considerações

sobre, primeiramente, a dimensão do espírito na condição humana. Mas a carência de fontes para se chegar às essências também indica o que falta ser discutido e que está para além do subjetivo.

Mahfoud (2012) chama atenção para o ponto imprescindível da espera, que também se configura como abertura. Articula o sentido com a expectativa de uma correspondência de algo que valha a pena e que seja realizador. Seu ponto de vista fica mais claro quando fala de como isso acontece a partir do contato com outra pessoa:

O encontro com uma pessoa significativa inaugura muitas promessas, abre muitas expectativas. E essa experiência de abertura a uma resposta que você identifica também é uma realização. A realização não ficará reservada apenas para depois de anos, quando se cumprirem aquelas promessas que você vislumbrou naquele início de relacionamento. Aquela experiência de abertura, concreta, ainda que limitada, aquela experiência real de amor o abre e lhe possibilita uma dada experiência de realização dentro de um caminho de realização sempre maior. (p. 211)

Amar alguém quer dizer distinguir alguém do resto das pessoas. Bauman (2004) entende que ao transformar alguém em uma pessoa definida, está-se ao mesmo tempo indefinindo o futuro e sendo conivente com sua própria indefinibilidade. Abertura é acatar essa torrente de possibilidades que se instanciam como desembargos para a experiência do amor a dois em regime conjugal duradouro.

Buber (1923/2015) usa o termo “relação dialógica” para designar a qualidade da relação que é totalidade e fundamento da existência do homem. Este autor apresenta sua noção de outro enquanto aquele que não se reduz a um mero objeto. Essa experiência estruturante se concretiza na confirmação mútua entre dois parceiros através de abertura. Von Zuben (1981) reafirma o “entre” colocado por Buber enquanto o local mais importante da relação, no qual acontecem os eventos autenticamente humanos. Sobre o amor, Buber (1923/2015) profere: “o amor acontece (. . .) Não está ligado ao Eu de tal modo que o Tu fosse considerado um conteúdo, um objeto: ele se realiza, *entre* o Eu e o Tu”. (p. 59).

O amor, nesse ponto de vista, é um formador de vínculos e ultrapassa o sentimento, tornando-se uma forma de fazer laços em uma experiência social que acontece e que representa uma abertura elementar. Indispensável, então, se tornou a presente possibilidade de investigação do espaço em que ele acontece e os indícios que deu sobre suas facetas.

5.5 Síntese da experiência-tipo dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros

Toda a construção realizada desde as entrevistas, a seleção daquelas que mais nitidamente revelavam o fenômeno a ser estudado, suas transcrições e análises, até a discussão dos eixos permitiram uma produção de síntese da estrutura da experiência de relacionamento amoroso conjugal duradouro, ou melhor, puderam propiciar a compreensão de uma experiência-tipo desses relacionamentos. Significa dizer que se alcançaram especialmente os objetivos de clareza sobre o caráter do duradouro a partir da perspectiva da pessoa.

Com reparo na dinâmica da experiência, constatou-se uma qualidade presente nessas relações. O desromantizado se destacou como resultante de uma série de condições sugestivas de uma experiência desprovida de determinação e certeza. Por outro lado, também se mostrou carente de idealização e importância sobrenatural, as quais são características que eventualmente fazem parte de relacionamentos em processo de adesão e engajamento ou daqueles que lamentavelmente não conseguem se descolar de elementos fantasiosos.

Com efeito, o desromantizado é definitivamente parte dessa experiência-tipo. Entretanto, coexiste e interage com a abertura que se sustenta enquanto decisão e acontecimento, na qual alguém a expressa em ação de posicionamento ou que, de repente, é vista como o algo que antes da decisão já funda as relações e o seu durar. É a abertura que coloca os seres diante do mistério vindouro. Enfim, o amor desromantizado e a abertura são os componentes mais essenciais da estrutura do relacionamento amoroso conjugal duradouro.

A experiência de duradouro enquanto estruturante da pessoa confere orientação que articula os elementos encontrados – na medida em que demonstra como vivenciar essa configuração, especialmente através de segurança e busca de conhecimento – é uma bússola para o sentido, que é produzido com a condição da abertura e por meio do desromantizado – pura evidência de realidade e condição existencial na vida experimentada com o outro em conjugalidade.

O “nós” vivido no duradouro é uma unidade que detém suas especificidades e que realiza o sentido no compartilhar das experiências vividas cotidianamente, as quais variam em sua natureza e acometem as partes e a unidade de modos múltiplos e inconstantes, mas que, de alguma forma, edificam aqueles que permanecem juntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É chegada a hora de realizar um apanhado sobre o que de mais valioso foi colhido nessa trajetória e fazer os arranjos finais em relação aos resultados encontrados. O tracejo de arremates na presente produção deve auxiliar conclusões e, quem sabe, provocações para se pensar a respeito de amores conjugais duradouros, principalmente nos dias atuais.

Uma grande vitória está na abordagem segundo o ponto de vista da pessoa, quer dizer, tendo como princípio e centralidade a experiência de quem vive os relacionamentos no modelo estudado. Mas buscá-la é justamente o que ela necessita para escorrer pelas mãos: só se mostra por meio de uma contemplação que permite sua emergência. Isso é um contraponto em relação a formulações prévias, conceitos pré-fabricados e hipóteses e faz com que carreguem uma grande riqueza, além de gozar de uma complexidade suntuosa, aspecto que igualmente marca o trabalho enquanto análise fenomenológica.

A ciência está extenuada de análises externas e pré-fixadas, que negligenciam a amplitude da experiência e as essências verdadeiras dos fenômenos, por fomentarem postulações que infeccionam a amostra e o mostrado, pervertendo a verdade dos resultados. Sendo assim, as novidades são escassas e os produtos finais são repetitivos e encerrados, normalmente opacos à visibilidade do horizonte dos acontecimentos. Isso confirma como a produção tem potencial de contribuição para o objeto estudado.

A experiência de relacionamento amoroso conjugal duradouro é provida de uma dinâmica própria, e estudá-la demandou disponibilidade para um aprofundamento trabalhoso e prolongado, para que se alcançassem suas propriedades mais essenciais. O jogo semântico de aproximação, a redução fenomenológica, a suspensão de juízos e o repouso do tempo para incitar novas aberturas fizeram parte de um processo exaustivo, mas não menos gratificante, que culminou em resultados instigantes.

Das unidades de sentido apreendidas com base nas experiências subjetivas presentes nos depoimentos, acompanhou-se o movimento de mostra do duradouro, que acabou por se situar entre os domínios do desromantizado e da abertura. Esse foi o ponto central do encontrado, por compreender os dois referidos elementos enquanto estruturantes da experiência investigada, classificada como *experiência-tipo dos relacionamentos amorosos conjugais duradouros*.

Discutido e apresentado, um dos eixos de análise encontrou a segurança e a busca pela verdade como pilares fundamentais. Em exame minucioso, o ponto mais avançado de precisão da investigação apontou tal busca pela verdade e segurança não como estruturas da experiência do amor conjugal duradouro (como a abertura e o desromantizado o são), porém como condições para que ela se dê, sendo, assim, articuladoras e produtoras de movimento, em si. Ou seja, sem segurança e busca não se vive o duradouro, já que as duas visam à estrutura subjetiva. Daí a possibilidade de pensar o âmago da experiência de duradouro, ou a estrutura dela.

O envolvimento em relacionamento amoroso conjugal duradouro denuncia que a busca da estrutura se faz presente, objetivando uma realização em um universo de sentidos para se estar diante da vida e da realidade, uma realidade atual vivida como vazia e sem sentido, que obriga a pessoa a experimentar o desamparo e a solidão. A partir desse ângulo, há uma certeza de que não é fácil assumir uma relação, pois há um medo essencial, embora também haja o desejo de viver menos só, o desejo de se relacionar profundamente com alguém com quem se possa compartilhar a vida e que ajude a produzir sentido. Pois se há inerentemente um impedimento para começar, tão ou mais árdua é a tarefa de manter e prosseguir os relacionamentos.

Por outro lado, constata-se que algumas pessoas transpõem essa barreira, sendo exemplos de participantes de relacionamentos amorosos conjugais duradouros e, por tal motivo, alvos de interrogação. E elas demonstraram que, em seus casos, os problemas pré-relacionamento e os que acontecem durante eles – os quais caracterizam a relação como desromantizada – não são suficientes para paralisar o investimento a dois. Os empecilhos acabam sendo submissos ao desejo de estrutura, à busca de segurança e das verdades da vida. Nos casos dessas pessoas, a abertura é soberana.

A base desses relacionamentos duradouros foi indispensável para a compreensão do aspecto desromantizado, na medida em que seus pormenores se relacionavam a obstáculos, incômodos, sofrimentos ou irritações que pareciam ser próprios de tal composição (e que posteriormente se confirmaram como tais). As sutilezas do duradouro foram acompanhadas por meio da elaboração das experiências sobre o corriqueiro e cotidiano da relação, comportando ou não eventos de importância destacada para os entrevistados.

Acontece que, fenomenologicamente, a grande chave se encontra no sentido do conteúdo, e não no conteúdo em si, de maneira que ouvir o impacto de acometimentos

particulares não ganhou hipervalorização em detrimento do conteúdo total. Este último é que precisou ser cuidado, para que suas propriedades pudessem “abrir” o cenário para o que era realmente importante: o correlato do duradouro do amor conjugal.

Também ficaram absolutamente claras a inconstância e a indeterminação, assim como a desidealização presentes enquanto partes do desromantizado identificado. Quanto a este, há uma sinalização importante a ser feita.

Existe uma situação ambígua que, ao ser constatada, vindica exposição: o desromantizado é ao mesmo tempo velho e novo, por se assemelhar ao que era experienciado na tradição e concomitantemente ser elemento de ruptura de algo. A explicação é a que segue: em primeiro plano, é velho e igual no sentido de remontar ao tempo dos casamentos arranjados e da convivência forçada com o “estranho” designado para a conjugalidade. Um dos lados se refere à crua realidade, que repelia o belo, o ideal, o encontro, e, ao olhar direto, era uma pura dinâmica desromantizada; o outro se refere à transgressão em relação ao amor-romântico que acompanha a concepção do amor ao longo da história. Resumidamente: o desromantizado não é novo em regime conjugal, mas parece sê-lo em novas observações sobre o amor conjugal. Se não o é, talvez permanecesse encoberto e só agora esteja ensaiando aparição nesse terreno.

A abertura, sendo ela outra característica da experiência-tipo, promove a ampliação de horizontes e favorece a entrega. Ela se torna substancial ao movimento de amar e ao durar, recaindo para o loco do confronto entre decisão e acontecimento.

Do ponto de vista subjetivo, falar de abertura significa pensar e ponderar a decisão de prosseguimento. Esse ato, por sua vez, requer uma problematização de sentido, momento em que, diante de um estímulo específico, a pessoa se coloca frente a si mesma, no exercício do enfrentamento de sua realidade existencial. Essa problematização ocorre em diversas situações, contudo não foi observada enquanto prerrogativa nos relacionamentos amorosos conjugais duradouros. Por isso, a abertura no âmbito subjetivo é real e pode tomar lugar, mas não explica efetivamente o duradouro em sua essência. Às vezes, as relações prosseguem sem que a questão da continuidade seja colocada em pauta.

O que está em andamento, portanto, é a discussão da abertura como elemento prévio e que reúne extratos para a contemplação de um acontecimento. Há uma mútua relação entre subjetivo e objetivo, entretanto, a realidade do fenômeno ultrapassa o subjetivo. De forma geral, a questão do duradouro não é uma resposta à problematização de sentido porque não

define o caráter dessa experiência. Quando acontece, aponta uma pessoa que se abriu a produzir um sentido e o fez manifestando busca e necessidade por uma verdade. Quando não acontece, a segurança passa a ser protagonista, permitindo que a duração aconteça sem confronto, mas garantindo também a estruturação: o duradouro é estruturação.

Logo, em retorno à abertura, admite-se a transcendência e a constatação de sua realidade enquanto dada, enquanto território precedente ao subjetivo, no lugar onde este subjetivo acontece. É lançar olhar contemplativo para notar que ela já está no duradouro e independe de decisões. Isso é uma constatação coerente quando se capta a noção de que a problematização de sentido é sempre transição e não permanência. Se o duradouro é permanência, como decretar a regra de que a problematização de sentido seria algo intrínseco? Ela não pode ser adotada dessa forma.

Pois bem, a conclusão é que o duradouro não remete para uma produção. Muito antes pelo contrário, é vivido como acontecimento em que cada qual e de uma maneira recíproca vive abertura para o acontecimento que não é produzido. E o que orienta o duradouro? O que orienta o permanecer? A resposta é: o caminho em direção a uma estruturação de si. No caso deste trabalho, esclareceu-se que se trata de uma procura existencial que é estruturação subjetiva.

Em direção a um fechamento, prezou-se pelo cuidado e detalhamento descritivo no entendimento da realidade do duradouro dos relacionamentos amorosos conjugais, almejando aclarar seus aspectos significativos. O intento proporcionou uma ampliação da complexidade do fenômeno e deixa uma reflexão final acerca da realidade de tais relacionamentos.

Duradouro ou não, inexitem fórmulas e receitas para controlar o amor em sua essência. Esse desfecho de uma ideia também desromantizada não deve ser encarado como ultraje, mas sim enquanto a verdade mais simples, antiga e agora renovada sobre o fenômeno. Tampouco a abertura pode ser agarrada: ainda que exista a chance de voluntariamente abrir-se em operação de decisão, há uma mistura de responsabilidade com hesitação, por localizar-se também em meio a obscurantismos e ares nebulosos, demonstrando que há uma parcela de indeterminação e descontrole também sobre ela.

Em palavras finais, as possibilidades se tornam numerosas ao mesmo tempo que se estendem uma acessibilidade e uma inteligibilidade maiores sobre o fenômeno. O que foi comunicado inicialmente a um entrevistador se torna produto de comunicação a todos, e oxalá

estes, talvez em suas parcelas de responsabilidade, pratiquem o treinamento da abertura para beneficiarem-se com o que o amor ensina, sobretudo o de âmbito conjugal e duradouro.

Os relacionamentos amorosos duradouros podem ser comparados ao mar, com toda sua infinitude, que toca um horizonte de possibilidades. Com toda a diversidade de formas de vida, ao imergir, clama um olhar aberto. Entrar ou não para um mergulho pode ser uma opção, mas há muitos que já se veem envolvidos pela água no momento em que se dão conta. Contudo, desastroso seria se não houvesse recursos para não se afogar, pois, caso contrário, isso significaria a morte (afogamento como colapso). Uma boia seria suficiente para garantir o conforto e a segurança, ao passo que a habilidade de nadar, a ser adquirida ou já desenvolvida, é um conhecimento que permite a busca por verdades sobre a água, permitindo o ir e vir, no movimento da exploração.

Pois bem, o panorama parece atrativo e encantador, mas a água é fria, imprevisível, e a vida marinha, sempre uma surpresa. Se a existência dos recursos de proteção conferiu mais segurança, eles não parecem, contudo, ser o suficiente: existem as falhas, as reações corporais, as ameaças climáticas, e o mínimo a saber é que eventualmente qualquer pequena onda pode desprevenidamente provocar uma ingestão de água. Já não bastasse tudo o que pode acometer a um, ainda há o parceiro junto ao qual se nada, para quem se aplicam os mesmos riscos: mais uma fonte de preocupação do companheiro de aventura que o ama e quer estar ali, dividindo um momento que, segundo o desejo, quiçá recíproco, deve durar ad infinitum.

REFERÊNCIAS

- Albertoni, L. B. (2011). As atitudes transferenciais e a ACP. *Revista do NUFEN*, 3(1), 65-91.
- _____. (2013). Empatia e neurociência: uma revisão de conceitos e estudos rumo a um confronto com a moralidade. In J. P. Giovanetti (Org.), *I Congresso Internacional de Psicologia Existencial e III Congresso Brasileiro de Psicologia Existencial: diálogo existencial-humanista e focusing* (pp. 113-127). Belo Horizonte: FEAD.
- Ales Bello, A. (2004). *Fenomenologia e ciências humanas: psicologia, história e religião*. (M. Mahfoud, & M. Massimi, trads.). Bauru: EDUSC.
- _____. (2006). *Introdução à Fenomenologia*. (I. J. T. Garcia, & M. Mahfoud, trads.) (M. Mahfoud, & S. M. Maximino, Eds.). Bauru: EDUSC.
- Agamben, G. (2010). *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó: Argos.
- Alves, V. L. P. (2015). *Receitas para a conjugalidade: uma análise da literatura de autoajuda*. São Paulo: Annablume.
- Amatuzzi, M. M. (1996). Apontamentos acerca da pesquisa fenomenológica. *Estudos de psicologia*, 13(1), 5-10.
- _____. (2008). *Por uma psicologia humana* (2a. ed.). Campinas: Alínea.
- _____. (2009). Psicologia fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. *Estudos de psicologia (Campinas)*, 26(1), 93-100.
- Andrade, C. C., & Holanda, A. F. (2010). Apontamentos sobre pesquisa qualitativa e pesquisa empírico-fenomenológica. *Estudos de psicologia. (Campinas)*, 27(2), 259-268.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77.

- Assis, M. D. F. P. de, & Oliveira, M. L. de (2010). Por uma história da sexualidade entre Freud e Foucault: costuras e alinhavos. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, 4(3).
- Augras, M. (1995). *Psicologia e Cultura: alteridade e dominação*. Rio de Janeiro: Nau.
- Barceló, T. (2008). *Entre personas: una mirada cuántica a nuestras relaciones humanas*. Espanha, Bilbao: Desclée De Brouwer.
- Barreira, C. R. A., & Ranieri, L. P. (2013). Aplicação de contribuições de Edith Stein à sistematização de pesquisa fenomenológica em psicologia: a entrevista como fonte de acesso às vivências. In M. Mahfoud & M. Massimi (Eds.), *Edith Stein e a psicologia: teoria e pesquisa* (pp. 449-466). Belo Horizonte: Artesã.
- Barros, J. D. A. (2011). O amor cortês – suas origens e significados. *RAÍDO*, 5(9), 195-216.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. (A. Mourão, trad.). Rio de Janeiro: Elfos; Lisboa: Edições 70. (Tradução do original em francês *La société de consommation*). (Trabalho original publicado em 1929)
- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. (M. Gama & C. M. Gama, trads.). Rio de Janeiro: Zahar. (Tradução do original em inglês *Postmodernity and its Discontents*).
- _____. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. (C. A. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Tradução do original em inglês *Liquid love*).
- _____. (2007). *Tempos líquidos* (C. A. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Tradução do original em inglês *Liquid Times: Living in an Age of Uncertainty*).
- _____. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. (C. A. Medeiros, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Tradução do original em inglês *Consuming Life*).
- Beauvoir, S. de. (1990). *O segundo sexo: a experiência vivida* (Vol. 2, 9a. ed.). (S. Milliet, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

- Bittencourt, R. N. (2010). A estrutura simbólica da vida líquida em Zygmunt Bauman. *Revista de Filosofia – Argumentos*, ano 2, n. 4.
- Bock, A. M. B. (2004). A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para a psicologia atual. *Psicologia para América Latina*, (1), 1-10.
- Buber, M. (2015). *Eu e tu*. (10a. ed). (N. A. von Zuben, trad). São Paulo: Centauro. (Tradução do original em alemão *Ich und du*). (Trabalho original publicado em 1923)
- Caldas, W. (2009). 1968 – A referência da revolução. *Estudos de Sociologia*,14(26).
- Cardim, P. (1999). Amor e amizade na cultura política dos séculos XVI e XVII. *Lusitania Sacra*. Lisboa. 2(11), 21-57.
- Cardoso, C. L. (2007). *Um estudo fenomenológico sobre a vivência de família: com a palavra, a comunidade*. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Contemporâneo (2015). In *Dicionário Michaelis de Português Online*. Recuperado em 04 de junho de 2015, de <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>.
- Costa, S. (2005). Amores fáceis: romantismo e consumo na modernidade tardia. *Novos estudos-CEBRAP*, (73), 111-124.
- Cristófano, S. (2012). O amor trágico entre D. Pedro e Inês de Castro: o diálogo entre a literatura portuguesa e a história do povo lusitano. *Revista História & Perspectivas*, 25(46).
- Del Priore, M. (2005). *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto.
- _____. (2001). Homens e mulheres: o imaginário sobre a esterilidade na América portuguesa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, 8(1), 98-112.
- _____. (1999). Viagem pelo imaginário do interior feminino. *Revista Brasileira de História*, 19(37), 179-194.

- Diehl, A. (2002). O homem e a nova mulher: novos padrões sexuais de conjugalidade. In A. Wagner (Org.), *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 135-158). Petrópolis: Vozes.
- Duby, G. (1989). *Idade Média, idade dos homens*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394.
- Féres-Carneiro, T., & Magalhães, A. S. (2003). Conjugalidade e subjetividades contemporâneas: o parceiro como instrumento de legitimação do “eu”. In *Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial*, Rio de Janeiro.
- Foucault, M. (1988). *História da sexualidade: vontade de saber* (Vol. 1, 14a. ed.). Rio de Janeiro: Graal.
- Frankl, V. (2015). *Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração*. (37a. ed.). (W. O. Schlupp & C. C. Aveline, trads.). São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1977)
- Freud, S. (2002). *O mal-estar na civilização*. (J. O. A. Abreu, trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Tradução do original em alemão *Das Unbehagen in der Kultur*). (Trabalho original publicado em 1930)
- Garcia-Roza, L. A. (2004). Pulsão e representação. In *Freud e o inconsciente* (20a. ed., pp. 113-138). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Garnica, A. V. M. (1997). Algumas notas sobre pesquisa qualitativa e fenomenologia. *Interface – Comunicação, Saúde e Educação*, São Paulo, 1(1).
- Gaspar, Y. E., & Mahfoud, M. (2010). Contribuições da fenomenologia para apreensão da articulação entre subjetividade e cultura: desafios e possibilidades. In IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos, 2010, Rio Claro. *Anais...* São Paulo: SE&PQ.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. (M. Lopes, trad.). São Paulo: UNESP. (Tradução do original em inglês *The Transformation of Intimacy*).

- Giussani, L. (2009). *O senso religioso*. (P. A. E. Oliveira, trad.). Brasília: Editora Universa.
- González Rey, F. (2007). As categorias de sentido, sentido pessoal e sentido subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. *Psicologia da Educação*, (24), 155-179.
- Guardini, R. (2002). O encontro. In L. Cogo, & C. C. C. Chaves (Orgs.), *Curso de Extensão em Educação Infantil* (pp. 204-212). Belo Horizonte: AVSI.
- Husserl, E. (2006a). *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. (M. Suzuki, trad.). Aparecida: Ideias & Letras (Trabalho original publicado em 1952)
- _____. (2006b). Renovação como problema ético-individual. In *Europa: crise e renovação* (pp. 39-62). (P. M. S. Alves & C. A. Morujão, trads.). Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa. (Trabalho original publicado em 1924)
- Illouz, E. (2011). *O amor nos tempos do capitalismo*. (V. Ribeiro, trad.). Rio de Janeiro: Zahar. (Tradução do original em alemão *Gefühle in Zeiten des Kapitalismus*).
- Junior, C., Ernesto, N., & Figueiredo, L. C. (2004). Figuras da intersubjetividade na constituição subjetiva: dimensões da alteridade. *Interações*, 9(17), 9-28.
- Latour, B. (2009). *Jamais fomos modernos*. (2nd ed.). (C. I. da Costa, trad.). Rio de Janeiro: Editora 34.
- Lipovetsky, G. (1989). *A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo*. (M. S. Pereira, & A. L. Faria, trads.). Lisboa: Relógio D'Água (Trabalho original publicado em 1983)
- _____. (2009). *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades* (M. L. Machado, trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Tradução do original em francês *L'Empire de l'éphémère: La Mode et son destin dans les sociétés modernes*). (Trabalho original publicado em 1987)

- _____. (2004). *Os tempos hipermodernos*. (M. Vilela, trad.). São Paulo: Barcarolla. (Tradução do original em francês *Les temps hypermodernes*).
- Mahfoud, M. (2012). *Experiência elementar em psicologia: aprendendo a reconhecer*. Brasília: Universa; Belo Horizonte: Artesã.
- Mahfoud, M., & Massimi, M. (Orgs.) (2013). *Edith Stein e a Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Belo Horizonte: Artesã Editora.
- Nasio, J.-D. (1997). O conceito de sublimação. In *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise* (pp.77-89). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Neves, A. S. A. das (2007). As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do “amor confluyente” ou o retorno ao mito do “amor romântico”? *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 609-627.
- Oltramari, L. C. (2009). Amor e conjugalidade na contemporaneidade: uma revisão de literatura. *Psicologia em Estudo*, 14(4), 669-677. Rio de Janeiro: Vozes.
- Peter, R. (2005). *Viktor Frankl: a antropologia como terapia*. (2a. ed.). (T. C. Stummer, trad.). São Paulo: Paulus. (Tradução do original em espanhol *Viktor Frankl: la antropologia como terapia*).
- Platão (2008). *O Banquete*. (J. C. de Souza, trad.). Rio de Janeiro: Difel.
- Prado Filho, K., & Martins, S. (2007). A subjetividade como objeto da(s) psicologia(s). *Psicologia & Sociedade*, 19(3), 14-19.
- Pretto, Z., Maheirie, K., & Toneli, M. J. F. (2009). Um olhar sobre o amor no ocidente. *Psicologia em estudo*, 14(2), 395-403.
- Rogers, C. R. (1976). *Novas formas de amor: o casamento e suas alternativas*. (3a. ed.). (O. M. Cajado, trad.). Rio de Janeiro: J. Olympio. (Tradução do original em inglês *Becoming Partners: Marriage and its Alternatives*).
- _____. (2001). *Sobre o poder pessoal*. (4a. ed.). (W. M. A. Penteadó, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Tradução do original em inglês *Carl Rogers on Personal Power*).

- Rogers, C. R., & Kinget, G. M. (1977). *Psicoterapia e relações humanas*. (Vol.1, 2a. ed.). (M. L. Bizotto, trad.). Belo Horizonte: Interlivros. (Tradução do original em francês *Psychothérapie et relations humaines*).
- Rüdiger, F. (2012). O amor no século XX. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, 24(2), 150.
- Sacramento, S. (2006). O amor em terras brasileiras. *Revista Estudos Feministas*, 14(1), 319-323.
- Saint-Arnaud, Y. (1984). *A pessoa humana: introdução ao estudo da pessoa e das relações interpessoais*. (2a. ed.). São Paulo: Edições Loyola.
- Santos, A. M. A. F. D. dos (2005). *Inês de Castro: o tema inesiano na Historiografia Romântica*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto.
- Santos, M. F. dos (2012). *Invasão vertical dos bárbaros*. São Paulo: É Realizações.
- Sartre, J. P. (2013) *O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica*. (13a. ed.). (P. Perdigão, trad.). Rio de Janeiro: Vozes. (Tradução do original em francês *L'être et le néant – essai d'ontologie phénoménologique*). (Trabalho original publicado em 1943)
- Simmel, G. (2006). Psicologia do Coquetismo. In *Filosofia do amor* (pp. 93-111). São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1909)
- Smith, J. A., & Eatough, V. (2010). Análise Fenomenológica Interpretativa. In G. Breakwell, C. Fife-Schaw, S. Hammond, & J. A. Smith (Orgs.), *Métodos de pesquisa em Psicologia* (pp. 322-339). (F. R. Elizalde, trad.). Porto Alegre: Artmed.
- Souza, J. C. A. de (2005). *O Projeto da Modernidade: autonomia, secularização e novas perspectivas*. Brasília: Liber Livro.
- Stein, E. (2003). Estructura da la persona humana. In E. Stein. *Obras completas. Vol. IV: Escritos antropológicos y pedagógicos* (pp. 555-749). Vitória: Ed. El Carmen; Madrid: Ed. De Espiritualidad; Burgos: Ed. Monte Carmelo.

- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S., & Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em psicologia*, 71-92.
- Vahle, M. & Santos, E. M. (2014). Entre Freud e Foucault: confissão e sexualidade. *Clínica & Cultura*, 3(1), 3-16.
- Vaitsman, J. (1995). Subjetividade e paradigma de conhecimento. *Boletim Técnico do SENAC*, 21(2).
- van der Leeuw, G. (1964). *Fenomenología de la religión*. (E. de la Peña, trad.) Fondo de cultura Económica. (Trabalho original publicado em 1933)
- Vieira, É. D., & Stengel, M. (2012). Individualismo, liberdade e insegurança na Pós-modernidade. *ECOS-Estudos Contemporâneos da Subjetividade*, 2(2), 345-357.
- Von Zuben, N. A. (1981). O primado da presença e o diálogo em Martin Buber. In Encontro Internacional de Filosofia da Linguagem, 1981, Campinas. *Anais...* Campinas: CLE.
- Wagner, H. R. O (Org.). (1979). *Fenomenologia e Relações sociais: textos escolhidos de Alfred Schutz*. (Å. Melin, trad.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.

ANEXOS

Anexo 1

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a): o Sr(a). está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), em uma pesquisa. Após ser esclarecido(a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte desta pesquisa, assine ao final deste documento, que terá duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável. Em caso de dúvida, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável e/ou com o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais, na Av. Presidente Antônio Carlos, 6.627 / Unidade Administrativa II / 2º andar / Sala 2005 / CEP 31270-901 / Belo Horizonte-MG / Telefax: 3409-4592 / E-mail: coep@prpq.ufmg.br

1. INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA

Título do projeto: “Relacionamento amoroso conjugal duradouro na contemporaneidade: uma análise fenomenológica de vivências”

Pesquisador: Lucas Baptista Albertoni. Tel: (31) 99954-4995 / E-mail: lucasalbertoni@gmail.com

Orientador(a) da pesquisa: Prof.^a Dr.^a Sônia Regina Corrêa Lages (Prof.^a do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFMG). Tel: (31) 8597-8524 / E-mail: sonialages@ig.com.br

A presente pesquisa tem como objetivo investigar a experiência de sentido em relacionamentos amorosos conjugais duradouros. Para tanto, serão entrevistadas pessoas que residem em Belo Horizonte, vivem relacionamentos conjugais, declaram que há amor em sua relação e a consideram duradoura.

A participação na pesquisa se dá por livre decisão. Portanto, sua participação não é obrigatória. Se concordar em participar, você concederá uma ou mais entrevistas, que serão realizadas, gravadas, transcritas e utilizadas pelo mestrando como material de pesquisa. Apenas informações relacionadas aos objetivos da pesquisa serão utilizadas para fins de análise e como conteúdo da dissertação de mestrado e/ou como parte de publicação relativa à pesquisa.

As entrevistas coletadas irão subsidiar trabalhos acadêmicos que serão divulgados em congressos/eventos/fóruns científicos e publicados em artigos científicos.

Assumimos o compromisso de não divulgar quaisquer dados que sejam considerados sigilosos pelos entrevistados e pela instituição responsável, uma vez que não é esse o nosso objetivo. O entrevistado pode deixar de responder qualquer pergunta que considere não pertinente. Não existe nenhum risco quanto à saúde do sujeito voluntário. Também não haverá nenhuma despesa ou gratificação.

As entrevistas só serão realizadas com o consentimento dos sujeitos. A qualquer momento o voluntário pode desistir da pesquisa/entrevista e não querer continuar prestando as informações. Essa atitude não acarreta qualquer prejuízo/punição ao participante.

Lucas Baptista Albertoni

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**2. CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO**

Eu, _____, RG: _____, abaixo assinado, declaro ter sido informado(a) dos procedimentos/conteúdo/objetivos da pesquisa, e concordo em participar como voluntário(a) no projeto de pesquisa anteriormente descrito. Estou ciente de que os dados poderão ser divulgados através de publicações em revistas e eventos científicos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade.

Belo Horizonte, ____/____/____.

Assinatura: _____

Presenciamos a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do sujeito em participar:

Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores)

Nome: _____.

Assinatura: _____.

Nome: _____.

Assinatura: _____.

Anexo 2



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - COEP

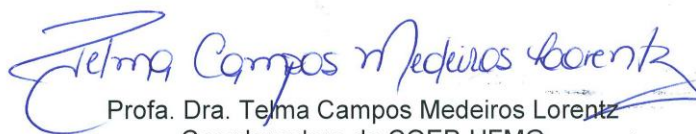
Projeto: CAAE – 49666215.3.0000.5149

Interessado(a): **Profa. Sonia Regina Correa Lages**
Departamento de Psicologia
FAFICH- UFMG

DECISÃO

O Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG – COEP aprovou, no dia 14 de março de 2016, o projeto de pesquisa intitulado "**Relacionamento amoroso conjugal duradouro e sentido na contemporaneidade**" bem como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O relatório final ou parcial deverá ser encaminhado ao COEP um ano após o início do projeto através da Plataforma Brasil.



Profa. Dra. Telma Campos Medeiros Lorentz
Coordenadora do COEP-UFMG